



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIA HUMANA
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOSSOCIOLOGIA DE
COMUNIDADES E ECOLOGIA SOCIAL - EICOS

JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO

O QUE NOS ENSINAM OS ÌTÁN?
A MITOLOGIA YORUBÁ COMO PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO AO
RACISMO RELIGIOSO

Rio de Janeiro

2023

JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO

O QUE NOS ENSINAM OS ÌTÁN?

A MITOLOGIA YORUBÁ COMO PROPOSTA DE ENFRENTAMENTO AO
RACISMO RELIGIOSO

Plano de defesa de dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – (EICOS), Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ecologia social, comunidades e sustentabilidade. Linha 1

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Samira Lima da Costa

Coorientadora: Prof.^a.: Dr.^a. Eliana Nunes Ribeiro

Rio de Janeiro

2023

CIP - Catalogação na Publicação

N244 Nascimento, Janete Baptista,
O que nos ensinam os Itán? A mitologia Yorubá
como proposta de enfrentamento ao racismo religioso
/ Janete Baptista, Nascimento. -- Rio de Janeiro,
2023.
118 f.

Orientadora: Samira Lima da Costa.
Coorientadora: Eliana Nunes Ribeiro.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do
Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia, Programa
de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e
Ecologia Social, 2023.

1. Racismo Religioso. 2. Metodologia Oracular.
3. Itán. 4. Psicossociologia de Comunidade. 5.
Quilombo. I. Costa, Samira Lima da, orient. II.
Ribeiro, Eliana Nunes, coorient. III. Título.

Elaborado pelo Sistema de Geração Automática da UFRJ com os dados fornecidos
pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Miguel Romeu Amorim Neto - CRB-7/6283.

JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO

O Que Nos Ensinam os Ìtán?

A Mitologia Yoruba Como Proposta de enfrentamento ao Racismo Religioso

Plano de defesa de dissertação de Mestrado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – (EICOS), Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito final à obtenção do título de Mestre.

Área de concentração: Ecologia social, comunidades e sustentabilidade. Linha 1

Data da Aprovação: 25 de maio de 2023.

Orientadora: Prof.^a. Dr.^a. Samira Lima da Costa

Coorientadora: Prof.^a.: Dr.^a. Eliana Nunes Ribeiro

Banca Examinadora:

Prof.^a. Dr.^a. Lucimara Rett -UFRJ

Prof. Dr. Celso Sanchez - UNIRIO

Prof. Dr.^a. Marcia Cabral da Costa- UFRJ

Prof. Dr. Emílio Carvalho - UFF

Dedico esta pesquisa a todas as mulheres pretas, que assim como eu, trabalham, estudam, criam os filhos, amam, rezam, e ainda tem tempo para sonhar.

AGRADECIMENTOS

Tomo aqui como empréstimo a cantiga de um caboclo amigo, pai e parceiro de caminhada, Sr. Reis das Nuvens. Quando finalizava sua gira, Ele se despedia e agradecia aos seus camaradas, dizendo versos, que agora também digo nesse fim de gira acadêmica para agradecer as/aos minhas/eus camaradas:

Agradeço a minha mãe Oswaldina, hoje minha ancestral, por me permitir estudar, por cuidar de mim por tantos anos e por ainda hoje está ao meu lado.

Agradeço a minha filha Alice, pela parceria de sempre, pelas noites acordada me fazendo companhia, enquanto matutava, essa pesquisa.

Agradeço a minhas irmãs e irmãos, seguimos juntas/os, sempre unidas/os.

Agradeço ao amigo Geraldo Bastos, por acreditar na realização desta pesquisa e me trazer de volta à Universidade.

Agradeço ao meu querido Babalorixá Paulo José Reis, pelo incentivo, na hora do desânimo, por ser o porta-voz dos Orixá na orientação dessa pesquisa. Por acreditar em minha capacidade, quando em muitos momentos eu mesma não acreditava, por partilhar conosco generosamente suas narrativas de Itán, por cuidar do meu Ori, com zelo e responsabilidade.

Agradeço ao Egbé Àlákòró, (irmãs, irmãos) pelos cuidados.

Agradeço às Egbon, Iwin Sade (Sonia Tavares), Iwin Funpe (Ariane Teles), Oba Siw Aju (Jorge Nobre), Cristiano Oliveira, (Bàbá Alatigberewa) pela participação nas narrativas.

Agradeço os quilombolas, Elisangela, Simone e Marta por contribuírem com as narrativas.

Agradeço aos meus queridos pais pequenos, Wilma (Iya Obá Funké) e Welington (Olu Toji), sempre zelando por mim, e me abençoado.

Agradeço as minhas sobrinhas e meus sobrinhos por estarem sempre ao meu lado.

Agradeço as minhas amigas, amigos, comadres e compadre que compreenderam minha ausência durante essa jornada.

Agradeço aos colegas do LABMEMS, pela acolhida e orientações.

Por fim, mas não menos importante, quero agradecer as minhas camaradas Prof.^a Dr.^a Samira Lima da Costa e Dr.^a Eliana Nunes Ribeiro, sem as quais nada ou quase nada do que está aqui registrado seria possível. Agradeço pela paciência, pelas orientações generosas, por acreditar nesta pesquisa.

Nesses versos de Caboclo, quero lhes dizer:

Deus lhe pague/ Deus lhe ajude/ Deus lhe dê felicidade e saúde

Oh Deus lhe pague, Deus lhe ajude Camaradas, Deus lhe dê felicidade e saúde!!

“A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe na humanidade. É a herança de tudo aquilo que nossos ancestrais puderam conhecer e que se encontra latente em tudo que transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.” (Amadou Hampatê Bâ)

RESUMO

NASCIMENTO, Janete Baptista. **O que no ensinam os Ìtán? A Mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento ao racismo religioso.** 2023. 118 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Este estudo pretende registrar as experiências vivenciadas pelos membros da Comunidade de Matriz Africana, Terreiro Ilé Aṣé Ògún Àlákòró, situado no Município de Magé – RJ, que estabelece uma relação com a comunidade remanescente do Quilombo de Bongaba, situada no seu entorno. Esta relação se dá através dos Núcleos de Atendimento relacionados aos Orixás Exu, Ògún, Xangô, Iemonjá e Oxum, numa perspectiva de contribuir para o fortalecimento da cidadania e da equidade, cabendo ainda nessa perspectiva o combate ao racismo religioso. Tendo em vista os diversos ataques que as religiões de matrizes africanas vêm sofrendo ao longo dos tempos, suscita-nos a necessidade de buscar pistas que possam contribuir para a resistência frente ao racismo religioso fruto do racismo estrutural e institucional, sendo assim, pretendemos através desse diálogo buscar entendimentos sobre como os Ìtán apresentados através desses Orixá, são acolhidos pela comunidade e como se dá essa aproximação dos remanescentes quilombolas com o terreiro e como os membros do terreiro veem a comunidade de seu entorno. Esta pesquisa tem caráter qualitativo e será desenvolvida através do método da narrativa temática e oracular dentro de um contexto de oralidade a partir da orientação dos Orixá. A pesquisa segue organizada a partir da linguagem dos terreiros com a colaboração dos/as autores, Bispo, Martins, e para a reflexão das questões relacionadas ao racismo e a intolerância religiosa nos apoiaremos nos estudos de Almeida, Nogueira, Souza, Kilomba, Simas e Rufino, Santos, Santos, Reis, dentre outras/os. Nesta pesquisa optamos por trabalhar com as narrativas dos Ìtán a partir da vivência do Babalorixá do terreiro, campo desta pesquisa, por entender que as narrativas do Babalorixá estão mais adequadas ao trabalho desenvolvido pela comunidade de terreiro. Nossa discussão pretende abordar as temáticas do racismo, do racismo religioso, participação social a partir da psicossociologia. Como resultado deste trabalho esperamos dá visibilidade para as ações desenvolvidas pelo terreiro, numa perspectiva de transformação social, política, cultural e de consciências, afim de que o conhecimento ancestral vivenciado pelo povo de santo possa contribuir para o combate ao racismo religioso e para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Palavras chaves: Candomblé; Ìtán; racismo religioso; psicossociologia de comunidade

ABSTRACT

NASCIMENTO, Janete Baptista. O que no ensinam os Ìtán? A Mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento ao racismo religioso. 2023. 118 f. Dissertação (Mestrado)-Curso de Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This study intends to register the experiences lived by the members of the African Matrix Community, Terreiro Ilé Aṣé Ògún Àlákòró, located in the Municipality of Magé - RJ, which establishes a relationship with the remaining community of Quilombo de Bongaba, located in its surroundings. This relationship takes place through the Service Centers related to the Orixás Exu, Ògún, Xangô, Iemonjá and Oxum, in a perspective of contributing to the strengthening of citizenship and equity, including the fight against religious racism. In view of the various attacks that religions of African matrices have been suffering over time, it raises the need to seek clues that can contribute to resistance against religious racism as a result of structural and institutional racism. This research has a qualitative character and will be developed through the method of thematic and oracular narrative within a context of orality based on the guidance of the Orixá. The research is organized from the language of the terreiros with the collaboration of the authors, Bispo, Martins, and for the reflection of issues related to racism and religious intolerance, we will rely on the studies of Almeida, Nogueira, Souza, Kilomba, Simas and Rufino, Santos, Santos, Reis, among others. In this research, we chose to work with the narratives of the Ìtán based on the experience of the Babalorixá in the terreiro, the field of this research, because we understand that the Babalorixá's narratives are more appropriate for the work carried out by the terreiro community. Our discussion intends to address the themes of racism, religious racism, social participation from the perspective of psychosociology. As a result of this work, we hope to give visibility to the actions developed by the terreiro, in a perspective of social, political, cultural and conscience transformation, so that the ancestral knowledge experienced by the santo people can contribute to the fight against religious racism and for the construction of a just and egalitarian society.

Keywords: Candomblé; Ìtán; religious racism; community psychosociology

LISTA DE FIGURAS

FIGURA.1. Pré -Vestibular Social	23
FIGURA.2. Território do entorno do terreiro	28
FIGURA.3. Território do entorno do terreiro	28
FIGURA.4. Mapa de Magé	29
FIGURA.5. Lixão de Magé	30
FIGURA.6. Dona Francisca	32
FIGURA.7. Plantio de mudas	33
FIGURA.8. Plantio de mudas	33
FIGURA.9. Vacinação contra Covid 19	36
FIGURA.10. Vacinação contra Covid 19	37
FIGURA .11. Solo sagrado do Terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró	37
FIGURA .12. Mapa de localização do terreiro	40
FIGURA .13. Jogo de búzios	48
FIGURA .14. Terreiro-Casa de Omolu	56
FIGURA .15. Exu	61
FIGURA. 16. Oficina de costura	63
FIGURA .17. Roda de conversa	68
FIGURA .18. Olhar sobre si	70
FIGURA .19. Ewe Toto (Folha de colônia)	104
FIGURA .20. Roda de conversa-plantas medicinais	104

LISTA DE SIGLAS

ACQUILERJ – Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos do Estado do Rio de Janeiro

APNs - Agentes de Pastoral Negros

COVID - Corona vírus Disease

INEA - Instituto Estadual do Ambiente

LABMEMS – Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis

NAM - Núcleo de Apoio à Mulher

NACO - Núcleo Ativo da Comunicação

NADETEC - Núcleo de Atendimento ao Desempregado e Estudos Tecnológicos

NAFE - Núcleo de Ativismo Feminino

NAFI - Núcleo de Atendimento à Família

NAJUR - Núcleo de Atendimento Jurídico

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro

UNB - Universidade de Brasília

UNEB - Universidade do Estado da Bahia

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1. A participação social comunitária na perspectiva da psicossociologia de comunidades a partir do estudo de autores latino-americanos e afro-diaspóricos	18
1.1. Entre Olhares Teóricos e Experiências	20
1.2. O Pré-Vestibular Quilombo Kilombar e a Participação Social	22
1.3. A Universidade é Para Todes?	23
CAPÍTULO 2.O que nos aconselham os búzios: Objetivos e Justificativas do Estudo	26
2.1. Objetivo	26
2.2. Justificativa	26
CAPÍTULO 3. O ILÊ DA PESQUISA: DESCRIÇÃO DO CAMPO	28
3.1. Bongaba: localização histórica e geopolítica	28
3.2. Quilombo de Bongaba (Kilombar)- Herança Ancestral	28
3.3 Ilé Aşé Ògún Àlákòró: Uma comunidade que se organiza através das narrativas sagradas diaspóricas – Itán.	37
3.4. Racismo religioso	40
CAPÍTULO 4: Confluências Metodológicas Oracular e Epistemológica	43
4.1. "(Contra) Metodologia"	43
4.2. Epistemologia oracular	48
CAPÍTULO 5. Xirê teórico	51
CAPÍTULO 6. Núcleos de Atendimento, Ação e Acolhimento do Ilé Aşé Ògún Àlákòró	56
6.1 NACO: Núcleo Ativo da Comunicação – Patrono Orixá Exu	57

6.2. NADETEC: Núcleo de Atendimento ao Desempregado e Estudos Tecnológicos – Patrono Orixá Ògún	61
6.3. NAJUR - Núcleo de Atendimento Jurídico – Patrono Orixá Xangô	64
6.4. NAFI - Núcleo de Atendimento à Família – Patronesse Orixá Yemojá	66
6.5. NAM - Núcleo de Apoio à Mulher – Patronesse - Orixá Oxum	68
CAPÍTULO 7. Ciência do Terreiro: O que nos ensinam os Ìtán?	71
CAPÍTULO 8. Cruzando Caminhos: às narrativas em diálogo com os Ìtán	80
8.1. Narrativas Internas	80
8.2. Narrativas dos moradores do Ilé Aṣé Ògún Àlákòró	87
8.3. Narrativas em diálogos com os Ìtán: Costuras possíveis	91
8.4. O que aprendemos e o que colhemos com as experiências que vivenciamos com a Comunidade de Terreiro e com a Comunidade Remanescente Quilombola do entorno?	98
CAPÍTULO 9. A consciência ecológica como base para o entrelaçamento entre natureza-ser humano-Orixá	100
9.1. Mitos, Ritos e a Natureza	102
9.2. Ressignificando o Candomblé	103
Fechando a Gira: Considerações Finais	105
Referências	107
Anexos	110
Glossário	

I. Introdução

A pesquisa denominada O Que Nos Ensinam os Ìtán? A Mitologia Yoruba Como Proposta de Enfrentamento ao Racismo Religioso, tem em seu contexto processos de resistências e superações provocados através das ações de comunidades, que se insurgem, se reinventam e fortalecem uma proposta civilizatória de respeito as diversidades. Uma dessas ações concretas é o processo pedagógico de desconstrução do racismo a partir da perspectiva do trabalho orientado pelos Orisás: Esu, Ògún, Sango, Yemojá e Osun, através do funcionamento dos Núcleos de Atendimentos que o terreiro de candomblé de Nação Ketu, Ilê Asé Ògún Àlákòró, oferece a comunidade do Quilombo de Bongaba-Magé (RJ). Os Núcleos de Atendimento têm por objetivo assistir à comunidade do terreiro e à comunidade quilombola, no intuito de promover o resgate da cidadania da população local levando-os à emancipação, ao desenvolvimento e à busca de uma melhor qualidade de vida, através do diálogo social e comunitário, da escuta ativa e de oficinas de capacitação e promoção emancipatória do indivíduo e da coletividade, a partir das suas próprias potencialidades e dos valores civilizatórios afro centrados. Compreendendo, ainda, a vivência do Sagrado de Matriz Africana a partir das lógicas de inseparabilidade humanidade-Terra-Natureza, humanidade- divindade-transcendência, humanidade -o igual-o outro-o diferente. A pesquisa parte de um pressuposto de resistência e constante luta contra o processo colonizatório. Em cujo contexto encontro-me totalmente implicada, pois a partir da minha realidade de mulher negra, professora da rede pública, nascida na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, região que sofre com o constante abandono do poder público, onde são negados o direito à educação de qualidade, à saúde, transporte e moradia com dignidade. E onde vive a maior parte da população negra do Estado, e onde também se concentram os vários terreiros de candomblé. Esta pesquisa tem caráter qualitativo e será desenvolvida através do método da narrativa temática e oracular dentro de um contexto de oralidade a partir da orientação dos Orixá. A pesquisa segue organizada a partir da linguagem dos terreiros com a colaboração dos/as autores, **Bispo, Martins**, e para a reflexão das questões relacionadas ao racismo e à intolerância religiosa nos apoiaremos nos estudos de **Almeida, Nogueira, Souza, Kilomba, Simas e Rufino, Santos, Reis** dentre outras/os. Nesta pesquisa optamos por trabalhar com as narrativas dos Ìtán a partir da vivência do Babalorixá do terreiro Campo desta pesquisa, por entender

que as narrativas do Babalorixá estão mais adequadas ao trabalho desenvolvido pela comunidade de terreiro. Abordaremos temáticas do racismo, do racismo religioso, participação social dentro do campo da Psicossociologia, e da resistência. Interessamos verificar como a comunidade do terreiro e do entorno se interrelacionam mediante as ações sociais do terreiro. Dialogaremos com membros internos do terreiro e membros da comunidade do entorno. No terreiro foram convidados os membros mais antigos e o Babalorisá da Casa; na comunidade do entorno conversaremos com as lideranças da comunidade, que estão diretamente envolvidas nas ações sociais que o terreiro desenvolve. Realizamos o diálogo através de rodas de conversa, que foram gravadas com autorização prévia dos participantes e posteriormente transcritas para análise. Objetivamos compreender como os membros do terreiro veem a comunidade do entorno; como a comunidade acolhe as ações sociais desenvolvidas pelo terreiro. Essa pesquisa se insere no campo da Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social e a sua realização se justifica em face aos diversos ataques que as comunidades de matrizes africanas e seus membros vem sofrendo, seja pelos membros das igrejas neopentecostais ou pelas facções criminosas que dominam boa parte dos bairros da Baixada Fluminense. Como resultado desta pesquisa esperamos dar visibilidade para as ações desenvolvidas pelo terreiro, numa perspectiva de transformação social, política, cultural e de consciências, afim de que o conhecimento ancestral vivenciado pelo povo de santo possa contribuir para o combate ao racismo religioso e para a construção de uma sociedade justa e igualitária.

Visando facilitar a compreensão das leitoras/leitores iniciantes no tema e registrar os saberes dos mais velhos, construímos um breve glossário dos termos em Yorubá mais usados no terreiro e citados na dissertação (Apêndice 1).

II. Entrelaçamento da militante, religiosa e pesquisadora

Neste trabalho, trago a apresentação desta pesquisadora e do caminho que me trouxe até esta pesquisa. Meu nome é Janete Baptista do Nascimento, nasci em São João de Meriti, Baixada Fluminense – RJ, no dia 13 de junho de 1966. Sou a décima segunda filha de meus pais, José Baptista do Nascimento e Oswaldina Martins do Nascimento. Ele, nascido em Campos dos Goytacazes, lavrador, e ao chegar no Rio de Janeiro tornou-se motorista de caminhão, ela, nascida na Baixada Fluminense, São João de Meriti -RJ, doméstica. Ambos com pouquíssima escolaridade, mas empenhados em dar a melhor formação acadêmica possível aos filhos.

Em 1980, formei-me em professora. Entrei através de concurso público no ano de 1992 na rede pública de Nova Iguaçu, onde atuo até hoje como regente de turma. Ainda na década de 80, iniciei minha militância no grupo de movimento negro, chamado, Agentes de Pastoral Negro (APNs), um grupo fundado por membros da igreja católica, mas que ao longo de sua história foi agregando pessoas de outras confissões religiosas, como os candomblecistas, por exemplo. Na década de 90 conheci o candomblé a partir de dentro, iniciei-me, ganhei uma nova identidade religiosa, um Orunkó (nome religioso) e um novo entendimento e percepção do racismo praticado contra os membros do terreiro. O Candomblé trouxe um novo rumo para minha vida. A iniciação me trouxe também o pertencimento ancestral, que estava adormecido em minha vida e tornou-me comprometida e compromissada com a manutenção do culto dos Orisás.

E assim, segue a trajetória de uma mulher que aos poucos vai entendendo o que é torna-se negra numa sociedade racista, machista, monoteísta, que privilegia o ter em detrimento do ser, que considera o ser humano mais importante e superior a todos outros seres vivos. Por que afirmo que me tornei negra ao logo de minha caminhada religiosa e de militância no grupo de movimento negro? A resposta está na invisibilidade que nos é imposta, o racismo é tão cruel, que em algum momento de nossas vidas desejamos não ser quem somos, renegamos nosso corpo e nossa identidade e com isso toda trajetória de nossos ancestrais. Deixamos de **SER** (grifo da autora). Somos relegados a condição de não humanos. Porém, na medida que resgatamos nossas histórias, modos de vida e crença, vamos nos tornando negros de corpo e de alma. A descoberta da negritude, segundo Neusa Santos Souza (2021), é mais do que constatação do óbvio, tem a ver com compromisso com o resgate da história e das potencialidades do **SER** (grifo da autora) negro.

Eu constatei a existência do racismo! Eu compreendi o que se operou em minha vida, durante anos: experiências de exclusão, discriminação e humilhação. Foi um processo vivido com muita dor, raiva, ódio e indignação, mas tão libertador. Surgia ali o sujeito e nascia o ativista. (SOUZA, 2021, p.17)

Diante dessa realidade, passei a realizar estudos e pesquisas que me levaram a entender que a raiz de toda essa postura preconceituosa estava calcada no racismo, que vem acompanhando a sociedade e cruzando diferentes dimensões e âmbitos da vida e da história. Em 2012, conheci o Ilê Asé Ògún Àlákòró, fundado em 1994, terreiro situado no município de Magé, RJ, onde tornei-me membro, filha da Casa através de preceitos religiosos. A partir da minha imersão nas atividades do terreiro, observei que naquele território sagrado onde habitam vários Orisás, também co-habitam metodologias e ações

que interagem com a comunidade de seu entorno. Essas ações, são orientadas pelos Orixás, e dinamizadas pelos membros do terreiro. Chama-me atenção o caráter pedagógico com que o terreiro através dos mitos Yorubas, apresentam à comunidade do seu entorno os Orisás, tornando-os parceiros no enfrentamento das adversidades da vida cotidiana, numa perspectiva de desconstrução de conceitos e pré-conceitos estabelecidos em relação ao terreiro e aos Orixás. Uma vez que na região Metropolitana do Rio de Janeiro onde se localiza o terreiro tem ocorrido diversos ataques contra as Casas de Santo e seus membros, faz-se urgente e necessárias ações que venham de contribuir para o combate ao racismo religioso.

III. LABMEMS – Laboratório de Memórias, Territórios e Ocupações: rastros sensíveis - um terreiro de troca de saberes e construção de conhecimentos

A chegada ao laboratório é muito parecida com a chegada ao terreiro, primeiro você é apresentada aos membros que lá já estão e depois você decide se caminha com o grupo ou não, a escolha é livre. A roda do LABMEMS é democrática, todos podem apresentar suas ideias e projetos, riscar seu ponto, como se diria numa gira de Caboclo.

Eu cheguei ao grupo de pesquisa em 2019, através do “caboclo Geraldo Bastos”, porém, aquele ainda não era o meu momento de estar no grupo, foi necessário mais um tempo, não só tempo cronológico, mas o tempo do Tempo. Tempo é uma divindade ancestral essencial para a existência de tudo, Ele rege tudo e todos no coletivo. Em 2020, me foi concedido o tempo de estar, voltei ao LABMEMS, mais uma vez acompanhada por Geraldo Bastos, o “caboclo abre caminho”, (esse poderia ser o seu pseudônimo, sua Dijina ou numa linguagem mais Ketu, seu Orunkó), devido ao seu compromisso e comprometimento com aqueles que assim como tantos de nós não possuem o caminho livre e desembaraçado para o acesso a Universidade. Mas então, retornei e dessa vez para ficar, risquei meu ponto, apresentei minha proposta de projeto, fui ouvida, acolhida e orientada pelos camaradas que ali já estavam. E entre esses a Professora Doutora Samira Lima Costa, coordenadora do grupo e orientadora desta dissertação. Mulher detentora de sabedoria ancestral, encanto e sensibilidade para ouvir e orientar. Atenta, por uma educação descolonizadora, inclusiva e antirracista que mantém seus rastros marcados na construção de um sistema educacional que promova a equidade.

CAPÍTULO 1. A participação social comunitária na perspectiva da psicossociologia de comunidades a partir do estudo de autores latino-americanos e afro diaspóricos

Na perspectiva ocidental, desconsiderando as questões que se ocultam por trás dos conceitos de ocidente e oriente, Streck et al (2017) diz que o conceito de participação teve origem na Grécia Antiga e se resumia à atuação de homens livres, não abrangendo mulheres e crianças. Entretanto, a incorporação de cidadãos, comerciantes, camponeses e artesãos na sociedade política à época foi um importante marco histórico para a democracia grega.

Streck (2005) relembra que, segundo Rousseau, os homens, como seres imperfeitos, teriam de se conformar com democracias imperfeitas. Portanto, no viés histórico, mulheres não puderam ter seus direitos civis garantidos e tampouco, participar da engrenagem democrática, ficando esta participação resumida à participação dos homens, desde que esses homens não fossem negros. O autor ainda argumenta que a mesma sociedade que elevou a humanidade ao patamar de dominadora da natureza, demarcou um “mito civilizatório” para ratificar a brutalidade do desenvolvimento. Contudo, alguns outros autores trazem diferentes perspectivas sobre o conceito de participação, que estão fortemente relacionadas com suas experiências, vivências pessoais, profissionais e acadêmicas.

A Associação Americana de Terapia Ocupacional (2015) compreende a participação como o envolvimento de um indivíduo em ocupações visando alcançar a satisfação pessoal e atender demandas de um contexto cultural. Esta concepção é bastante limitada uma vez que se debruça somente sobre o fazer de um indivíduo. Por outro lado, podemos encontrar bases mais alargadas e libertadoras dos estudos sobre participação comunitária, como afirma Freire (1982), “Ninguém liberta ninguém; ninguém se liberta sozinho. Os homens se libertam em relação uns com os outros, mediatizados pelo mundo”.

No campo da Psicologia existem muitas formas de compreender a participação social. Escolho aqui as referências que ajudaram a construir o campo da psicossociologia latino-americana. Maritza Montero acredita que o caráter relacional é fundamental para

uma prática libertadora e se inspira em Paulo Freire, (1982). Maritza Monteiro (2004), entende a participação como um conceito chave para a psicologia comunitária, que inclui tanto agentes internos como externos à comunidade. Ela entende a participação "[...] como um processo organizado, coletivo, livre, incluyente, no qual há uma variedade de atores, de atividades e graus de compromisso, que está orientado para valores e objetivos compartilhados, em cuja consecução se produzem transformações comunitárias e individuais" (p. 109). Ela amplia o conceito da participação pelo prisma da psicologia, entendendo-o enquanto ação que satisfaz necessidades, mas que também produz mudança social.

A autora, segundo Costa, (2015) é uma importante pensadora dentro da elaboração e discussão sobre a importância da participação, principalmente enquanto aspecto essencial no processo de libertação. Para Maritza não existe participação sem compromisso, que junto com o fazer, enquanto ferramenta de transformação social, constituem elementos fundantes da sua obra.

Em "Paris, ville invisible" (1988), o sociólogo francês Bruno Latour reforça a importância de *in situ* os atores e os elementos de significado que emergem da participação enquanto fenômeno social, mas que também traz em si diferentes elementos inter-relacionados e intrinsecamente ligados, que enriquecem as interações e contribuem para o significado que será atribuído, recebido e interpretado.

Na filosofia freiriana, é necessário participar para mudar a realidade das massas. Para Freire, (1976; 2008), educação e participação são conceitos intrínsecos dentro de uma construção pedagógica da democracia. O autor comenta nas obras citadas que uma sociedade alienada é aquela que desacredita na possibilidade do fazer e se dedica apenas a reproduzir e que uma sociedade em movimento fomenta a mudança de realidades e o surgimento de novas ideias e formas de fazer o protagonismo popular.

Paulo Freire aborda a participação a partir da cultura, entendendo que homens e mulheres em cotidianos vulneráveis, uma vez compreendendo suas realidades, podem desafiar-las e investigar as soluções. Os atores preenchem de cultura seus territórios diante da perspectiva de inconformidade com a sociedade que os oprime, o que deve ser fomentado pelo processo educacional (STRECK et al., 2017).

Ignacio Martin-Baró, psicólogo Jesuíta, baseando-se em Paulo Freire criou a Psicologia da Libertação. A Psicologia da libertação foi pensada em decorrência do

momento político que vivia a América Latina, pois muitos países “tinham graves problemas com a fome, com a ausência de bens sociais básicos como saúde, educação e moradia, [...]” (COSTA & SOUZA, 2020 p.22).

Baró pensava numa superação dessa condição sociopolítica em que viviam tais países da América, porém para tal seria preciso que os indivíduos passassem por uma conscientização que é o “[...] processo de transformação pessoal e social que experimentam os oprimidos quando se alfabetizam em dialética com o seu mundo [...]” (VIEIRA & XIMENES, 2008, p. 27). Isso significa dizer que os indivíduos precisam tomar consciência das opressões que vivenciam diariamente e se organizarem na busca por direitos a fim de diminuir as diferenças sociais entre as classes.

Fals Borda, sociólogo, pesquisador e militante, foi um dos importantes nomes atuantes no campo da libertação junto a Paulo Freire e Martin-Baró contribuindo com o desenvolvimento de uma metodologia de pesquisa crítica e comprometida eticamente com o grupo participante, visando a transformação social, subvertendo ordens, poderes e padrões coloniais (BRINGEL & MALDONADO, 2016). A Investigação Ação-Participante é uma metodologia de pesquisa que subverte a perspectiva de neutralidade da pesquisa e situa o pesquisador enquanto mais um participante em campo, participante este que é ativo, transformador e implicado com o grupo envolvido, seus atravessamentos e realidades (FALS BORDA, 2014).

Nesta perspectiva comunidade de terreiro compreende a participação social a partir de conceitos da filosofia africana UNBUNTU, que diz “Eu sou porque nós somos”, ou seja, é necessário o envolvimento, o compromisso e a empatia com outro para a busca da efetiva transformação da sociedade. Esta pesquisa fundamenta-se nos princípios da psicologia social comunitária, a partir da proposta de interdisciplinaridade desenvolvida pelo Programa de Pós- Graduação em Psicossociologia de Comunidade e Ecologia Social (EICOS), nos fornece possibilidades para a construção de um espaço acadêmico que valoriza os diversos saberes, possibilitando que pesquisas como esta, possa ser realizada.

1.1. ENTRE OLHARES TEÓRICOS E EXPERIÊNCIAS

A pesquisa in loco nos revelou uma das tantas atividades desenvolvidas pelo terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró, voltada para a participação social, que emerge a partir da

organização da própria comunidade para enfrentar os desafios frente às lacunas deixadas pelo poder público, trata-se do pré vestibular social.

O processo educacional na história do Brasil tem, sistematicamente, privilegiado a população branca em detrimento dos afro-brasileiros. A história do Brasil é constituída de trabalho escravo. Os negros em um período de 350 anos garantiram aos brancos escravocratas as bases socioeconômicas para o desenvolvimento, inclusive no campo da educação. No período pós abolição, aos negros dentre tantas proibições, o acesso à educação se constitui em um dos maiores e mais perversos mecanismos de exclusão social, cujas consequências chegam até os nossos dias. A restrição dos negros à educação na história do Brasil vem desde 1854 quando o decreto de 1.331, de 17 de fevereiro impedia aos escravos o acesso à educação nas escolas públicas. Já o decreto 7.031, de 06 de setembro de 1878, restringia ao horário noturno a presença de negros na escola. (BARROS, 2007 P.36).¹

No Brasil, ingressar na Universidade é um grande desafio, sobretudo quando o candidato é preto e pobre, os obstáculos se multiplicam e vão desde o acesso até a permanência na faculdade. Daí temos uma grande incidência de jovens que abandonam os estudos, alguns até antes mesmo de concluir o ensino médio. Há uma concorrência desigual, entre brancos de poder aquisitivo mais elevado que podem dispor de seu tempo só para estudar e jovens pobres que precisam conciliar o estudo e o trabalho.

O pré-vestibular social é uma experiência educacional, que busca promover o combate ao racismo e a exclusão social nas periferias da cidade do Rio de Janeiro. O projeto iniciou na década de 80 através da militância de membros do movimento negro e entidades religiosas.

O Pré-vestibular Quilombo Kilombar além de preparar jovens para disputar uma vaga nas universidades públicas, também tem a missão de se tornar um lugar de resistência, para as populações marginalizadas do Rio de Janeiro.

Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado, ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta (FREIRE, 1982, p. 109-110)

Nessa perspectiva o Ilé Asé Ògún Àlákòró, situado no município de Magé, RJ, iniciou no ano de 2017 seu primeiro curso de pré-vestibular com o intuito de colaborar

pedagogicamente com a educação de jovens e adultos que estão fora das universidades e também para desconstruir ideologias, conceitos e preconceitos em relação às religiões de matrizes africanas. Ele visa empoderar jovens pretas e pretos para que se entendam sujeitos de sua história e possam assim lutar pelo seu espaço nessa cidade, entendendo-se como cidadãs e cidadãos com direitos e deveres. Acreditamos que uma proposta pedagógica, que fortaleça a luta contra o racismo e a violência, deve primordialmente ser considerada a partir daqueles que são diretamente afetados.

1.2. O PRÉ-VESTIBULAR QUILOMBO KILOMBAR E A PARTICIPAÇÃO SOCIAL

O pré-vestibular Quilombo Kilombar iniciou em 2017 e seguiu com aulas presenciais até 2019. Foram capacitados, neste período, cerca de aproximadamente 90 alunos, dos quais muitos evadiram por conta da possibilidade de conseguirem um emprego, e cerca de 20% conseguiram ascender à universidade em diferentes cursos, como Arquitetura, Letras, Engenharia, Pedagogia, entre outros. Vitórias coletivas como essas promovem o retorno do encantamento (RUFINO, 2015) e estimula a busca por novas conquistas.

As aulas aconteciam todos os sábados das 8 às 17 horas, no espaço físico disponibilizado pelo terreiro. O terreiro oferece café da manhã e almoço aos estudantes. Os docentes do projeto são das redes estaduais e municipais, o trabalho é totalmente voluntário.

Com o início da pandemia em 2020, as aulas foram suspensas, a turma formada para aquele ano ficou muito prejudicada, pois a maioria dos estudantes não possuíam acesso à internet, que os permitissem ter aulas online com qualidade. O projeto continua vivo e firme, e neste ano de 2023 retomando as atividades, de forma presencial.

A ocorrência da pandemia da covid 19, trouxe à tona fatos da vida cotidiana de diversos jovens pobres, e em sua maioria pretos e periféricos, cujas famílias com muita dificuldade lutam para garantir o alimento e a moradia. Estava posto um cenário pleno de desafios e desigualdades. Durante o período pandêmico tivemos vários jovens de escolas públicas afastados da sala de aula por quase um ano e meio. Alguns foram assistidos de forma remota pelos docentes, outros sem qualquer contato com seus professores, porque não possuíam mecanismos de comunicação que os possibilitasse esse contato mínimo. Observamos também a falta de comprometimento do poder público com a educação dessa

população. A pandemia trouxe além da morte, o isolamento, o desemprego e a fome, o que fez com que muitos jovens saíssem em busca de formas alternativas de garantir o seu sustento e de sua família.

Essa experiência nos mostra que a participação social neste caso se relaciona com a organização da própria comunidade para suprir uma lacuna deixada historicamente pelo estado, lacuna essa, que fere os princípios dos direitos humanos garantidos pela Constituição Brasileira de 1988, e que precisa constantemente ser revalidado. O que torna o processo de descolonização da educação urgente e necessário.



Figura 1

PVSQK
Pré Vestibular Social
Quilombo Kilombá



Fonte: https://www.instagram.com/p/COYJwz0JEQq/?utm_source=ig_web_copy_link

A foto acima registra um dos vários encontros da turma de pré-vestibular social, que acontece no espaço do terreiro, com o objetivo de proporcionar aos jovens da comunidade do entorno, uma possibilidade de acesso ao curso universitário.

1.3. A UNIVERSIDADE É PARA TODOS?

Na atual conjuntura nacional falar em acesso à educação nos remete a duas importantes leis federais que mudaram o cenário educacional brasileiro nos últimos anos, tratam-se das leis 10.639/2003 que determina obrigatoriedade de ensino da História da África e da Cultura afro-brasileira nos currículos escolares das redes públicas e privadas de educação brasileira, e da lei 12.711/2012 que trata das ações afirmativas que tem o objetivo de rever desigualdades raciais e sociais para proteger e dar acesso a uma população que teve e tem seus direitos educacionais negados.

O machado de Xangô: Assombros e avanços da Lei 10.639/2003

Neste ano de 2023, celebramos os 20 anos da Lei 10.639/2003, no entanto muito ainda há para ser conquistado. Estamos diante de um cenário educacional caótico, falta escola para todos, falta formação e valorização do profissional docente e o racismo nos últimos anos vem se apresentando de forma intensa e devastadora.

A partir da promulgação da lei 10.639/2003, os grupos de movimento negro se mobilizaram na tentativa de fornecer subsídio para os docentes e as secretarias de educação, foi um momento importante e inédito na história da educação brasileira, que até então nunca havia se deparado com uma lei que objetivamente a obrigasse a incluir em seus currículos tal temática, e mais ainda, a promulgação da lei exigia mudança nas estruturas educacionais há séculos calcada e fundamentada no preconceito e no racismo.

A exigência para uma revisão dos currículos escolares precisou vir a partir de uma lei federal, o que a torna irrevogável, ou seja, precisa ser cumprida. Num primeiro momento nos deparamos com a falta de material didático apropriado para o ensino da História da África e da Cultura Afro-brasileira, com o despreparo docente, mas também observamos professores comprometidos com a mudança no ensino.

Vimos nascer projetos tímidos, alguns ocorridos apenas por ocasião do 20 de novembro, Dia Nacional da Consciência Negra, data que também foi assegurada pela mesma lei. Em muitas redes de ensino, o 20 de novembro era a única data na qual se falava de negro na escola. Aos poucos o cenário foi mudando a partir dos docentes que assumiram sua negritude e foram buscar formação para si e para sua atuação profissional. Alguns docentes enfrentaram e enfrentam até hoje a resistência por parte dos gestores na implementação da lei. Os desafios foram e são muitos ao longo desses 20 anos. Estamos inseridos em uma sociedade regida pelo racismo que não é só estrutural, é um racismo que está introjetado ser, no fazer, no modo de viver a vida, sendo assim, não é uma tarefa fácil, mas é possível.

A lei 10-639 /2003 apesar de todos os desafios que a ela se impõem ainda é um grande avanço, e uma excelente ferramenta para o combate ao racismo educacional e para a construção de uma educação circular e antirracista.

A Universidade que temos e a Universidade que queremos

A educação no Brasil nunca foi para todos, no entanto a noção de que “quem quer consegue”, reforça a ideia da meritocracia, que vem sendo usada para justificar a falta de

implementação das políticas públicas de inclusão social e educacional para os afrodescendentes, sem levar em conta a questão do privilégio dos grupos historicamente favorecidos. Nesse sentido, a professora Nilma Lino Gomes (2003, p.6) nos propõe um questionamento: “Se continuarmos nos apegando ao critério do mérito **e não do direito**, será que concretizaremos a universidade democrática que pretendemos? O acesso à universidade pública não pode ser baseado no mérito pessoal é um direito de todes.

Apesar de todas as tentativas de mitigar a implementação das leis federais, o sistema de cotas se tornou uma realidade nas universidades públicas estaduais e federais.

A primeira universidade federal a aderir ao sistema de cotas foi a Universidade de Brasília (UNB), em 2003. E as primeiras universidades estaduais que aderiram ao sistema de cotas foram, a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) 2001, a Universidade Estadual do Norte Fluminense (UENF) em 2001, e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), em 2001. A Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), passou a utilizar o sistema de cotas para o ingresso na graduação em 2013 e em 2020 na Pós graduação.

O acesso na pós-graduação pelo sistema de cotas ainda é um desafio para algumas universidades públicas. Outro grande desafio que se apresenta, está na permanência do estudante na universidade, haja visto que a maioria dos jovens são de baixa renda e residentes nos subúrbios e regiões metropolitanas. “A ação é emergencial, não dá para esperar”¹. (NILMA, 2022).

Nesses dez anos da lei 12.711/2012, observa-se muitos avanços, temos mais negras, negros e indígenas no ambiente acadêmico, porém necessitamos corrigir muitas desigualdades, de acordo com a professora Gomes (2022), uma delas seria a ausência de docentes negros e indígenas, a inclusão de autoras e autores negros nas bibliografias da graduação e da pós-graduação. A professora Gomes (2022), também afirma que:

[...] Essa universidade não pode mais ser a mesma, os sujeitos que passam a ingressar nas instituições públicas de Ensino Superior também chegam com conhecimentos novos, e a universidade precisa se reinventar para ser efetivamente pública e dialogar com esse público[...]. (GOMES,2022, p.9).

Acreditamos que o crescimento intelectual acadêmico de todes que estão na universidade se dará na medida em que as redes amorosas de escuta, acolhida e respeito

esteja refletida na imagem do outro, aí sim poderemos sonhar com essa universidade que queremos, democrática, inclusiva e antirracista.

CAPÍTULO 2. O QUE NOS ACONSELHARAM OS BÚZIOS: OBJETIVOS E

JUSTIFICATIVA DO ESTUDO

2.1 Objetivos: Como dizem os mais velhos, as comunidades de terreiros estão repletas de vida e de ensinamentos para quem tiver ouvidos para ouvir. Desta forma, através do jogo de búzios me foi revelado que deveria fazer essa pesquisa e qual caminho deveria seguir (como está descrito no item 4.3 desta dissertação). Em uma consulta oracular realizada no Ilé Asé Ògún Àlákòró, Ogum revelou que o trabalho de pesquisa deveria ocorrer nesse mesmo Ilé, e traçou os objetivos:

Objetivo Geral: Compreender como se dão as relações entre o terreiro e a comunidade de seu entorno, buscando verificar as possíveis contribuições dos Itán através dos núcleos de atendimento representados pelos Orixá, Exu, Ògún, Xangô, Iemonjá e Oxum para a promoção de participação na vida comunitária.

Para tanto, a pesquisa tem como objetivos específicos:

- Compreender como os membros do terreiro veem a comunidade do entorno;
- Verificar como a comunidade acolhe as ações sociais desenvolvidas pelo terreiro;

2.2. Justificativa:

A realização dessa pesquisa se justifica primeiro pelas diversas ocorrências de violações que vem ocorrendo com os membros das religiões de matrizes africanas, sobretudo na região metropolitana do Rio de Janeiro. Testemunhamos os vários ataques que os membros do terreiro vêm sofrendo por parte dos integrantes das igrejas neopentecostais, incentivados pelas pregações de seus pastores que alimentam em seu discurso o ódio, a discriminação e a demonização dos Orixás. “A violência aumenta à medida que o presente se aproxima do passado” (KILOMBA, 2019, p.22).

No século XXI, a violência contra as religiões de matrizes africanas se intensifica agora com novos aliados e fortalecidos por projetos políticos que tem em sua base o

racismo estrutural, que provoca a dizimação do ser negro em sua identidade, dignidade, religiosidade e até mesmo em seu corpo físico.

As razões dessa pesquisa se justificam também pela comunidade de terreiro que se fundamenta nos ensinamentos ancestrais inspirada por ExuYangi, o Exu ancestral o primeiro a trazer a possibilidade da reconstituição, ou seja, Exu propõe possibilidades de retomada, de criação de novas possibilidades para o enfrentamento dessa realidade vivida pelo povo de santo. Munidos pela ousadia de Exu o Ilê Asé Ògún Àlákòró, apresenta uma proposta de ação social-comunitária trazendo os Ìtán Yorubas, como fundamento para suas ações junto à comunidade de seu entorno. Na perspectiva de que essas ações de cunho social e cultural possam se tornar propostas viáveis para o combate ao racismo religioso e o fortalecimento da cidadania e do pertencimento identitário.

CAPÍTULO 3. DESCRIÇÃO DO CAMPO DE PESQUISA

Imagens do entorno do Terreiro:

Fonte: https://www.facebook.com/ileogunalakoro/photos_by?locale=pt_BR-figura-2



https://www.facebook.com/ileogunalakoro/photos_by?locale=pt_BR figura -3



3.1. Localização histórica e geopolítica

O campo onde se desenvolveu a pesquisa, é um território que possui dupla identidade geográfica, de um lado temos uma região geograficamente marcada pelo abandono do poder público, porém, abundante em riquezas florestais, temos de outro lado um território sagrado onde se cultua e se preserva os valores afrocentrados da fé nos Orixá.

O município de Magé teve origem no povoado de Majepemirim, fundado em 1565 por colonos portugueses. Possuía um dos principais portos da região, onde muitos navios negreiros descarregavam os escravos, em 1696, foi criada a freguesia e, em 1789, o conselho com a designação atual. A vila foi elevada a cidade em 1857. (cidades.ibge.gov.br/brasil/rj). Em 04 de junho de 2022, a cidade completou 457 anos. apesar de quase meio século de existência, a cidade de Magé ainda necessita de investimentos públicos na saúde, educação, trabalho e lazer.

Mapa de Magé



cidades.ibge.gov.br/brasil/rj (fonte) figura – 4

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, a área do município é de 385,7 km², sendo que 215,941 km² constituem a zona urbana e os 12,209 km² restantes constituem a zona rural. Juntamente com os municípios de Guapimirim, Petrópolis, Teresópolis, Nova Friburgo, São José do Vale do Rio Preto, Três Rios, Comendador Levy Gasparian, Areal e Cachoeiras de Macacu, Magé compõe a região turística do Rio de Janeiro chamada Serra Verde Imperial. (<http://www.cidade-rasil.com>). Bongaba é um bairro do Sexto Distrito de Magé, na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Nesse bairro se localiza o "Lixão de Piabetá", onde é despejado o lixo de toda Magé, o Cemitério

de Bongada, a Estação Bongaba e a Primeira Igreja Católica da Região da Baixada Fluminense sem intervenção da Corte portuguesa no século XVII.

Bongaba fica localizado próxima da BR-116 e do bairro de Piabetá. Sua principal via é a Avenida Santos Dumont - que tem seu início em Piabetá - por onde circula ônibus em direção ao Centro do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, Piabetá e o centro de Magé.

Bongaba é um bairro praticamente rural, muito pobre, que sofre um descaço tremendo. A história do bairro começa lá em 1696 quando a Igreja de Nossa Senhora da Piedade do Inhomirim é construída, se tornando, na época, a sede paroquial do que seria hoje a Baixada Fluminense. Nos dias atuais, a igreja encontra-se completamente abandonada e em ruínas.

Lá pelos anos de 1970, Bongaba já sofria com o descaço do poder público. Apesar da pobreza, a população se alimentava do que a terra produzia e assim ia vivendo, mas uma hora o progresso chega e com ele alguns problemas, entre eles o lixo. O despejo do lixo em Bongaba durou por quase trinta anos, de acordo com relatos de moradores, com o fim do lixão, a área antes tomada pelo lixo foi reflorestada. Porém, no ano de 2018 o prefeito, decidiu implementar um aterro controlado, essa área foi novamente devastada e taludes foram construídos. O aterro fica ao lado cemitério de Bongaba, o que segundo os moradores causa desconforto para aqueles que desejam sepultar seus entes queridos.

Em 2021, o prefeito de Bongaba enviou para a Câmara de vereadores um projeto de lei que permitia o despejo de lixo de outros municípios em Bongaba, mesmo tendo ciência da proibição dessa prática pelo Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e pelo INEA (Instituto Estadual do Ambiente) os vereadores fizeram uma alteração na Lei Orgânica do Município que permite que o lixão de Bongaba receba lixos de outros municípios. Os prejuízos ambientais são diversos, que vai desde o mal cheiro até a poluição do rio que desagua na Baía da Guanabara. A falta de cuidados adequados pode gerar danos irreparáveis ao meio ambiente dessa região e demais regiões vizinhas.

Imagem do Lixão de Bongaba



Fonte: Felipe Gomes/vc repórter - <https://pensareco.blogspot.com/2012/08/ctr-de-bongaba-rj-lixao-fantasiado-de.html> repórter - figura - 5

Apesar de não existir um Centro de triagem de resíduos, com a instalação do aterro sanitário na região, os moradores encontraram ali um meio de sobrevivência. Muitas famílias vivem da catação de objetos recicláveis para serem vendidos no lixão. Muitos jovens e adolescentes abandonam a escola, para viverem da “reciclagem”, como costumam chamar os moradores. Esse é um ofício que vem sendo passado de pais para filhos, pois não existem ofertas de trabalho na região. As necessidades existenciais são urgentes, e a reciclagem se torna o meio mais rápido de conseguir dinheiro para o sustento da família. Em Bongaba os conceitos de direito e cidadania estão longe de serem vivenciados pelos membros dessa comunidade. Nos dias atuais, os moradores continuam vivendo com o descaso e abandono do poder público.

Bongaba possui uma vegetação exuberante. Ainda há muitas terras ociosas. Mas os cuidados com o meio ambiente ainda não são percebidos pelas autoridades locais como algo essencial. Em contrapartida a população local, devota amor pela região apesar de todo abandono estrutural.

Aqui é um lugar muito bom de viver, apesar de faltar muita coisa, não temos escola aqui no bairro, as crianças vão a pé ou de bicicleta. Também não temos postos de saúde, para fazer uma cirurgia temos que pedir favor ao político, que aparece nas eleições e depois some.
(Josué- Galego) – *Diário de campo* – 2021.

O relato acima citado pelo morador, evidência e confirma a dura realidade vivida pelos habitantes desse território. Desde a abolição da escravidão até os dias atuais a população preta e pobre desse país vem sendo negligenciada em seus direitos e submetidas a uma sub existência, tendo o lixo como fonte de sustento para a maioria das famílias de Bongaba. De acordo com relato de moradores do bairro, a atividade de catação

de recicláveis é desenvolvida por homens, mulheres e jovens. A atividade é passada de pais para filhos.

Muitas mulheres e jovens trabalham na reciclagem, catam o lixo e vendem, assim o dinheiro vem mais rápido. Os jovens preferem fazer isso do que ir para escola. (Eliana. Diário de campo -2021)



Fonte pessoal da autora-2021 – figura -6

A imagem dessa senhora sentada na porta da casa, me remete a lembrança da minha vó, uma mulher de pele preta e descendência indígena, que viveu entre nós até os 101 anos, e que também gostava de sentar na porta da casa para apreciar o tempo. Para essa senhora que reside nesse território há sessenta anos, a passagem do tempo dá conta de muitas histórias, as mais antigas como ela mesma conta, da existência de uma antiga fazenda de escravos existente no bairro e que hoje encontra-se em ruínas, das histórias familiares, dos vizinhos, de suas dores e alegrias. Mas esse olhar também registra o abandono do seu lugar pelo poder público, que deveria proteger, cuidar e preservar. Mas nessa imagem está também registrado o olhar de quem ama, e que mesmo com todas as dificuldades e precariedades afirma com alegria: *“Esse é um lugar muito bom de viver, minha filha”*. (Diário de campo -2021)

Entendendo a importância e urgência da preservação do meio ambiente o terreiro Ilê Asé Ògún Àlákòró, realiza anualmente seminários para dialogar com a comunidade

quilombola de seu entorno questões sobre cuidados, sustentabilidade e plantios de novas sementes, na perspectiva de mobilizar a comunidade para a manutenção e preservação do ambiente para os que habitam hoje o território e para gerações futuras. O Babalorixá Paulo José, nos fala da importância do comprometimento do terreiro com o ambiente onde está situado.

Entendo que, quando uma religião interage desde do momento oracular até o cerimonial de entrega à massa de origem, quando nos encontramos com o sono da eternidade, utiliza-se da Mãe Terra e da natureza como um todo, é de suma importância que tenha um contra ponto. Pedimos as bençãos da Mãe Natureza, para que novas folhas, árvores frutíferas, florais e medicinais utilizadas nas cerimônias sacras sejam sempre renovadas, porque sem as folhas nada tem vida. Um dos nossos compromissos é lutar junto com essa comunidade para que a qualidade de vida de todos nós seja mantida e isso passa pela luta em prol do meio ambiente saudável para todos. Ègbá enígbà lati beré ferán ayé (Qualquer tempo é tempo para amar a Natureza), A Terra pede socorro. (Diário de campo, 2021).

Abaixo temos imagens do plantio de mudas de dendezeiros na comunidade.



Fonte: https://www.facebook.com/ileogunalakoro/photos_by?locale=pt_BR figura -7

Fonte: https://www.facebook.com/ileogunalakoro/photos_by?locale=pt_Br-figura-8



É preciso esperar como diz Freire (1992), acreditando na possibilidade de transformações concretas através de ações populares, coletivas e organizadas pelo povo que vive acometido pelas injustiças sociais e abandono. Assim como diz a cantiga: “Òwerèjéje, folha olho- de -pombo, planta que une a comunidade.” (Mãe Stella de Oxóssi-Graziela Domini Peixoto, 2020, p.46). Conta o Ìtán, que Orumilá, quando foi preso e escravizado colheu escondido folhas de Òwerèjéje (olho- de -pombo) para lavar Seus coquinhos de adivinhação, e assim vencer as lutas sem perder a tranquilidade. Os Orixá Fun Fun (que vestem branco), simbolizam a paz, a união a luz. É por isso que se canta para Òwerèjéje (folha olho- de -pombo), para que atraia união para os membros da comunidade. A união de todos os habitantes (terreiro e comunidade) fortalecerá a luta por condições de vida digna para todos.

Ewe Òwerèjéje, Ewe Òwerèjéje,

Ará ta n imã ãsà

Ka mã bágbe o

Folha olho-de-pombo, folha-olho-de-pombo

Derrame luz nesta comunidade

Para que voltemos sempre a sentarmos em círculos, para homenagear todos, que moram juntos nesta comunidade.

(Mãe Stella de Oxóssi-Graziela Domini Peixoto, 2020, p.46)

3.2 Quilombo de Bongaba (Kilombar) Herança Ancestral

Quilombo, Quilombo, Quilombo, Quilombo

Quilombo, Kilombá, Kilombá

Aqui no Quilombo Kilombá, cultuamos Orisá e Yorubá

Cultura do povo Ketu Nagô

Pertencimento da história do tambor

Zumbi dos Palmares é Rei

Legado de força se mantém

Resistência dos nossos ancestrais

Verdadeira história que o Brasil nunca contou

(Compositores: Ronald Simbora (Olúwa Ujútiú) e Adilson Júnior (Oni Itoeji) Cantiga composta por ocasião da certificação do Quilombo).

Um importante avanço na luta dos quilombos foi a promulgação da Constituição Federal de 1988, que coloca a questão quilombola na agenda política institucional federal. A Carta Magna do país em seu Artigo.68, que diz:

Art. 68 Ato das Disposições Constitucionais Transitórias (ADCT), aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir os títulos respectivos. (Constituição Federal de 1988).

Antônio Bispo dos Santos (2021, p.70), nos chama atenção para a forma colonialista como esses territórios quilombolas são representados em termos de propriedade e não segundo Bispo (2021, p.70), nos termos da relação comunitária e biointerativa dos quilombolas com seus territórios. Por outro lado, o autor observa também a presença da contra colonialidade, que numa perspectiva circular dentro da mesma Carta Magna, assegura a inalienabilidade e a impenhorabilidade dos territórios remanescentes, a titularidade é dada ao grupo, a comunidade e não ao indivíduo, ou seja, o patrimônio é coletivo de usos e frutos, para garantia da produção e reprodução dos modos de vida dos habitantes, garantido também que seus hábitos, costumes e religiosidade sejam resguardados.

Em 2016, Bongaba foi reconhecido como terras remanescentes quilombolas, através da Associação de Comunidades Remanescentes de Quilombos do

Estado do Rio de Janeiro (ACQUILERJ). Em 2018, o Quilombo de Bongaba recebeu sua Certificação pela Fundação Cultural Palmares, de acordo com o Artigo. 216 da Constituição Federal de 1988.

Resolução de Tombamento: Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...] § 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (Constituição Federal de 1988).

Apesar desse importante conquista muitas comunidades ainda não possuem a titularidade de suas terras. Com isso ficam desprovidas dos benefícios que deveriam receber por parte do Estado.

No cenário atual habitacional da cidade nos defrontamos com os novos quilombos, não mais aqueles que ficaram conhecidos na história como refúgio de escravizados, mas territórios onde habita uma população que herdou de seus antepassados, a terra, a cultura, os costumes e a religiosidade. Os quilombos representam uma importante forma de resistência da população negra, herdada do grande líder dos Palmares, Zumbi.

Sob sua efigie, sua imagem recalcada que estava em cada um de nós, ele inventou um movimento. Fazendo-nos lembrar hoje que o quilombo é o espaço que ocupamos. Quilombo somos nós. Somos parte do Brasil. Esse Brasil democrático, revolucionário, que ajudamos a construir, é assim que o queremos. (NASCIMENTO, 2021, p.241)

De acordo com Beatriz Nascimento (2021, p.238),” [...] o quilombo é uma das páginas mais belas da nossa história”. Essa afirmação de Nascimento, nos remete à noção de que o quilombo, não é só um território demarcado geograficamente, mas que se caracteriza, sobretudo, pelos corpos negros que ali habitam, com suas histórias de luta e resistência, logo, “quilombo somos todos nós” (NASCIMENTO,2021, p.241), membros do terreiro, moradores da comunidade. Essa consciência de pertencimento fortalece nossas lutas no combate ao racismo e a colonização.

As fotos abaixo registram um importante acontecimento ocorrido em 2021, quando aos remanescentes quilombolas foi garantindo o direito prioritário de vacinação contra a covid 19. Uma grande conquista para todos os moradores. E uma grande alegria para o terreiro por poder sediar essa ação em prol da vida.



(https://www.instagram.com/p/COYJwz0JEQq/?utm_source=ig_web_copy_link) Figura : 9



(https://www.instagram.com/p/COYJwz0JEQq/?utm_source=ig_web_copy_link) Figura:10

Deixamos aqui registrado a nossa gratidão a todas/os negra/os que com sua força, resistência e coragem nos apontaram caminhos para a possibilidade de uma sociedade igualitária e justa, aquilombada.

Salve Zumbi dos Palmares! Salve Dandara! Salve a Rainha Nzinga!!

Salve Dona Ivone Lara!! Salve Tia Ciata!! Salve Elza Soares!

Salve Mãe Tatá de Oxum!! Salve Mãe Stella de Oxóssi!! Salve Mãe Beata de Iemanjá!!

3.3. Ilé Asé Ògún Àlákòró: Uma Comunidade de Terreiro que se organiza através das Narrativas Sagradas Diaspóricas -Itán

A figura abaixo apresenta o solo sagrado do Terreiro Ile Asé Ògún Alakoro

https://www.instagram.com/p/COYJwz0JEOq/?utm_source=ig_web_copy_link Figura:11



Hino do Ilé Àse Ògún Àlákòró

Tradução

Àlákòró ebi seun Olorun

A família Àlákòró agradece a Deus

Awon ibukun ti a gba

As bênçãos que recebemos

A ni o wa omo Òrìsà

Somos filhos de Orixá

Ati beru ko ohun

E nada temos a temer

Agbekele baba wa

Confiamos em nosso pai

Oni Lewa N'jo

Oni Lewa N'jo

Osi funwaìgboyà

Ele nos encoraja

O ojuami awon ona

Ele indica o caminho

A beere gbogbo Òrìsà

Rogamos a todos os Orixás

Idaabobo fun yi ebi

Proteção para essa família

Lati wa ni èlo ife

Para sermos instrumentos do amor

Pe wa ayo je Iaini

Nossa alegria será imensa

Para que um terreiro de candomblé se estabeleça em um território, é necessário que primeiro, a(o) zeladora(or) seja indicada(o) pelo Orixá para essa missão, segundo o

local a ser escolhido para a construção do terreiro não é de escolha da(o) dirigente, mas sim do Orixá. De acordo com relatos de Ialorixás e Babalorixás, todos os terreiros historicamente conhecidos no Brasil, tiveram seus locais de construção designados pelo orixá, e com o Ilé Asé Ògún Àlákòró, não foi diferente. Segundo o Babalorixá Paulo José (Oni Lewa N'jo), em sua obrigação de sete anos, ele sonhou com o terreno onde deveria construir a casa de Ògún. Mas, até esse local ser encontrado passaram-se alguns anos, até que na hora determinada por Ògún, o terreno foi encontrado, e estava de acordo com o sonho do Babalorixá, assim, se têm a narrativa do primeiro Ìtán, desse terreiro.

Entendendo que, na perspectiva dos povos Yorubás os relatos históricos dão conta do surgimento do mundo e da humanidade e fornecem narrativas que caracterizam os Ìtán e que produzem no ouvinte condições de reflexão sobre suas ações concretas, traz ensinamentos que contribuem para o crescimento pessoal e comunitário. O terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró, desde seus primórdios é conduzido pela força ancestral dos Orixá.

O terreiro foi oficialmente fundado em dezembro de 1994. No dia da inauguração, segundo informação do Babalorixá Paulo José, foi lida uma carta, onde foi apresentado a todas(os) os presentes a missão daquela Casa. E nesse registro se afirma o compromisso do terreiro não só em realizar os cultos aos Orixá respeitando os preceitos ancestrais, mas também afirma o seu compromisso social com a comunidade de seu entorno. A comunidade de terreiro, também é impulsionado pela energia caçadora de Oxóssi. Dentro do conhecimento ancestral de origem Ketu, Oxóssi é conhecido como o Orixá da caça, o provedor de alimentos para nossa mesa. Oxóssi é aquele que busca o novo, que se lança em constantes desafios caçando uma maior qualidade de vida para o egbé (filhos de santo do terreiro) e para a comunidade de seu entorno. A metáfora da caça de Oxóssi está relacionada com a busca de conhecimento, Ele traz a novidade, Ele ensina e aprende com suas ações.

O Terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró, na posição de desceinte do Ilé Axé Opô Afonjá, de Nação Ketu, herda o compromisso com a educação e formação de seus filhos, assim como Mãe Aninha (Eugenia Ana dos Santos - Iya Oba Biyi – 1869-1938) em sua gestão, declarou: “Quero *ver meus filhos de anel no dedo aos pés de Xangô.*” Vale ressaltar, que o Terreiro Ile Axé Opô Afonjá, foi fundado em 1910, e nessa época os terreiros de candomblés da Bahia não iniciavam homens, logo, Mãe Aninha, vislumbrava e

profetizava o letramento e o empoderamento feminino. Importante legado deixado aos futuros terreiros seus descendentes.

Seguindo o legado e ensinamento deixado por sua ancestral fundadora do Axé Afonjá, O terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró, segue cumprindo sua missão em obediência as orientações recebidas. Cuidando, colaborando com o crescimento individual dos membros da comunidade do seu entorno. O terreiro possui o compromisso e comprometimento com a educação, características herdadas de seus antecessores. Por isso empenha -se na promoção de cursos de formação que permita o acesso de jovens e adultos pretos e pobres à universidade, também se preocupa com a alfabetização das mulheres que em sua maioria lideram as famílias quilombolas do seu entorno.

O terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró, dentro do seu espaço físico, consegue reelaborar as sociedades africanas, atribuindo a cada Casa de Orixá particularidades próprias de seu pertencimento, logo, as cores das vestimentas dos membros se diferenciam de acordo com o Orixá a qual pertence, os objetos sagrados possuem diferentes utilização, há diferenças na culinária, o culto também se difere de um Orixá para o outro. Esse tipo de organização permitiu e permite que as divindades trazidas pelos nossos ancestrais de diferentes regiões da África pudessem ter seu culto reconstituído no Brasil. Essa acomodação geográfica, justifica a necessidade de as roças de candomblé terem seu espaço físico com abundancia territorial.

Fonte: Arquivo pessoal - Localização do terreiro no mapa geográfico da cidade de Magé.

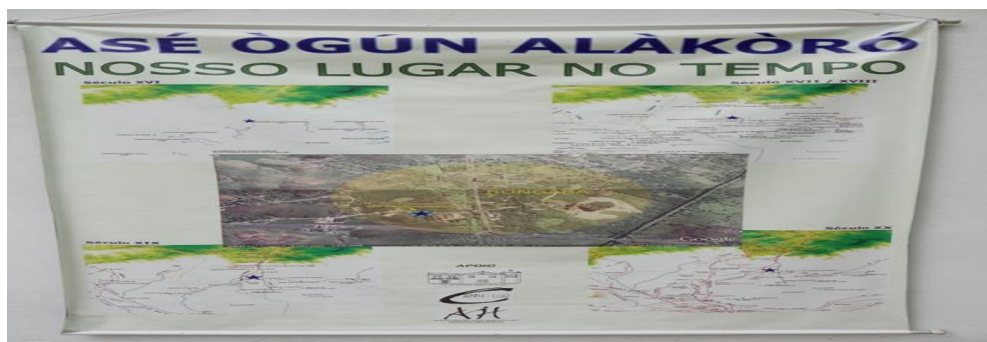


Figura: 12

Baseado nos princípios ancestrais o Terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró, é uma comunidade que organiza suas práticas espirituais e sociais baseada nos Ìtán sagrados de seus Orixá. O Ìtán tem o poder de reunir a comunidade e manter viva as tradições e

ensinamentos deixados pelos ancestrais. As narrativas sobre a vida dos Orisás colaboram de forma atual e precisa para a orientação dos membros dos terreiros.

3.4. Racismo Religioso

Nesta pesquisa optamos por tratar ainda que de forma pouco aprofundada, as práticas racistas que costumam ser chamadas de intolerância religiosa, porém entendemos que mais do que ser tolerados, queremos ser respeitados. Partindo da conceituação dada por Nogueira (2020) a essa terminologia, acreditamos na importância em não usar o termo intolerância religiosa, e sim racismo religioso, porque essa prática nada mais é do que uma vertente do racismo estrutural que contamina toda sociedade. Assim como também já verificou Iya Wanda de Omolu, em sua militância nos anos 80, e conforme detalhado no livro *Tradição dos Orixá*:

Estamos atravessando tempos difíceis, um momento duro de muitas turbulências, mas propício às reflexões sobre nossas práticas para que possamos progredir e avançar e principalmente, darmos respostas contra o filhote do racismo que é a intolerância religiosa". (Iya Wanda de Omolu, 2019. P.42-43).

Na atualidade os terreiros tem sido alvo de diversos grupos que em nome de uma falsa crença religiosa que, ataca, persegue e mata os membros das religiões de matrizes africanas. Há necessidade de pensar o que de fato está por trás de tanto ódio.

A história da colonização brasileira talvez seja a chave de entendimentos para essas práticas já enraizadas há milênios em nossa sociedade e que hoje vem se apresentando com outras roupagens e novos personagens. De acordo com o professor Nogueira (2020) existe uma sistematização nesses ataques, o objetivo não é só perseguir uma religião, mas sim uma tentativa de dizimação do povo preto, orquestrado pelo racismo. Vejamos a análise de Nogueira (2020):

Trata-se de epistemicídio de práticas e saberes de resistência que compõe a memória africana da diáspora. Os espaços do sagrado negro são lócus enunciativos que operam na recomposição dos seres alterados pela violência colonial. (NOGUEIRA,2020, p.56).

O território da Baixada Fluminense, onde está inserido o terreiro, campo de pesquisa desta dissertação tem um grande índice de violações às comunidades tradicionais de matriz africana, conforme nos traz os apontamentos da pesquisa de

dissertação sobre as “Mulheres que Rezam e Curam”, realizada na UFRJ, no Instituto de Psicologia, através do Programa de Pós Graduação de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social (EICOS), por Geraldo Bastos (2020). A ocorrência de violações às religiões de matriz africana, tratadas como racismo religioso é um processo histórico e traz no seu contexto a perpetuação do racismo:

Na Baixada Fluminense, a intolerância religiosa sempre esteve de mãos dadas com o racismo. Discriminados, os escravizados tinham dificuldades de realizar seus ritos nos espaços em que viviam. Após a abolição da escravidão, a política herdada do Império, tendo à frente os “coronéis” que dominavam os territórios da Baixada, impunham o catolicismo, inibindo a criação dos terreiros de candomblé, que somente irão surgir na região, a partir da década de 1930. (BASTOS, 2020, p, 37)

Tais evidências nos levam a refletir o quanto o racismo estrutural contamina todos meios da sociedade, daí a importância de táticas pedagógicas e políticas que nos ajudem a combater o racismo. O estudo do professor Almeida (2020), nos trazem a urgência em tratarmos dessas questões.

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo normal com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas, e até familiares, não sendo um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. (ALMEIDA, 2020, p.50).

Uma vez que entendemos que as práticas de violência contra as religiões de matrizes africanas estão calcadas no racismo estrutural, é urgente que medidas no âmbito das legislações que regem o país também sejam revistas, pois não se trata apenas de violências verbais, o racismo religioso evoluiu para a violência física, necessitando ser tratada como crime.

Na atual gestão executiva do país percebemos que há um interesse em tratar o tema com a seriedade que lhe confere. Acreditamos que esse caminho jurídico possa colaborar de forma significativa, mas consideramos também de extrema importância a mudança de postura das(os) cidadãs(ãos), é necessário rever práticas e comportamentos, até mesmo no seio da família, como diz o professor Almeida (2020). As mudanças precisam partir da conscientização de cada uma/um.

O terreiro, campo dessa pesquisa, lança mão daquilo que tem de mais precioso, seus mitos, para dialogar com a comunidade, criando assim um ambiente de trocas, respeito e parcerias. Acreditando que o diálogo também pode ser um caminho possível para o combate ao racismo religioso.

Uma das táticas do racismo estrutural é excluir as pessoas pretas das estruturas sociais e políticas, por isso é tão importante, que ações como as desenvolvidas pelo terreiro ganhe força e visibilidade, para que as pessoas possam ser recolocadas na vida e na sociedade, é necessário romper com as barreiras impostas pelo racismo.

CAPÍTULO 4: CONFLUÊNCIAS METODOLÓGICAS ORACULARES e EPISTEMOLÓGICAS

4.1. "(Contra) Metodologia" (HADDOCK-LOBO, 2021)

Partindo do princípio de que esta pesquisa nasce do "cruzo" (SIMAS; RUFINO, 2018, p.27) do terreiro com o quilombo, não é possível que seja construída a partir de uma metodologia hegemônica colonial. O que trazemos é uma experiência baseada na metodologia oracular de terreiro, orientada pelo Orixá Ògún, Senhor dos caminhos. Este conceito epistemológico que foi utilizado na realização desta pesquisa, também é defendido e utilizado por Rafael Haddock-Lobo:

Se perguntarmos pelo método, Ògún, divindade iorubana do ferro, da agricultura e das guerras, nos ensina que precisamos, então perguntar pelos caminhos. Se "método" nada mais é do que "através" ou por meio de (meta) caminho(lodos), então, método é travessia, e experiência de atravessamento com as aporias do real. Nesse sentido, uma boa tradução para "método" é o nome de uma erva que se costuma usar no Brasil para descarregar, limpar o corpo e trazer energias boas para a vida, que se chama "abre-caminho" (Justicia gendarussa Burm.F.). (HADDOCK-LOBO, 2021, p.133).

É importante evidenciar uma outra história dos povos de terreiros, que seja a história de superação e cocriação de realidades e vivências. Muitos/as autores/as e pesquisas têm ressaltado essas potencialidades, como nos trazem Simas e Rufino (2018):

Ao orientarmos nossas reflexões a partir de um referencial epistêmico que se assenta nas macumbas, indicamos também as orientações metodológicas que são bases para a feitura de nossas pesquisas. Assim, não há a separação dos caracteres políticos, epistemológicos e metodológicos. A lógica que versa a

produção de conhecimentos nas pesquisas que se orientam sob a epistemologia das macumbas é a das encruzilhadas, ou seja, a dos caminhos enquanto possibilidades. A gira se firma a partir de muitas lógicas e o pesquisador cambono deve estar de corpo aberto para afetar-se por algumas que lhe cruzarão. (SIMAS; RUFINO, 2018, p.36)

Não queremos desconsiderar os saberes ocidentais, “sintéticos” (BISPO, 2021) que estiveram e estão presentes em brilhantes trabalhos de pesquisa, mas queremos visibilizar, valorizar outras formas e métodos capazes de conduzir com eficiência uma pesquisa acadêmica. Trazemos a metodologia oracular do terreiro como fio condutor para a organização e realização desta pesquisa. Os saberes ancestrais que orientam a vivência nos terreiros e que extrapolam seus muros, quando se fazem presentes nas narrativas que colhemos dos membros da comunidade do entorno do terreiro que nos ajudaram a construir o corpo desta pesquisa.

A sabedoria ancestral protagonizada na figura do Orixá Ossaim, nos traz um sinal de alerta, existem muitas ervas na natureza, e elas não são genéricas, a cada indivíduo é proposto uma folha, uma erva, de acordo com a sua natureza física e espiritual, isso quer dizer que é possível fazer uso daquelas que promovam o nosso crescimento, intelectual, físico e emocional, assim também existem vários métodos e técnicas de pesquisa capazes de atender a múltiplas inteligências dentro da academia. O racismo que está impregnado na sociedade não permite, ou tenta impedir que outras possibilidades de saberes e métodos possam produzir conhecimento “válido” (GRADA KILOMBA, 2019) no ambiente acadêmico. Então tomo a inquietação de Kilomba (2019), como sendo de todas nós, mulheres pretas, pobres e periféricas, que ousam ocupar um lugar na universidade. E assim como a autora também nos pomos a refletir:

[...] Aqui inevitavelmente tenho que perguntar, como eu uma mulher negra, posso produzir conhecimento em uma arena que constrói, de modo sistemático, os discursos de intelectuais negros/os como menos válido. (KILOMBA, 2019, p.54).

A autora nos inquieta e ao mesmo tempo nos aquieta, nos convidando a assumir a nossa escrita com legitimidade e a partir dos nossos locais de fala e de produção de conhecimento. Trazendo-nos encorajamento e empoderamento através de sua própria escrita que assim nos diz:

Meus escritos podem ser incorporados de emoção e subjetividade, pois, contrariando o academicismo tradicional, as intelectuais negras/os se nomeiam, bem como seus locais de fala e de escrita, criando um novo discurso com uma nova linguagem. Eu, como mulher negra, escrevo com palavras que descrevem minha realidade, não com palavras que descrevem a realidade de um erudito branco, pois escrevemos de lugares diferentes. Escrevo da periferia, não do centro. Este é também o lugar de onde eu estou teorizando, pois coloco meu

discurso dentro da minha própria realidade. O discurso das/os intelectuais negras/os surge, então, frequentemente como um discurso lírico e teórico que transgride a linguagem do academicismo clássico. (KILOMBA,2019, p.58-59)

Ainda numa perspectiva de validação do escrito acadêmico e de saberes contra hegemônicos, “orgânicos”, Bispo dos Santos (2021), nos traz sua própria experiência enquanto Mestre de saberes orgânicos, como costuma nomear os saberes que não aprendemos na academia, mas sim, nos quilombos, nos terreiros nas rodas de samba, nos quintais de nossas casas.

Eu cheguei junto com vocês, respeitando a fronteira. Esta é a questão. O saber orgânico anda com o saber sintético respeitando a fronteira. O saber orgânico chega na fronteira, e a fronteira para o saber orgânico é um espaço de diálogo. Então, cada vez que nós encontramos um outro saber a gente dialoga com ele, na boa. Se precisar aprender a gente aprende. Mas aprender aquele outro saber não significa que a gente perdeu o nosso, a gente estendeu o nosso saber. A gente enriqueceu, e agora a nossa fronteira é mais a frente um pouco. É até o outro saber que a gente não sabe. O saber sintético é diferente. Quando ele chega na fronteira, ele não tem fronteira, ele tem limite, e ele não consegue dialogar com o outro saber. Então o nosso saber é um saber do diálogo e o saber sintético é o saber do conflito. Quando ele chega no outro saber ele *Puf!* não reconhece o outro saber, não dialoga e chega no limite. (BISPO,2021, p.91).

Esta pesquisa tem caráter qualitativo e contra hegemônico. O percurso foi definido pra metodologia oracular, que nos indicou os caminhos para a colheita. Assim, a colheita foi desenvolvida através do método da narrativa temática dentro de um contexto de oralidade a partir da narrativa oral dos entrevistados.

Nesta pesquisa, o lugar privilegiado da produção das narrativas foi aquele apontado pelas e pelos participantes, tanto em conversas pessoais quanto em rodas de conversa. Para garantir uma escuta sensível que de fato busque as informações que tragam entendimento sobre a realidade. Lembrando Antônio Bispo dos Santos (2015), o estudo se apoiou na circularidade do conhecimento e da troca de saberes. De acordo com Mestre Naldo (LIMA e COSTA, 2018), o que se precisa aprender acontece nos espaços de circulação e nos encontros, se dá por meio da escuta e da observação, no gesto, na palavra e no silêncio.

O método da narrativa temática é muito utilizado em pesquisas qualitativas, pois a narrativa dá conta de memórias, de acontecimentos da vida cotidiana vivenciada por diferentes sujeitos em seus ambientes de vivência. A narrativa abarca o dito, o não dito, os gestos, olhares, o silêncio, as decisões sobre o que fica e o que deve ser retirado do texto após tradução para linguagem escrita.

Apesar do culto aos Orixá ser um dos mais antigos da humanidade, a palavra Ìtán ainda não é conhecida por grande parte da comunidade acadêmica, por ser tratar de uma metodologia de transmissão oral de conhecimento que está diretamente relacionado com cultura africana. As narrativas sobre a vida dos Orixá colaboram de forma atual e precisa para a orientação dos membros dos terreiros. O Ìtán, aproxima o iniciado de seu Elédá (Orisá da cabeça da pessoa). Essa aproximação pode se dá por identificação no arquétipo físico ou psicológico. As narrativas dos Ìtán são fundamentais para a interpretação da leitura realizada através dos búzios.

Conhecemos diversos autores que de forma competente registram os Ìtán, no entanto, partindo do conceito de narrativa temática, fizemos a opção pela narrativa dos Ìtán do Babalorixá do Terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró, Paulo José Reis (Oni Lewa N'jo) e idealizador dos núcleos de atendimentos, por entender que esta versão das narrativas dos Ìtán são coerentes, organiza e dá sustentação para as ações que a Casa desenvolve. Essa escolha se deu também porque entendemos que nem toda narrativa de Ìtán é adequada para o trabalho realizado no terreiro, por isso fizemos a opção pelas narrativas na forma como circulam na comunidade de terreiro. É importante destacar a compreensão que as narrativas de Ìtán, que se tem em publicações diversas não condizem com a realidade do Terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró, assim como afirma seu Babalorixá:

Eu vou escrever por questões de nossa vivência lá. Então, o Prandi leva a divindade para um lugar muito humanizado, muito profano, não encaixa exatamente na questão de um pertencimento litúrgico. (REIS,2023).

A narrativa tem como um aspecto importante o tempo, que não é necessariamente trazido de forma linear. Quando apresentada de forma não linear, isso não a descaracteriza enquanto narrativa, visto que o ato de narrar, pode levar o narrador para diferentes tempos, passado, presente e até projeções de futuro. Narrar permite ao locutor organização das ideias, revisitar antigas experiencias, que em alguns casos pode ser útil na dissolução de traumas e dores, trazendo refrigério e alívio para o narrador.

As narrativas africanas corroboram de forma significativa com o conceito de temporalidade, segundo um Ìtán africano que narra os feitos de Exu, diz que: “Exu, matou um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje.” Esse Ìtán nos traz a compreensão de que as narrativas não são estáticas, porque a vida é dinâmica e acontece no aqui e agora do tempo presente. Nesta perspectiva de movimento contínuo e atemporal Leda Martins

(2021), nos convida à reflexão do tempo narrativo da memória seguindo a batida do tambor:

No movimento curvo da memória, nosso tempo-tambor gira para trás e simultaneamente para frente, na cadência das espirais que enovelam e inspiram o presente. Volver o olhar para o antes é virá-lo também para o depois, e para os agoras. (MARTINS,2021, p.16.)

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos em seus ambientes de implicação, o projeto de pesquisa foi enviado a Plataforma Brasil, para solicitar ao Comitê de Ética, autorização para realização das narrativas. O Parecer Consubstanciado do CEP, Nº 5.746.268,(Anexo 1 e Anexo 2) indica que o projeto foi aprovado, o que nos permitiu dar início às entrevistas com os três membros da comunidade e quatro membros do terreiro apontados pelo oráculo. A escolha dos membros da comunidade ocorreu a partir do envolvimento direto dos mesmos nas ações que o terreiro desenvolve e na liderança dos demais moradores. Quanto ao critério de escolha dos entrevistados do terreiro, segundo indicação dos búzios, ocorreu pela antiguidade desses membros na Casa e de seu envolvimento direto na organização das ações sociais do terreiro.

Antes de iniciar a escuta das narrativas foi realizada uma roda de conversa para explicação sobre o tema da pesquisa, foi feita a leitura do termo de consentimento. Aos/às mesmos/as foi informado que caso desejassem suas identidades não seriam reveladas e que nenhum custo lhes seria atribuído. A partir desse ponto, seguimos com as narrativas de forma individual. Todas as narrativas foram gravadas em áudio, para posteriormente serem transcritas na íntegra. Por se tratar de narrativas, não foi estipulado tempo de duração, para que os participantes pudessem se expressar livremente.

- **Para os membros da comunidade foi colocada a seguinte questão:**

1. *Como se dá sua relação com os membros do terreiro?*
2. *De que forma as ações sociais desenvolvidas pelo terreiro afetam sua vida?*
3. *Se você pudesse associar as ações do terreiro a algum Orixá a qual seria?*

- **Para os membros do terreiro, foram colocadas as seguintes questões:**

- 1 *Eu gostaria de saber como é a sua relação com a comunidade do entorno do terreiro?*

2. *O que acha dessas ações sociais que o terreiro vem desenvolvendo com a comunidade?*

3. *A qual Orixá o senhor poderia associar as ações sociais que o terreiro desenvolve com a comunidade?*

Após o registro das narrativas, passamos à leitura e posterior análise temática das narrativas, para então agrupar os temas semelhantes, que nos ajudaram na construção dos resultados.

4.2 A Epistemologia Oracular

[...]O jogo de búzios não adivinha o futuro, mostra o caminho presente, levando o consulente a refletir sobre as melhores atitudes a serem tomadas para que a caminhada a seguir seja mais fácil. Afinal, o milionésimo de segundo após o presente já é futuro. [...]. (Mãe Stella de Oxóssi, In: A Tarde, Salvador, 2 jan. 2014. Balaio de ideias.)

Jogo de búzios (https://www.notibras.com/site/wp-content/uploads/2020/09/1_yEGVUoL2Cyp5BwB1dXtaqA.jpeg)

Figura :13



O sistema de consulta oracular através dos búzios foi introduzido no Brasil pela primeira Ialorixá, Iya Nassô, fundadora do Candomblé no Brasil, mais precisamente do Terreiro Ilê Axé Iya Nassô Oká por volta de 1820-1830, conhecido como Casa Branca. Até então o sistema oracular era apenas manuseado por homens, os Olùwos e Bábáláwo através do jogo de Ifá. A partir de Iya Nassô, chegou ao Brasil o Sistema Oracular

conhecido como bamboche (Bàmgbósé), o que possibilitou a atuação das mulheres na realização da consulta oracular. Vale ressaltar que o Candomblé originariamente foi fundado por mulheres e a maioria dos terreiros até os dias atuais são dirigidos por mulheres. Daí a importância da introdução das mulheres na realização da consulta oracular com 16 búzios, também chamado de Merindilogun.

Não temos a pretensão de aprofundar o estudo da estrutura dos sistemas oraculares, queremos apenas, sulevar a importância da consulta oracular para a organização das comunidades de terreiro e de seus membros. Visto que o Oráculo se apresenta nos primórdios da composição dos terreiros no Brasil, vivenciando um processo já iniciado por Exu, que foi o primeiro Orixá a realizar consultas oraculares a partir do fruto do obi (noz de cola).

No terreiro, a posição dos búzios ao ser lançado para o consulente determina o Odú, o caminho a ser seguido. Para cada Odú uma Itán, uma história que será analisado para a orientação do consulente. Os Orixá falam durante o jogo posicionando-se, trazendo, assim como diz, Mãe Stella de Oxóssi, (2014) orientação para um caminhar no presente às vésperas do futuro. A consulta oracular através dos búzios possui caráter divinatório e não adivinatório, assim como afirma Mãe Stella de Oxóssi, (2014).

Faço sempre a opção de falar em sistema divinatório e não adivinatório, pois a utilização de um oráculo é uma oração realizada com o intuito de receber respostas reveladas pelas divindades, sejam elas as divindades maiores ou a divindade pessoal de cada um que busca esclarecimentos para suas dúvidas e orientações para seus atos futuros. (Mãe Stella de Oxóssi, 2014, p.2)

Partindo do princípio de que narrativas são potentes ferramentas metodológicas para uma pesquisa qualitativa, como é o caso desta, valho-me da revelação oracular como minha primeira metodologia de pesquisa, pois foi do oráculo que saíram as primeiras orientações para a construção dessa pesquisa participante, e os caminhos da pesquisa seguiram se apoiando em seus referenciais e indicações.

Como já foi dito, as comunidades de terreiros estão repletas de vida e de ensinamentos para quem tiver ouvidos para ouvir. Desta forma, através do jogo de búzios me foi revelado qual caminho deveria seguir na realização da pesquisa de mestrado. Em uma consulta oracular realizada no Ilé Aşé Ògún Àlákòró, Ogum revelou que o trabalho de pesquisa deveria ocorrer naquele território através dos Orixá Exu, Ogum, Xangô, Iemonjá e Oxum. Confesso que discordei e disse que procuraria outro tema, porém Ògún, insistiu afirmando que aquele era o projeto a ser desenvolvido a partir dos Orixá citados.

Ògún revelou também que eu receberia ajuda de alguém que já estava na casa. Essa consulta oracular ocorreu no ano de 2019.

No ano de 2020, fui rerepresentada ao grupo de pesquisa Laboratório de Memória, Ocupações e Territórios: Rastros Sensíveis (LABMEMS), pelo amigo Geraldo Bastos, a quem contei sobre a intenção do projeto e que muito me incentivou a tornar concreta a palavra de Ògún. Encorajei-me e fiz a inscrição, fui aprovada e no mesmo ano de 2020 iniciei o curso. Eu, uma mulher preta que inicia um curso de Mestrado aos 56 anos em uma Universidade Pública, trazendo comigo a força da ancestralidade que vive em mim, a energia de uma comunidade de terreiro inteira, vim confiante e, pois, quando Ogum disse “vai”, Ele mesmo já havia seguido na frente preparando os caminhos. Daí em diante, não caminho só, conto com a presença determinada de Ogum, a ousadia de Oxum e a generosidade, competência e carinho de minhas orientadoras escolhidas pela espiritualidade, Prof.^a Dr.^a Samira Lima da Costa e Dr.^a Eliana Nunes Ribeiro. Esta é uma pesquisa que foi construída no chão do terreiro, cujo o método, o caminho a ser seguido foi aquele revelado pelo Orixá.

A água já foi jogada na terra, a folha foi cantada e encantada, o reflexo no espelho vem reivindicar o reconhecimento e a validação de outas metodologias possíveis.

Asé!

Capítulo 5. Xirê Teórico

Este capítulo destina-se a apresentar o referencial teórico que embasa esta dissertação, ciente de que estou fazendo a ponte uma ponte entre duas epistemes, invoco Dona Ivone Lara, que também fez a ponte entre a saúde mental e a arte para dizer:

... Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho

Mas eu vim de lá pequenininho

Alguém me avisou

Pra pisar nesse chão devagarinho

Alguém me avisou

Pra pisar nesse chão devagarinho

(Fonte: Musixmatch Compositores: Yvonne Lara / Letra de Alguém me Avisou © Warner/chappell Edicoes Musicais Ltda).

Foi assim, pisando devagarinho nesse chão da academia trazendo meus mitos, ritos, saberes e meu corpo de mulher preta para esse Xirê (É a roda realizada nas celebrações de candomblé, essa roda é composta por mulheres iniciadas no culto do candomblé) de pensamentos e palavras.

Dentro do arquétipo do panteão Yorubá, Yabás significa o gênero feminino dos Orixá. Cada uma possui, seus elementos de Axé (força vital), cores e símbolos, mas todas de igual forma transmitem suas memórias ancestrais que são recriadas no corpo de suas Iãos em transe nas rodas de candomblé. Seus Ilás (brado dos Orixá) trazem o grito da resistência e da insistência em recontar a história a partir de suas experiências, assim para nosso Xirê teórico invocando as Yabás (terminologia dada a todos os Orixá feminino): Leda Maria Martins, Beatriz Nascimento, Neusa Santos Souza, Grada Kilomba e Maria Stella de Azevedo Santos (MÃE STELLA DE OXÓSSI).

Mas, um Xirê, não é composto só Yabás, contamos também com a participação dos Ocuris, (Orixá de gênero masculino dentro do panteão Yorubá), que trazem na força de seu brado um clamor de justiça, de luta e de reencanto de nossas praticas literárias.

Invocamos para Xirê, Antônio Bispo Dos Santos, Luiz Antônio Simas, Luiz Rufino, Paulo José Reis (Babalorixá do Ilé Asé Ògún Àlákòró), Rafael Haddock- Lobo, Sidney Nogueira e Silvio de Almeida.

Iniciamos nossa roda com a colaboração da Yabá Martins (2021), que nos traz a importância da religiosidade, da vivência do sagrado como ícone de resistência e sobrevivência dos povos africanos em diáspora, afirma a autora:

A história dos negros nas Américas escreve-se numa narrativa de migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de modo singular constituiu um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social. (MARTINS, 2021, p.30)

Para fortalecer nosso discurso identitário afro-brasileiro contamos com as narrativas da psicóloga e ativista Santos (2021), que nos ajuda a refletir sobre as dores causadas pelo racismo, e nos impulsiona a fortalecer a nossa identidade negra nessa sociedade que tenta a todo momento nos invisibiliza. Nos diz a autora:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar – se em suas potencialidades. (SANTOS,2021, p.46).

Chamamos para roda, Nascimento (2021), que nos trouxe importantes reflexões através de seus estudos sobre Quilombo. A autora nos ensinou que quilombo, não se resume a um lugar de refúgio, quilombo é um território de reconstrução dos modos de vida para negros e indígenas. Nascimento (2021), mostra a importância do aquilombar-se, da possibilidade da criação de novas estruturas coletivas de vida, de luta e de resistência. Assim nos fala a autora:

Agindo nos seus locais, seja no “terreiro” místico, nas comunidades familiares, nas favelas, nos espaços recreativos (manifestando música de origem africana, afro-americana ou afro-brasileira), os povos africanos da América provocam mudanças nas relações raciais e sociais.

Ocupando espaços com seu corpo físico (território existencial), eles apoderam -se da cidade, reproduzindo o modo dos antigos quilombolas, tornando-se, como aqueles, visíveis ao regime. Fazendo deste um espaço descontínuo no tempo, em que as “frinchas” provocam linhas de fuga e são elementos de dinamização que geram um meio social específico.

Assim se dava com os quilombos e seus similares ao longo da história da América. Assim se dá hoje com os grupos negros ou afro-americanos. (NASCIMENTO, 2021, p.251).

Em nosso Xirê teórico, chega nossa Yabá Kilomba (2019), trazendo importantes reflexões acerca de nosso fazer literário sempre ameaçado pela praga do racismo. A autora nos propõe desafios tais como a não neutralidade dos discursos.

[...] demandando uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, pois todas/os nós falamos de um tempo e lugar específicos, de uma história e uma realidade específicas - não há discursos neutros. Quando acadêmicas /os brancas/os afirmam ter um discurso neutro objetivo, não estão reconhecendo o fato de que eles também escrevem de um lugar específico que naturalmente, não é neutro nem objetivo ou universal, mas dominante. É um lugar de poder. Desse modo, se esses ensaios parecem preocupados em narrar as emoções e a subjetividade como parte do discurso teórico, vale lembrar que a teoria está sempre posicionada em algum lugar e é sempre escrita por alguém. (KILOMBA, 2019, p.58).

Fechamos o Xirê das Yabás com nossa ancestral, Santos (2020), que nos deixou um grande legado de ensinamentos, lições que ela mesma aprendeu em sua vivência no terreiro e que generosamente nos disponibiliza através de suas publicações. Mãe Stella, a Ialorixá escritora, com sua sabedoria, foco, coragem e ousadia, características próprias de um caçador, faz a travessia da oralidade para a escrita, preservando em sua escrita rastros de suas memórias, rastros esses que também se tornaram suleadores desta pesquisa. De sua obra “O que cantam as folhas”, colhemos cantigas, Itán, de seus artigos, reflexões que compõem o corpo teórico desse trabalho. A griotte diaspórica e escritora nos remete com seus escritos as tradições culturais afro-brasileira.

Quando os meus filhos me pediram para fazer este livro, eu achei a coisa mais difícil do mundo [...] algum tempo depois, resolvi falar sobre o meu Òrìsà [...], pois entendi que a tradição passada de maneira oral é primordial, pois só através dela o Àsè é transmitido, mas que a linguagem escrita é um instrumento colaborador de transmissão de conhecimento[...] pensando assim, recorri às minhas anotações, lembrei de conversas que tive com os mais velhos e resolvi fazer este livro. (OXOSSI, 2006, p. 9).

Demos continuidade ao nosso Xirê teórico, agora chamando para a roda os Ocuris, começamos com nosso Mestre quilombola, Santos (2019), que contribuiu de forma significativa na fundamentação das reflexões sobre quilombos e sobre a importância da validação de nossos saberes orgânicos. Sobre quilombos o Mestre afirma:

[...]O termo quilombo que antes era imposto como uma denominação de uma organização criminosa reaparece agora como uma organização de direito, reivindicada pelos próprios sujeitos quilombolas. O mesmo ocorre com o termo povos indígenas, que também foi ressignificado por esses povos como uma categoria de reivindicação de seus direitos. Ao acatarmos essas denominações, por reivindicação nossa, sabendo que no passado elas foram impostas, nós só o fizemos porque somos capazes de ressignificá-las. Tanto é que elas se transformaram do crime para o direito, do pejorativo para o afirmativo. Isso demonstra um fluxo filosófico que é o resultado direto da nossa capacidade de pensar e elaborar conceitos circulantes. (SANTOS,2019, p.72)

Invocamos os Ocuris, Simas e Rufino (2018), que nos conduziram por suas reflexões encantadas, para buscar fundamentação para a realização desta pesquisa. Os autores fortaleceram com suas obras uma episteme que nasce no chão dos terreiros e chega à academia trazendo a possibilidade da validação de saberes outros e contribuindo para que outras epistemes também possam ser acolhidas neste espaço de produção de conhecimentos. Neste Sentido, afirmam os autores:

Na epistemologia das macumbas um dos principais desafios a ser encarado, tanto na ordem das problematizações acerca dos conhecimentos quanto na feitura das pesquisas, é a capacidade de se lançar em uma espécie de rodopio.

O rodopio configura -se como giro que desloca os eixos referenciais, fazendo com que aqueles princípios que comumente são compreendidos como objetos a serem investigados e que por uma série de relações de saber/poder são mantidos sobre uma espécie de regulação discursiva sejam credibilizados como potencias emergentes e transgressivas. Falamos de amarrações versadas, balaios, pontos riscados que enigmatizam e anunciam outros princípios explicativos de mundo, orientados por outras lógicas de saber que revelam experiências que emergem como outros referenciais. (SIMAS E RUFINO, 2018, p.35)

Chegando para compor a roda o filósofo Haddock-Lobo (2022), abrindo caminhos e criando possibilidades para uma nova metodologia de pesquisa. Assim como diz o autor:

Essa primeira digressão sonha com uma Grécia, um potente lugar de cruzamento e que, berço da filosofia, assumiria só ter alcançado essa potência de pensamento justo por não ser nada “pura”, mas ter o privilégio de ser a encruzilhada entre Europa, Áfricas e Ásias. Essa outra Grécia é, em nossa contrametodologia ou nesse descarrego do método, o encontro de Ogum, dono dos caminhos, com seu irmão Exu, o dono das encruzilhadas. [...] O conceito de cruzo é fundamental para uma metodologia macumbeira. (HADDOCK-LOBO,2022, p.132).

Para esse Xirê teórico contamos com a colaboração dos estudos do professor Nogueira (2020), que muito nos auxiliou nas reflexões sobre o racismo religioso, umas das vertentes do racismo estrutural, que de maneira agressiva vem corroendo a sociedade. Nogueira (2020), nos orienta sobre a importância do combate a essa vertente, pois a manutenção dessas práticas tem causado a morte física em muitas/os de nós membros das religiões de matrizes africanas e nos levando de volta a um lugar que nossos antepassados já estiveram, lugar de sofrimento, perseguição e muita violência.

O racismo religioso quer matar existência, eliminar crenças, apagar memórias, silenciar origens. É a existência dessas epistemologias culturais pretas que reafirmam a existência de corpos e memórias pretas. É a existência dessas epistemologias pretas que evidenciam a escravidão como crime e o processo de desumanização de memórias existenciais pretas. Aceitar a crença do outro, a cultura e a episteme quem a sociedade branca escravizou é assumir o erro e reconhecer a humanidade daquele que esta mesma sociedade desumanizou e matou. (NOGUEIRA, 2020, p.123).

Para nos auxiliar no estudo sobre racismo estrutural contamos com a colaboração do Ocuri Almeida (2020), nos apoiamos em seus estudos para melhor compreender as artimanhas do racismo, suas manobras e seus efeitos devastadores em nossas vidas em todos os aspectos.

Em uma sociedade que se apresenta como globalizada, multicultural e constituída de mercados livres, “o racismo já não ousa se apresentar sem disfarces”. É desse modo que o racismo passa para a destruição das culturas e de corpos com ela identificados para a domesticação de cultura e de corpos. Por constituir -se da incerteza e da indeterminação, é certo que o racismo pode, a qualquer momento, descambar para a violência explícita, a tortura e o extermínio. (ALMEIDA,2020, p.72,73).

Finalizamos nosso Xirê teórico com a colaboração do babalorixá Paulo José Reis, que de forma generosa e competente nos trouxe as narrativas dos Itán vivenciados em seu terreiro, que também é território desta pesquisa. O “baba”, como é carinhosamente chamado pelas /os filhas/os de santo, é o idealizador dos núcleos de atendimentos do terreiro, esses núcleos dão conta da realização das ações sociais que o terreiro desenvolve em prol da comunidade de seu entorno. Os projetos são realizados a partir do entendimento das orientações dadas pelos Orixá. A oralidade é uma das características herdada de nossos ancestrais, e o babalorixá, de forma didática e pedagógica faz uso de suas narrativas para organizar a comunidade de terreiro e transmitir seus conhecimentos acerca dos Orixás. Porém, não há publicações de suas narrativas, o que não as tornam menos importante ou inadequadas para esta pesquisa acadêmica. Suas narrativas são repletas de saberes ancestrais, que dão vida aos mitos vivenciados no chão do terreiro. A certeza da orientação dada pelos Orixá leva o babalorixá fazer a seguinte afirmação: Ogum sempre foi o meu caminho, a minha verdade e a minha vida. Eu só chego a Deus através de Ogum. (REIS, diário de campo, outubro de 2022)

CAPÍTULO 6.

Núcleos de Atendimento, Ação e Acolhimento do Ilé Aşé Ògún Àlákòró



Figura:14 / Fonte: Facebook do Ilé Aşé Ògún Àlákòró

O surgimento dos Núcleos de Atendimentos

De acordo com relatos do Babalorixá Paulo José dos Reis, os Núcleos surgiram a partir de uma inspiração divina. Ele conta que em um determinado dia recebeu umas visitas, que foram ao terreiro para conhecer o espaço físico, e que ao apresentar a casa aos visitantes, Ògún foi colocando em sua boca os nomes desses núcleos e qual seria a finalidade dos mesmos. Assim que os visitantes se despediram, o Babalorixá conta que correu, pegou caneta e papel e anotou, pois não queria correr o risco de esquecer. Passado algum tempo, ele sentiu a necessidade de ter registrada uma definição específica para cada núcleo, e foi orientado por Ògún a pedir a colaboração do então a época abiã de Oxalá, Cristiano Henrique Ribeiro dos Santos, atualmente, iaô de Oxalá. As definições dos núcleos que seguem abaixo foram por ele escrita. De acordo com relato de Cristiano (Bàbá Alatigberewa).

Missão

Os Núcleos de Atendimento, Ação e Acolhimento do Ilé Àse Ògún Àlákòró têm por objetivo assistir à comunidade do terreiro e à comunidade quilombola, no intuito de promover o resgate da cidadania da população local levando-os à emancipação, ao desenvolvimento e à busca de uma melhor qualidade de vida, através do diálogo social e

comunitário, da escuta ativa e de oficinas de capacitação e promoção emancipatória do indivíduo e da coletividade, a partir das suas próprias potencialidades e dos valores civilizatórios afro centrados. Compreendendo, ainda, a vivência do Sagrado de Matriz Africana a partir das lógicas de inseparabilidade humanidade-Terra-Natureza, humanidade-divindade-transcendência, humanidade-o igual-o outro-o diferente.

Visão

Tornar o Ilé Àṣẹ̀ Ògún Àlákòró através de seus Núcleos de Atendimento, ação e acolhimento, um lugar de transformação social, política, cultural e de consciências, com vistas a uma sociedade mais igualitária, isenta de preconceitos, discriminações e violências de raça, gênero, religião e todas as demais formas de exclusão, segregação e sofrimento, com vistas a uma redescrição da sociedade brasileira e do mundo a partir dos valores civilizatórios afro entrados e das suas expressões educacionais.

6.1. NACO: Núcleo Ativo da Comunicação

Núcleo Ativo da Comunicação do Ilé Àṣẹ̀ Ògún Àlákòró (NACO) é o elo de ligações com as diversas instâncias comunicacionais. Cuida e responde pela comunicação interna entre os membros da comunidade terreiro, interage com os moradores da comunidade quilombola do entorno, se relaciona com as instituições governamentais e da sociedade civil, com a mídia em geral e especializada. Assim como, com as demais instituições religiosas de Matriz Africana.

Em múltiplos sentidos, o NACO busca estabelecer diálogo em diversos níveis, seja no âmbito local, regional, nacional e internacional, no sentido de disseminar a mensagem e os valores afro centrados. Igualmente, procura capacitar os membros da comunidade-terreiro e da comunidade quilombola para os usos das novas tecnologias da comunicação, em especial as redes sociais digitais, dispositivos móveis, etc. O NACO também trabalha no esclarecimento acerca das formas como a mídia atua na sociedade e sobre os indivíduos. Além disso, debate sobre como a informação e os conteúdos são disseminados através dos veículos de comunicação, carregados de conceitos políticos e ideológicos, manipulações e estratégias de manutenção de poder e o status quo. Assim como, se configuram como instrumentos da cultura de consumo.

O patrono do NACO é o Ọ̀rìṣà Èṣù, (Orixá Exu), divindade da comunicação por excelência. É quem cumpre o papel ativo e fundamental de Mensageiro Divino, grande interlocutor entre o mundo sobrenatural e a terra. É também a “Boca Coletiva”, assim como aquele que transporta os pedidos e oferendas às demais divindades. Todo o complexo sagrado das tradições de Matriz Africana está compreendido na força da comunicação, da potência realizadora da palavra, do cântico, dos encantamentos. A palavra, a comunicação é aquilo que movimenta o princípio dinâmico da existência, da vida social e das trocas comerciais. Comunicação é potência de realização. Palavra é atitude, é ato, é ação.

Patrono: Èṣù (Exu)

“O Cruzeiro” (RUFINO,2019) entre Comunidade e Terreiro

No momento em que a comunicação entre a comunidade e o terreiro é estabelecida, podemos entender que aí começa o cruzamento proposto por Exu. O agir político dos membros do terreiro no provimento de recursos para a consolidação de alianças e parcerias que possam restituir o encantamento perdido em meio a desigualdades, dores, invisibilidades e trancamento cognitivos, produzidos pelo colonialismo. É nesse ponto da encruzilhada que Exu Lonan restabelece a possibilidade de novos caminhos e diálogos entre a comunidade e o terreiro, no intuito de tecer o entendimento da dimensão do terreiro que não se limita a um espaço físico, mas que pode se materializar nas atitudes vivenciadas de todos que se propõem a manter vivo o axé (força vital), e essa dinâmica viva é Exu, como afirma Rufino (2019):

Sendo elemento de vitalidade transmitido, trocado, compartilhado e multiplicado, o axé emerge como fundamento que rasura a lógica, desencantadora, perpetrada pelo regime colonial. Ainda dinamizado por Exu, sendo ele o seu portador e aquele que permite o devir, outras lógicas se inscrevem a partir de sua atuação. Dessa forma, onde há desperdício, se cruza a pluralização, onde há ausência, se cruza a mobilidade, onde há conformidade, se cruza a rebeldia onde há normatização, se cruza a transgressão, onde há escassez, se cruzam as possibilidades. (RUFINO, 2019, p. 68-69).

É essa insubordinação de Exu, e as inúmeras possibilidades de desconstrução e reconstrução trazidas por Exu Yangi, que move o terreiro de Candomblé de Nação Ketu, Ilé Aṣé Ọ̀gún Àlákàró a se lançar na empreitada do combate ao racismo religioso, usando como estratégia de luta os conhecimentos ancestrais como facilitadores do diálogo e da desconstrução de conceitos e pré-conceitos estabelecidos em relação ao povo de santo. Há um aforismo yorubá que diz que Exu acertou hoje um pássaro com a pedra que atirou

ontem, recorremos a essa máxima yorubá, para dimensionar, a potencialidade ancestral, que ao chegar em território brasileiro, lançou suas pedras, as mais miúdas, essas mesmas que hoje os membros das religiões de matrizes africanas utilizam para construir o seu lajeiro e derrubar o racismo, e o colonialismo que nos fere a alma. E nesse cruzo ancestral, tudo começa com Exu, porque Ele é o ponto de chegada e o ponto de partida. Como assim nos descreve o Babalorixá Paulo José Reis (2022).

Exu, o patrono da comunicação, de todos os Orixá, porque Orixá é uma palavra que não vai para o plural por conta de ser considerada a essência matriz Orixá nla, então todos os derivados de orixá são considerados, Elédá. Exu é o comunicador o guardião de todos, da humanidade, a comunicação parte dele. Para Exu a essência da palavra conduz a direção de um indivíduo para se tornar uma pessoa melhor, é por isso que se diz a palavra tem força. Antigamente a palavra valia muito mais, com a evolução dos tempos tudo a gente precisa registrar, para oficializar, para dar legitimidade, mas isso para Exu é ineficaz porque a palavra, a comunicação é quem traz na realidade a veracidade. Exu se comunica de diversas forma por isso existem diversas formas de comunicação.

A comunicação visual, onde ele recebe o título de Tiriri, “Aquele que nos faz ver, nos faz enxergar”, porque os olhos as vezes falam muito mais do que a boca.

Exu Lonan, aquele que se comunica com os caminhos, as grandes encruzilhadas, “Aquele que nos promove uma trajetória”.

Exu Enu Gbarijo, a boca coletiva, aquela que recebe efetivamente todos os alimentos que vão se comunicar com o Bará o Exu que habita o corpo de todo ser vivo, e que ali Ele se comunica com o estômago, porque Ele fica sentado exatamente no estômago e dali se distribuí com as outras energias. Exu Eleru, é aquele vai receber tudo aquilo que vai ser transformado em detritos para expurgar do corpo, e o que for saudável, como proteínas, vitaminas, sais minerais, e todo e qualquer alimento o Bará entrega na corrente sanguínea, por isso uma forma tão aliada Dele com Ogum, porque é o sangue que corre em nossas veias. Por isso é comum dizer, “Ogum ye Moye, Ogum é vida, eu estou vivo “. Então Exu é a essência da comunicação , para com Ele esse espiral que está com Ele sem sair do seu lugar, faz uma distribuição dentro da oralidade, dentro da visão, dentro da expressão corporal, conduzindo toda uma essência viva que vai trazer oficialmente a legitimidade e a força da fala, o indivíduo para se apresentar ele precisa falar, precisa se comunicar, quando ele se comunica enquanto individuo ele se apresenta como

pessoa, por isso Exu está neste tramite de transformar todo individuo em uma pessoa melhor. Por isso é considerado o dono das encruzilhadas, porque se movimenta em todos os lugares. Em todos os lugares há uma comunicação, para se chegar a um lugar precisa se comunicar, tanto visualmente, quanto oralmente, dando-se na realidade o processo em determinados momentos, em veículos como uma bicicleta por exemplo, se movimenta o corpo para dar movimento a ela para lhe levar onde você deseja, mas também podemos nos locomover com as próprias pernas, então é o corpo em movimento. Exu é o movimento que se comunica com tudo e com todos sem sair do seu lugar.

Com Exu está a comunicação dos sentimentos das sensações e dos desejos, porque o sentimento vem da alma e as sensações e os desejos estão no corpo.

(Narrativa de Paulo José Reis, diário de campo, outubro de 2022)

Exu ganhou a primazia nas celebrações dos terreiros de candomblé. Toda liturgia do terreiro começa saudando Exu, Ele é também o primeiro a receber as oferendas, garantindo assim, que a benevolência se faça nos Xirês (celebrações onde cânticos e danças recriam os mitos dos Orixás), e que toda negatividade seja transmutada em positividade. Exu exerce aí sua função de Enu Gbarijo (Boca coletiva que tudo come). Ao ingerir as oferendas Ele as transforma e a regurgita, já transformada em força vital (Axé), que nutre toda comunidade do terreiro e aqueles que ali chegam.

Exu, é o um no mais um, aquele que se multiplica por si, mesmo, rompendo com o pensamento estático ocidental do sim ou não. Exu, é isto e é também aquilo. Exu, é a terceira cabaça, Igbá Ketá, que nos desafia a sair do comodismo e buscar novas possibilidades e questionamentos.

A imagem a seguir retrata a figura de Exu, tocando flauta, essa mais umas das inúmeras possibilidades de imagéticas de Exu. A flauta, ou o fere, simboliza a importância da comunicação realizada por Exu, entre a humanidade e os ancestrais, ligando assim Òrun e o Aiyê (céu e terra).

FIGURA:15 Estatueta de Exu. Coleção Robilotta, MASP.
<http://www.afreaka.com.br/notas/arte-para-exu/>



Laroié Exu!!

6.2 Núcleo de Atendimento ao Desempregado e Estudos Tecnológicos (NADETEC)

Núcleo de Atendimento ao Desempregado e Estudos Tecnológicos do Ilé Àşè Ògún Àlákòró (NADETEC), está estruturado com base na ideia de que as tecnologias são instrumentos de evolução e capacitação do indivíduo e da coletividade. Conhecer, aprender e dominar os dispositivos tecnológicos se constituem como potências. A dignidade do ser humano está intrinsecamente relacionada a sua realização profissional. Com vistas a esses propósitos, o Ilé Àşè Ògún Àlákòró articula e promove a valorização da capacitação tecnológica no âmbito da Comunidade Terreiro e no âmbito da Comunidade Quilombola do entorno, objetivando a melhoria da qualidade de vida das pessoas.

Entendemos que tecnologias se configuram em sentido amplo, não se restringindo apenas às ferramentas e softwares, mas também a todas as técnicas sociais e inclusivas que promovam melhores condições de trabalho, de existência, subsistência e de moradia. Nesse sentido, também busca promover saberes que ampliem as condições de empregabilidade dos trabalhadores, tanto em termos de capacitação, quanto de currículos, apresentação, entrevistas, busca de cursos especializados de formação e orientação vocacional.

O NADETEC tem por patrono Ògún, divindade da tecnologia e do trabalho. Aquele que legou à humanidade os instrumentos e ferramentas que possibilitaram a subsistência e a arte de lavrar a terra. Ògún também é Senhor dos Caminhos, possibilitando as oportunidades de melhoria de vida dos indivíduos e de suas famílias, através do esforço determinado e do desenvolvimento das potências internas dos sujeitos.

Patrono: Ògún

Ògún abrindo caminhos e fundando reinos

Eu canto para Ogum,

Ogum / Um guerreiro valente que cuida da gente que sofre demais

Ogum / Cavaleiro do céu escudeiro fiel mensageiro da paz

Ogum / É quem dá confiança pra uma criança virar um leão

Ogum / É um mar de esperança que traz abonança pro meu coração/Ogum

(Compositores: Marquinho Pqd / Claudemir da Silva) Fonte: Musixmatch

Ogum Orixá que movimenta a essência do caminho dando oportunidade de todo ser vivo se locomover. Ogum é o último Orixá do panteão a chegar na Terra e se tornou o primeiro. Ogum veio diretamente do céu, fazendo de suas próprias vísceras uma corrente e chega com a determinação de dar oportunidade das pessoas se locomoverem-se no mundo, chegar a determinados lugares, por isso a sua proximidade com Exu.

Ogum é o único Orixá que pode receber oferendas à frente de Exu, e Exu não se incomoda, porque Ogum é quem dar efetivamente a possibilidade de criar caminhos para as chegadas. Oficialmente, Ogum movimenta a possibilidade de caminhos terrestres, caminhos aéreos, caminhos marítimos e caminhos ferroviários. Por isso Ele é considerado, “Obá erin, O Rei do Ferro”, conduzindo assim a base e o poder do ferro e do aço. Ogum é o grande patrono dos artesões, porque criou do ferro bruto diversas ferramentas, oportunizando abrir caminhos.

Grande alinhado de Ossaim, porque deu nas matas a possibilidade de se caminhar dentro delas. Portanto, é comum se perder dentro de uma mata, porque as trilhas das matas são idênticas, arte de Ogum para preservar oficialmente a privacidade de Ossaim. E dentro desse caminho que são diversos, existem as trilhas, as encruzilhadas, porque dentro dessa estruturação tem a comunicação com a vegetação, com os pássaros,

com os répteis, toda uma essência de vida, grita e se comunica dentro de uma mata, que antes da chegada de Ogum, era considerada fechada, e através de Ogum, encontra-se possibilidades de trafegar nessa mata, conduzindo assim, também a possibilidade na expansão e evolução.

Ogum é visionário e pode levar a tecnologia, pode levar a possibilidade da criação do bisturi e de tantas outras ferramentas não só utilizadas no processo da carpintaria e do artesanato, mas também na medicina, estruturando toda uma possibilidade de facilitar. Ogum é um facilitador. Ele é visionário, Ele pode facilitar e trazer oportunidades maiores para a população.

Com Ogum encaixa-se a base da oficialidade daquilo que pode ser resignificado sem perder a sua essência, por isso se diz: “Ogum Ye Moye”, “Ogum é vida eu estou vivo”. Porque Ogum é aquele que mesmo tendo água dentro de casa se banha de sangue. Ogum torna a coisa mais bruta em algo de muito belo. (Narrativa de Paulo José Reis, Babalorixá, 2023).

Uma das ações desse núcleo foi a capacitação de mulheres da comunidade para o ofício de costureira. O objetivo era proporcionar a essas mulheres possibilidade de se profissionalizar e assim garantir a sua subsistência e de sua família, visto que a maioria das famílias da comunidade são lideradas por mulheres. A capacitação promoveu também nas mulheres a recuperação da autoestima e o empoderamento. Caminhos abertos por Ogum, e fortalecido por Oxum geradora de possibilidades.

Fonte: Instagram Gbogbo Aso Figura: 16

Oficina de costura



REALIZAÇÃO:



PRODUÇÃO EXECUTIVA:



PATROCÍNIO:



SECRETARIA NACIONAL DE
POLÍTICAS DE PROMOÇÃO
DA IGUALDADE RACIAL

MINISTÉRIO DA
MULHER, DA FAMÍLIA E
DOS DIREITOS HUMANOS



6.3. Núcleo de Atendimento Jurídico (NAJUR)

Núcleo de Atendimento Jurídico do Ilé Aṣé Ògún Àlákòró (NAJUR) está diretamente relacionado à orientação dos membros da comunidade terreiro e da comunidade quilombola do entorno quanto a direitos legais e sociais. Assim como, os direitos de natureza fundiária das populações tradicionais. Sendo assim, o núcleo possui uma atuação direta em processos, especialmente nas áreas trabalhista, cível e de família, representados por advogados militantes e membros do corpo litúrgico do Ilé Aṣé Ògún Àlákòró.

Além disso, o NAJUR possui forte interlocução com o debate democrático no âmbito da Comunidade Terreiro, pois se propõe a trabalhar temas como democracia, estado democrático de direito, direitos civis, sociais e políticos, igualdade, cidadania e participação.

O NAJUR é regido pelo Orixá Xangô, Senhor da Justiça, rei e governante por essência. Xangô estabelece os princípios da equidade e da possibilidade de justiça a todos, indistintamente, pois a todos é facultado o direito de defesa. Xangô também nos convoca a exercermos liderança e protagonismo. Assim como, consciência política em relação às injustiças desse mundo e no Brasil, empoderando a cada um para o pleno exercício dos direitos de cidadania e das comunidades tradicionais. Xangô também nos desperta o olhar para aqueles que sofrem, para os injustiçados e excluídos. Bem como, para a defesa dos valores democráticos e do regime democrático, em si.

Como lugar de resistência e acolhimento da diversidade e dos excluídos, o Ilé Aṣé Ògún Àlákòró tem no NAJUR uma base de atuação e enfrentamento das perdas de direitos que se verificam no Brasil nos últimos tempos.

Patrono: Xangô

Xangô, o patrono do fogo, o fogo que não queima, porém aquece, o fogo que não queima, porém ilumina, o fogo que não queima, porém transforma. Xangô o Senhor da retidão e da verdade, que promove as emanações da divina justiça. Xangô é justo, objetivo patrono do Oba Ina, o fogo que brilha no céu com seus raios, e quando cai à Terra se transforma em pedra que cresce, que prolifera, que conduz a base dessa justiça. A justiça que deve estar lincada a retidão e a verdade. Com lucros ou prejuízo a verdade é sempre importante para que se possa oficialmente poder avaliar um indivíduo e não o julgar.

Por isso temos os seis ministros que condenam e seis ministros que absolvem e que a sociedade acolheu isso de forma impecável na justiça: advogados de defesa, advogados de acusação, a promotoria e o juiz, aquele que vai dar oficialmente a sentença.

Toda construção social saí oficialmente das religiões de matriz africana, ressignificadas, patenteadas pelo ocidente, mas que toda base é da terra mãe, Ile Ifé, o grande berço da humanidade. Então com a retidão e a verdade chegamos as emanações da divina justiça, que muito bem é estruturada, administrada por Xangô, que conduz de uma forma equilibrada, como bom ouvinte, ” bom olhador, na sua condição de “Òju Oba - Os olhos do Rei”, fortalece a base para que o olhar seja efetivamente de observação e não de julgo. Xangô nos ensina, a não apontar o dedo hoje para alguém para que esse dedo amanhã não se volte em sua direção. Por isso precisamos ser bons ouvintes para que saibamos pesar oficialmente tudo aquilo que estamos ouvindo sem ultrapassar na realidade o acúmulo da audição, sem que você tenha visto a situação. Xangô nos ensina oficialmente a essa realidade: Só transmita um assunto o qual você realmente tenha tido participação ocular, porque só a auditiva você pode efetivamente estar cometendo uma injustiça. (Narrativa de Paulo José Reis, Babalorixá, 2023).

Falar de justiça para uma comunidade que é totalmente desprovida de seus direitos legais básicos garantidos pela constituição federal, é desafiador e urgente. Essa urgência entendida pela comunidade do terreiro faz com que seus membros se organizem para prestar atendimento e esclarecimento para a comunidade do seu entorno, afim de que possam eles mesmos lutarem por suas conquistas cientes de seus direitos e deveres.

Uma das ações desenvolvidas por esse núcleo ocorreu no período pré eleitoral de 2022, quando a comunidade foi convidada a participar de várias rodas de conversa com o objetivo de trocar entendimentos sobre o papel dos legisladores do município, do estado e do país.

De forma didática foi apresentada também à comunidade as competências de cada membro do poder legislativo, judiciário e executivo.

O objetivo dessas rodas era fornecer esclarecimentos às cidadãs para que pudesse escolher com discernimento os candidatos que de fato estariam atendendo as necessidades da comunidade.

6.4. Núcleo de Atendimento à Família (NAFI)

Núcleo de Atendimento à Família do Ilé Àṣẹ̀ Ògún Àlákòró (NAFI), compreende que a noção de família é a base constitutiva das Religiões de Matriz Africana e das comunidades tradicionais quilombolas. No seu princípio, o Candomblé reconstitui a família da qual os negros escravizados foram apartados na Diáspora Africana. Sendo assim, todos se conectam por laços de consanguinidade, de parentesco, de afeto, de vinculação iniciática e de amizade. Trata-se da Grande Família Africana, extensa, inclusiva e estabelecida por uma origem divina e transcendente, por força de Orixá.

Nesse sentido, o conceito de família compreendida no NAFI transcende as definições restritivas de família nuclear, mas amplia-se e abrange a multiplicidade de possibilidades que a noção de família alcança. Portanto, o núcleo acolhe e abraça desde a família religiosa; a família extensa de caráter comunitário; passando pelas formas tradicionais de famílias nucleares formadas por casais heterossexuais com filhos; por famílias formadas por casais homoafetivos com e sem filhos; por famílias que optaram por não gerar nem adotar filhos; por famílias formadas por pessoas solteiras com filhos gerados e adotivos; por famílias com filhos gerados por reprodução assistida; por famílias compostas por filhos de cada um dos cônjuges e com filhos em comum. Assim como, também por famílias que dedicam seu afeto aos seus animais de estimação. Em suma, trata-se da família em todas as suas potencialidades, pois acreditamos nas relações de amor entre as pessoas a partir do vínculo consanguíneo e para além dele.

Patronesse: Iemonjá

Núcleo de Atendimento à Família (NAFI)

O NAFI também envolve as questões do diálogo, da interação, do estar juntos e do respeito nas relações familiares. Reforça o papel da educação familiar como princípio de formação do indivíduo e moldagem do caráter.

O NAFI é orientado espiritualmente pela força do matriarcado. Por ser o núcleo regido por Iemonjá, a ‘mãe dos filhos peixes’ e Senhora dos mares e oceanos, o NAFI agrega todo o trabalho de atendimento às famílias da comunidade terreiro e da comunidade quilombola. Iemonjá é a mãe em sentido pleno, pois é aquela que não discrimina, é aquela que acolhe a todos, pois todos são seus filhos. Ela é a mãe progenitora, aquela que pari, mas especialmente é aquela que adota. Portanto, ensina a

amplitude do conceito de família e de maternidade, paternidade para além da consanguinidade. Bem como, a importância da adoção e do cuidado com as crianças destituídas de pais biológicos, vítimas da rejeição ou da alienação parental. Olha em especial para as mulheres chefes de família que assumem sozinhas a tarefa de sustentar e criar os filhos, cujos homens se fizeram ausentes econômica e afetivamente.

Iemonjá a mãe de todas as cabeças. Iemonjá estrutura junto de Baba Ajlá , na sua qualidade de Iya Ori (mãe das cabeças) , a modelação das cabeças dando a possibilidade do âmagô se conectar com o cerebelo, que é a morada da razão, por isso a cabeça quando celebrada , é tão reverenciada, o terceiro olho e o cerebelo, porque conduz a realidade da recepção de todas as reações que podemos ter a partir daquilo que o terceiro olho capta, o que é leve, o que é pesado, o que é feio, o que é bonito. O cerebelo é a alma efetivamente de Ori(cabeça), por isso que Ori é a primeira parte do corpo a nascer e a última a morrer. Iemonjá é quem faz toda essa modelagem, por isso considerada a mãe das cabeças e conduz todo um processo de movimentar os comandos para o corpo porque a cabeça é quem manda esses comandos e consegue fazer a transmutação de todo excesso que o corpo absorve através das glândulas sudoríparas e lacrimais. Iemonjá traz para a humanidade, o primeiro e melhor antibiótico do mundo, que é o colostro, porque Ela rege também, todo esse processo do aleitamento, então é comum dizer que os seios fartos de algumas filhas de Iemonjá, são representantes na realidade da base, de todo um caminho de aleitamento, de consistência, de vitalidade, abastecido por Iya que é a mãe dos filhos peixes em dá manutenção e qualidade de vida aos seus filhos. (Narrativa de Paulo José Reis, 2023).

A principal atividade desse núcleo está no atendimento as famílias de dentro e de fora do terreiro. Através do núcleo o terreiro promove seminários, rodas de conversas cujos temas são de interesse de todos membros da família. São questões relacionadas a saúde, a violência doméstica, equilíbrio emocional.

Roda de conversa sobre violência doméstica e saúde da mulher.

[Fhttps://scontent.fsd37-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-facebook](https://scontent.fsd37-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-facebook)



Figura.17

6. 5. Núcleo de Apoio à Mulher (NAM)

Núcleo de Apoio à Mulher do Ilé Aşé Ògún Àlákòró (NAM) trabalha com uma compreensão holística do princípio feminino, na perspectiva de tudo aquilo que gera, que procria e evoca as forças da Natureza, da Terra e das Águas, como fontes da Vida. Tais princípios se materializam na mulher, que neste núcleo é atendida na perspectiva da saúde, da gestação e dos cuidados consigo mesma. Busca compreender a singularidade do corpo feminino, seus afetos, emoções e formas de percepção e atuação no mundo. Sem reduzir a Mulher ao papel reprodutivo, do lar e do cuidado, também busca apoiá-la na sua dimensão criativa, realizadora e atuante na dinâmica econômica. Além de apoiar seu lugar como educadoras e no cuidado com as crianças.

O NAM é regido por Oxum, divindade das Águas Doces, da gestação e Senhora do Encanto. É o Oxum que protege o ventre, o líquido amniótico e a relação umbilical Mãe-bebê.

Patronesse: Oxum

Núcleo de Ativismo Feminino (NAFE)

Núcleo de Ativismo Feminino congrega os movimentos de mulheres do Ilé Ògún Aşé Àlákòró (NAFE) e da comunidade quilombola. Apoia o conjunto de lutas sociais e culturais feministas, assim como busca conscientização das mulheres quanto a direitos e combate à violência sexual, doméstica, psicológica e de gênero. É um núcleo de empoderamento da mulher através de um sistema de escuta, diálogo e ajuda mútua, bem

como fomenta a formação de vínculos societários entre mulheres com vistas a ações empreendedoras, econômicas e comerciais que fortaleçam a autonomia feminino.

Oxum representa a mais pura presença do divino amor, que promove a felicidade, porque traz a fertilidade. Oxum conduz através do útero a possibilidade gestacional, foi a primeira mulher a gestar e fez com que todas as mulheres se tornassem capazes de se tornar madre gestoras e além disso se coloca em posição de igualdade perante os homens, foi a primeira mulher a se posicionar politicamente, adquirindo, impondo, direitos igualitários. Esses direitos paritários que dão na realidade o empoderamento feminino, é um posicionamento milenar e que hoje as mulheres estão tendo consciência desse fato, e se colocando efetivamente diante dos seus direitos e deveres. Se posicionando e adquirindo o poder de estar onde elas quiserem estar. Esse posicionamento político foi apresentado por Oxum, por ocasião de uma reunião de caçadores, onde, não era dada a vez para as mulheres participarem, opinarem nas decisões da cidade. Oxum se coloca diante do seu direito feminino, afirmando que sem a mulher não existiria vida. E como dar vida a alguma coisa sem a voz, sem a opinião, sem olhar de uma mulher. Esse posicionamento faz com que os homens, reconheçam a importância de reverenciar a mulher, porque na mulher está o poder de gestar e trazer uma nova vida ao mundo, porque acreditamos que o nascimento de uma nova vida é sempre uma renovação de espíritos, trazendo novas ideias. É de Oxum que vem a segurança, o auto cuidado e as perspectivas de renovação. (Narrativa de Paulo José Reis- Babalorixá).

Esse núcleo tem por prioridade o atendimento às mulheres em todas as faixas etárias, no que se refere a questões de saúde, educação, e planejamento familiar. Através das inspirações de Oxum o terreiro mobiliza diversos momentos de encontros entre as mulheres do terreiro e da comunidade, essa integração possibilita a troca de saberes. O terreiro promove também cursos de culinária, artesanato e costura, visando a capacitação profissional dessas mulheres.

[Fhttps://scontent.fsdu37-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-facebook](https://scontent.fsdu37-1.fna.fbcdn.net/v/t1.6435-facebook)



Figura:18

“As mulheres e o seu papel social-cultural: Um olhar para si”

Olhando para si e percebendo o quanto todas são importantes e fundamentais em todos os processos que temos. Cada uma dentro de cada realidade vivida.

Capítulo 7. A ciência do terreiro: O que nos ensinam os Ìtán?

Longe de ser apenas uma contação de histórias ou uma fábula, os Ìtán sagrados configuram-se como parte importante da liturgia dos terreiros. No candomblé, os mitos são cantados, contados e ritualizados através de seus membros. Neste capítulo traremos os vários ensinamentos trazidos pelos Ìtán diretamente relacionados aos Núcleos de Atendimento, matéria desta pesquisa. Os Ìtán apresentados nesta pesquisa, são narrativas produzidas pela comunidade de Axé e seu Babalorixá Paulo José Reis (Oni Lewa N'jo), no chão do terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró.

Ìtán de Exu:

Por que Exu é considerado o patrono da comunicação?

Em áureos tempos Orumilá deu a Obi um grande empoderamento e Obi acabou se tornando muito vaidoso. E como Exu, sendo patrono da comunicação, haveria de se comunicar para dar obediência sobre o que estava acontecendo na Terra - porque, como um grande comunicador, Ele é um grande vigia - Obi rejeita efetivamente Exu. Isso levou Exu a se comunicar com Orumilá apresentando o comportamento negativo de Obi, o que fez com que Orumilá se materializasse e batesse na porta de Obi, porém, de forma muito simples e pobre. Obi com sua prepotência e vaidade, quando viu o impediu, rejeitou o atendimento por conta da aparência que se apresentava a Ele. No que Ele fecha a porta, Orumilá com seu poder em quarta dimensão, que não precisa de chaves de portas abertas porque Ele pode estar a qualquer lugar, adentra diante de Obi e revela:

“Obi, então o que Exu disse é real, você está arrogante, prepotente e selecionando pessoas. Pois de agora em diante, até mesmo para Exu, você vai se rolar ao chão e trazer todas as respostas que lhe forem efetivamente solicitadas. Você deixará de ser humano, para virar um fruto, que atenderá as necessidades de todos na Terra, porque o objetivo do mundo é que possa objetivamente trazer o bem estar, tanto físico, quanto mental, quanto espiritual para todos. E Exu efetivamente será o primeiro a ser beneficiado com seus feitos. E daí, passa Exu oficialmente a receber as oferendas à frente de todos, se comunicando, fazendo na realidade o intercâmbio”.

Exu, direciona seu Falo, nos trazendo aprendizados

Hoje, Exu torna possível aos homens na Terra se comunicarem com o Orun. A ancestralidade se apresenta diante da consulta oracular através de Exu. O primeiro oráculo foi o símbolo que o Ocidente ressignificou com símbolos até dos zodíacos. Mas, os símbolos de Ifá, os signos de Odú, Existem no primeiro oráculo do mundo, que é quando jogamos água no solo sagrado e essa água cria formas como se tivessem sido feitas a pincel. Esta é a primeira comunicação trazida por Exu, porque era assim que Ele fazia oficialmente os contatos objetivos, daquilo que estava acontecendo na Terra para levar ao Orun. Obi torna-se um fruto. Após essa leitura oracular de símbolos, colocam-se três pingos de água no chão reverenciando a mãe Terra, dizendo: “Omi Otun, Omi Osi, Omi ààrin”, à direita, à esquerda e ao meio - Otun à direita, Osi à esquerda, ààrin ao meio. Solicita-se e pede permissão à terra para essa comunicação. E Exu é o primeiro a ser comunicado. Exu faz a comunicação entre o Orun e o Aye, Exu presta obediências que favorecem a comunicação entre as pessoas, e dessas com o sagrado, direcionando a espiritualidade a um processo real e objetivo, apresentando a importância do aqui e do agora. Porque Exu afirma que tudo acontece num simples acaso do presente, que cada momento é importante, mas, que o mais importante é o prazer de viver o momento.

Exu é ligado à comunicação. Dando seguimento a isso, Exu desenvolve no corpo as sensações e os desejos e no espírito - que é a alma - os sentimentos. Então, sentimentos, sensação e desejos estão vinculados a essência da comunicação do corpo e da alma. A essência dessa comunicação também está na cabeça, porque na cabeça estão os pensamentos, a criatividade, dentro dessa base de equilíbrio, Exu apresenta as condições de manter em equilíbrio físico, mental e espiritual. No mental estão os pensamentos, os sentimentos na alma, no espírito e as sensações no corpo. E é por isso que Exu faz a paixão acontecer. Exu promove dentro da sua ambiguidade as possibilidades de encantamentos e relacionamentos em suas diversas formas de se comunicar. Se comunica visualmente, se comunica corporalmente, se comunica gestualmente.

E hoje com o avanço tecnológico na sua caminhada junto de Ogum, há também a comunicação virtual. Exu está à frente, porque está sempre disposto a fazer a interlocução entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, entre o mundo dos vivos e o sagrado, entre a Terra e o céu.

É por isso que no Ilé Aşé Ògún Àlákòró, o Núcleo de Comunicação, está na liderança de Exu, porque Ele é o único oficialmente que pode favorecer a comunicação entre as pessoas, mantendo essa tríade de um equilíbrio físico, mental e espiritual. Com

sua ambiguidade, entendendo os sentimentos, as sensações e os desejos tanto de um corpo feminino, quanto de um corpo masculino e os colocando de forma igualitária à nível de direitos. Por isso, o número vinte um é tão cabalístico, que dá a importância oficial de você fazer a diferença entre tantos outros, porque é através das marcas e símbolos encontrados exatamente em nossas mãos, que fazem na realidade a comunicação gestual, e hoje, oficialmente por uma linguagem de comunicação até com aqueles que não conseguem ouvir e nem falar, que são as comunicações de libras, que Exu movimenta a realidade dessa ação através das impressões de digitais, porque quando batemos palmas, somos identificados no meio da multidão sendo mais um, porque a impressão digital é o que nos diferencia diante de todos, porque somos todos iguais, diante das nossas diferenças, e essa é a forma que Exu nos coloca diante de toda a sociedade e perante a Olodumare o grande arquiteto do universo, o qual chamamos de Deus. Exu é efetivamente aquele que Deus confia a tornar-se mais um a fazer a diferença, capaz de fazer qualquer indivíduo se tornar uma pessoa melhor. Porque, com as impressões digitais, nós enxergamos a singularidade de dentro da pluralidade. Por isso Exu é múltiplo, Exu é plural, Exu é o espiral que mesmo sem sair do seu lugar, está em todos os lugares. Exu ganha esta primazia de estar à frente, receber oferendas à frente, para preparar efetivamente toda e qualquer cerimônia para fazer a diferença dentro da pluralidade, fortalecendo a individualidade.

Ìtán de Ogum:

Por que Ogum se torna do último o primeiro? Porque quando já existia o mundo, não existiam possibilidades de trafegar no mundo, eis que Olodumare, o grande arquiteto do universo, o qual chamamos de Deus, enviou Ogum, que desce do céu para a Terra fazendo de suas próprias vísceras as correntes. E quando chega proporciona a Ossaim, detentor das matas, das folhas sagradas, trilhas, o poder de criar caminhos para que as pessoas ali pudessem trafegar e utilizar dos benefícios e das benfeitorias que essas folhas sagradas contêm, tanto como alimento, quanto como remédio, daí a expressão: “Ewe gbogbo Kiki Ogum / Awon nise Ogum” - “Toda folha é remédio, toda folha se transforma em remédio”.

E Ogum com esse Ìtán traz para a comunidade de terreiro os seguintes ensinamentos:

E Ogum cria possibilidades de tráfegos aéreos, terrestres, marítimos e ferroviários. Ogum se torna para a atualidade, o pai das tecnologias, Ogum é o protetor dos ferreiros, o protetor dos agricultores, porque movimenta a realidade desta criatividade, na multiplicação. Ogum permite que estejamos em vários lugares através desses caminhos por Ele criado, e não podemos confundir caminho com destino, não se confunde o Odú com os caminhos de Ogum. Os caminhos criados por Ogum nos levam na realidade à possibilidade de cumprir com os nossos destinos.

Ogum protege os artesões, os carpinteiros, os engenheiros, os arquitetos. Ogum leva possibilidade da transformação. Ogum é o movimento, porque é visionário, está sempre pensando a frente, utilizando da sua criatividade, por isso é importante ressaltar, que quando se começa uma festividade, Ogum é o primeiro a ser saudado, para que possa oficialmente, dar caminho para que todos possam chegar. Ogum logo depois de Exu, proporciona a chegada das visitas em uma festividade em ciclos anuais. Ogum dar na medicina a utilização do bisturi. E hoje, com o avanço tecnológico, sob as bases de videolaparoscopias, Ogum encurta o caminho para que diminua as infecções. Ogum vê a frente, por isso está à frente.

Quando saudamos, “Ogum ye, moye”, estamos dizendo que Ogum é vida, por isso estamos vivos.” Porque Ogum representa a vitalidade, Ogum representa, a pluralidade, Ogum representa a criatividade em todos os campos, dando a possibilidade de a pessoa explorar a sua inteligência emocional, e ousar na criação, Ogum está ao lado dos artistas plásticos, ao lado dos cirurgiões, ao lado dos carpinteiros, ao lado dos arquitetos, engenheiros e artesões. Ogum efetivamente é a vida que pulsa no ar, porque na base de seu movimento Ele faz as coisas acontecerem e se direcionarem, dando a oportunidade de que todos possam efetivamente usufruir daquilo que vai ser criado. Além disso, Ogum é o patrono da sociedade igualitária, afirmando a necessidade de uma equidade social, porque Ele está abrindo caminho para todos e todas, dando as possibilidades para todas e todos, fazendo-nos compreender quem somos, o que fazemos aqui e para que estamos aqui.

Ìtán de Xangô:

Como Xangô se torna Rei de Oyó

Designado por Olodumare a ser o responsável pela retidão e pela verdade, Xangô migra de Tapa para Oyó, onde tem como compromisso e comprometimento, porque compromisso e comprometimento são coisas distintas e Xangô assume o compromisso e comprometimento porque é detentor da retidão e da verdade, para que assim possa aplicar as emanações da divina justiça, tornando-se emissor e receptor da divina justiça que nos leva a compreender a necessidade de sermos verdadeiros para que possamos oficialmente, usufruir da justiça. Xangô nos educa a dar a importância a aquilo que verdadeiramente vimos e ouvimos em presenças ativas do ocorrido, porque aquele que conta um conto aumenta um ponto, e para Xangô não é importante que achemos, é importante que pensemos diante daquilo que efetivamente vivemos, e possamos avaliar os dois lados de toda e qualquer ocorrência, é Xangô que impõe essa condição. Para toda situação existem duas versões, por isso Ele carrega um OXE, que é sua ferramenta de equilíbrio com dois lados de corte e com uma seta empunhada para cima, onde vai exatamente apontá-la para aquele que oficialmente for o responsável pelas situações. Porque Xangô é a primeira essência a não falar de culpa e sim de responsabilidade. Nós não somos culpados e sim responsáveis por aquilo que fazemos, por aquilo que dizemos. A nossa atuação deve ser baseada na responsabilidade, esse é um dos desígnios de Xangô que nos leva a compreender que a retidão e a verdade se fazem necessária para que possamos exigir o cumprimento das emanações da divina justiça. Foi assim que Olodumare organizou o reino de Oyó, ouvindo as pessoas, vivenciando os fatos para que pudesse fazer então, uma avaliação e dar oficialmente o resultado final para que pudessemos assim ter a cidade restabelecida em harmonia, alegria, em amor, em felicidade, em retidão, em verdade, em justiça.

Xangô do alto de sua pedreira, nos concede através de sua benevolência seus ensinamentos para que possamos viver melhor:

Na aplicabilidade da bondade, onde haja relações de confiança, autoconfiança e segurança. E é isso que Xangô tem como propósito, levar-nos a confiar na justiça, a estarmos seguros com justiça e nos tornarmos confiáveis para a justiça, onde se há um juramento antes de fazer qualquer depoimento. Esta é a posição de Xangô, do compromisso e do comprometimento do indivíduo falar apenas a verdade, para que essa

verdade possa ser avaliada, para que essa verdade possa ser compreendida, para que essa verdade então possa ser esplanada, e fazer com que os responsáveis pela inverdade, possam ser efetivamente responsabilizados pelos fatos. Xangô, traz para a humanidade o exemplo da retidão e da verdade no cumprimento de suas responsabilidades. `

É por isso que no, Ilé Aṣé Ògún Àlákòró Ele está ligado ao Núcleo de atendimento e Apoio Jurídico (NAJUR).

Ìtán de Iemanjá:

Quando Olodumare determina que Iemanjá, a mãe dos filhos peixes será a responsável pela modelagem das cabeças do ser humano, tem como compromisso absorver toda inteligência armazenada na cabeça dos peixes, que movimentam a preservação da coletividade. Iemanjá tem como compromisso nessa essência maternal dar a importância a veracidade, da coletividade, por isso vemos os peixes nadando em cardume. Todo esse processo do coletivo está na cabeça, porque a cabeça é a primeira parte do corpo que nasce e a última a morrer. Então, Iemanjá traz a essência e a condição da inteligência emocional, no equilíbrio da razão e da emoção. Olodumare determina a Ela que forme essas cabeças, para que tenham cabeças boas chegando no mundo e para manutenção dessas cabeças Ele dá a Ela a responsabilidade pelas glândulas sudoríparas e lacrimais, porque assim como o mar ela expurga o excesso existente no nosso corpo. Dos noventa por cento de substância água, setenta está alojado na cabeça, para que possamos ter equilíbrio, e dentro desse equilíbrio, assumirmos responsabilidade para nossa permanência na Terra. Por isso que Iemanjá, movimenta: através de seus movimentos das águas, das ondas expurga aquilo que não é benefício e armazena aquilo que é necessário, nos hidratando e dando consistência ao processo de expurgo daquilo que está em excesso, através da sudorese, através da urina. Então todos esses processos movimentados, dentro da importância de Iemanjá, nos levam a compreender a sua importância. Olodumare, quando determinou que ela fosse essa essência mãe que ampara, que educa, que corrige para que possa se dar o equilíbrio, fez tudo baseado nessa tríade de uma consciência física, mental e espiritual. Por isso que Iemanjá com seus seios fartos estrutura a base da alimentação que vai nutrir os nossos primeiros dias de vida. Através de uma defesa criada pelo próprio organismo, que é o colostro, temos o primeiro antibiótico que vai favorecer a qualidade de vida de um indivíduo. Iemanjá tem

a responsabilidade de nos manter equilibrados, fisicamente, mentalmente e espiritualmente. Toda sabedoria e consistência da mãe dos filhos peixes, porque é isso que quer dizer Iemonjá.

O Abebe de Iemonjá através de seu Itán nos traz importantes ensinamentos:

É porque efetivamente é importante compreender que juntos somos mais fortes, por isso dentro do Núcleo do Ile Asé Ogum Alakoro, Iemonjá está no Núcleo de Atendimento a família (NAF), porque utilizamos um provérbio Ralsa que diz: “Nsi na likanda” - “A família é a maior riqueza”. Então toda construção familiar, seja na família biológica, seja na família profissional, seja na família espiritual, a família tem importância, porque o coletivo nos leva a compreender que juntos somos mais fortes. Assim aprendemos com os peixes filhos de Iemonjá, nadando sempre em cardume, coletivamente. Iemonjá nos educa a distribuir, compartilhar para que sejamos todos iguais dentro das nossas diferenças.

A proposta de Olodumare na criação do universo foi exatamente colocar cada ponto de necessidade de equilíbrio para esse paraíso através dessa essência primordial que foram os Orixá e Elédá. O criador e suas criaturas que há milênios vêm oficialmente, mantendo firme a base dessa criação para que tenhamos uma sociedade com equidade, que todos possamos usufruir dos mesmos direitos dentro das nossas diversidades.

Ele dá a Iemonjá a responsabilidade de fazer com que cada indivíduo se identifique na sua individualidade, crie a sua personalidade, converse com seu âmago, com o seu interior, se aceite, se fortaleça, se descubra e se redescubra. Iemonjá nos traz essa passividade estrutural, para que possamos compreender a nossa existência e a nossa coexistência.

Olodumare dá essa função a Iemonjá por compreender que a base é a essência feminina, que passa em determinados momentos, pela necessidade de algumas transformações, e tem dentro do seu ciclo menstrual a capacidade de superação. Iemonjá nos leva a compreender, a vivenciar, aquilo que não podemos efetivamente mudar, nos dando resiliência, para que possamos nos fortalecer com aquilo que estamos aprendendo no aqui e no agora para reverberar atitudes renovadoras do amanhã, porque todo dia, é dia de aprender a se disponibilizar a ser uma pessoa melhor. Esta foi a base que Olodumare quando criou Iemonjá e a colocou na cidade de Abeokuta, estruturou toda

essa realidade de rochas e águas como a construção de um ditado muito popular “água é mole e a pedra é dura, ela tanto bate até que fura”.

Iemonjá nos leva a consistência para entender o tempo de cada um, e a ter perseverança e otimismo em cima de nossos objetivos e propósitos.

Ìtán de Oxum:

Oxum a mais pura presença do divino amor, que promove a felicidade, porque traz a fertilidade. Oxum conduz através do útero a possibilidade gestacional, foi a primeira mulher a gestar, e com isso fez todas as mulheres capazes de se tornarem mães gestoras. Além disso, se coloca na posição de igualdade, foi a primeira mulher a se posicionar politicamente, adquirindo, impondo direitos igualitários, se isso pode ser feito por um homem, isso também pode ser feito por uma mulher. Então, esses direitos paritários que dá empoderamento feminino, têm um posicionamento milenar. Hoje as mulheres estão tendo consciência desse fato e se colocando efetivamente diante de seus direitos e deveres, com o posicionamento de ocupar os espaços que elas desejam estar. Porque o lugar da mulher é onde ela deseja estar, isso foi dito por Oxum, numa reunião de caçadores Olodês, que impediam a entrada de mulheres para opinar, suggestionar em situações para a sociedade. Oxum se coloca diante do seu direito feminino, afirmando que sem a mulher, não existiria vida, e como dar vida a alguma coisa sem a voz, sem a opinião, sem o olhar de uma mulher? Esse posicionamento faz com que os homens entendam oficialmente a importância de se ajoelhar diante de uma mulher. Essa é a cultura Yorubá: se reverenciar toda mulher grávida, porque ali existe o poder de gestar e trazer uma nova essência para o mundo. Porque acreditamos que o nascimento é sempre uma renovação, com novos espíritos trazendo novas ideias, promovendo evolução, sem desestruturar a base. Então, Oxum tem esse lugar de excelência, por ser mãe gestora, por ser protetora do útero, órgão de grande excelência e importância para a humanidade, localizado no corpo feminino. Porque é dali, desse lugar natural que saem novas vidas para o mundo trazendo esperança. Então com Oxum habita também a mais pura presença da divina bondade, que constitui oficialmente a base da confiança, da autoconfiança, da segurança e da esperança do verbo esperar, na expectativa de uma nova era.

O espelho de Oxum, reflete sabedoria e ensinamentos:

Com esse posicionamento, Oxum recebe o título de Iyalodê, a senhora dos caçadores, porque passam a entender a importância de ouvir a fala de uma mulher, que o Ocidente pega isso e transforma num versículo, “a mulher edifica o lar”. Esta expressão é designada a Oxum, conduzindo a realidade dos espaços firmes da importância de uma mulher, da importância de se ouvir uma mulher, a conduzir a possibilidade da sua capacidade de gerar. Então uma administração nas mãos de uma mulher tem noventa e nove por cento de chances de dar muito certo, porque ela tem essa estrutura de Oxum, que conduz a sua sabedoria separando o joio do trigo. Oxum traz a razão e a emoção paralelamente, conduzindo os espaços de uma harmonia para que possa se manter alegria nos ambientes do lar, seja no trabalho, seja na relação com os vizinhos, seja na relação com a sociedade, por isso ela é Iyalodê.

Capítulo 8. Cruzando os caminhos: As narrativas em diálogo com os Ìtán

Trazemos neste capítulo, as narrativas colhidas com os membros da comunidade de terreiro e com os membros da comunidade do entorno. As narrativas seguem na íntegra respeitando a originalidade dos discursos.

8.1. Narrativas internas do terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró

a) Narrador: Paulo José Reis (Oni Lewa N’jo – Babalorixá)

Data: 17/12/2022

Duração: 1 hora e 40 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ile Asé Ògún Àlákòró

Quando eu me iniciei minha mãe de santo me disse que eu tinha a missão de me tornar babalorixá e abrir uma casa para realizar atendimentos e cuidar de quem aparecesse. Iniciei minha missão na casa de meus pais, mas com o passar do tempo foi necessário buscar um local independente, até porque meu pai não era a favor do meu pertencimento religioso. Então, saímos em busca de um local onde pudéssemos nos instalar. A princípio aluguei uma pequena casa nessa mesma rua onde estamos hoje. Um dos abiãs, (aquele que ainda não passou pelo processo de iniciação) da casa, localizou este terreno, e quando cheguei lembrei do sonho que tive quando realizei minha obrigação de sete anos, sonhei com um terreno, que não havia nada plantado, era só um campo gramado, exatamente como esse. E então decidimos comprar esse terreno. Quando viemos para esse território me deparei com uma comunidade muito carente, necessitando de tudo. O bairro também era precário não havia transporte com facilidade, comércio, escolas, postos de saúde, enfim, totalmente esquecido. Alguns membros do terreiro acharam que deveríamos repensar a ideia de ficar aqui, alegando que ninguém viria aqui devido à grande distância e a falta de mobilidade. Fui consultar Ògún, ele me disse: “Quem quiser ir embora vá, eu não vou, já estou em minha casa, e o senhor tem uma missão a cumprir nesse lugar”. Então reuni a comunidade do terreiro para juntos fazermos alguma coisa por aquelas pessoas. Iniciamos com o apadrinhamento das crianças, depois passamos a distribuir semanalmente sopas, cestas básicas mensalmente, enxoval de bebê. Sempre consultando Ògún, a cada atividade. Um certo dia, Ògún disse: “Dê o anzol não dê a pesca”. A partir desse dia passei a refletir sobre como poderia

continuar colaborando com aquela comunidade, entendi então que precisava dá empoderamento a eles para que fossem buscar os seus direitos, para que pudessem romper com a blindagem cognitiva, trazendo a potencialidade para que se descubram, sabendo exatamente quem eles são, o que fazem aqui, pra que estão aqui, por conta dessa legitimidade de serem remanescente quilombola. Porque durante anos as pessoas nem tocavam nisso, para poder enterrar oficialmente a existência deles. Então hoje eles têm noção da existência e da coexistência, despertar neles talentos adormecidos, ou obstruídos pela blindagem cognitiva, traze-los para o empoderamento, tanto os homens quanto as mulheres. Tudo que fazemos aqui é orientado pelo Orixá, quem administra o território é Ògún, eu sou apenas a testa de ferro. Ògún quando veio pra cá, isso aqui era só grama, não tinha nada, quando fizemos a planta da construção, o pessoal achou que aqui não vinha ninguém, Ògún disse podem ir que eu já sei onde vou estar, por aqui tem muita coisa para fazer. Um dia vocês vão achar graça disso. Imagina Ògún é o Orixá que abre caminho, como ia morar num lugar que ninguém ia chegar. Ele foi o último do panteão a chegar e se tornou o primeiro justamente porque foi ele que deu caminho para todo mundo trafegar, porque Ele vai escolher um lugar onde não vai vir ninguém.

O meu olhar, a minha relação com essa comunidade do entorno é de cuidado, de respeito, de colaborar com o resgate da cidadania e do empoderamento pessoal. Eu busco realizar atividades no intuito de despertar neles o cuidado com esse ambiente que eles e nós vivemos. E Ògún vem sempre direcionando as ações espirituais, sociais, culturais e políticas. E esse é o termo da carta de abertura, o compromisso e comprometimento do Ilé Asé Ògún Àlákòró era desenvolver práticas de políticas públicas, culturais, sociais, educacionais e religiosas.

A qual Orixá o senhor poderia associar as ações sociais que o terreiro desenvolve com a comunidade?

Resposta: A Ògún porque é Ele o administrador desse terreiro, tudo é feito sob a orientação dele. Exu, porque vem primeiro, por isso é o NACO, Núcleo de atendimento a comunicação, todos que aqui chegam levam suas questões para Exu. Qual é o seu problema, desemprego? Então vai pra NADETEC, falar com Ògún. É problema jurídico, vai para o NAJUR, falar com Xangô. É problema familiar, controle da natalidade, violência doméstica vai conversar com Yemojá. No início distribuíamos enxoval de bebês, e a maioria das mães eram adolescentes, então começamos a refletir com a orientação de Yemojá que estávamos incentivando essas gestações na adolescência, mas

do que acolhendo, então resolvemos chamá-las e apresentar o peso da responsabilidade de largar a boneca para cuidar de um bebê. Porque o bebê, vai chorar, vai ter fome, vai ficar doente, vai ter movimentos que não vai ser simplesmente agora eu não quero brincar, vou deixar aqui, o bebê vai ser uma brincadeira de manhã, de tarde e de noite. E assim conseguimos dá um freio, fazendo o controle dessa natalidade na adolescência. Porque na realidade elas ainda não estavam preparadas, porque não tinham escolaridade, os órgãos ainda não estavam formados, então ainda tinham esse prejuízo ginecológico. E com a orientação de Yemojá e do corpo de membros do terreiro que são da área da saúde e da assistência social, nós conseguimos reverter a situação.

Desde sempre as mulheres foram subestimadas e colocadas na sociedade de forma pejorativa, mais servindo do que sendo servida. Mas o candomblé muda isso, né... quando Oxum se posiciona, dizendo que os direitos devem ser iguais porque eu tenho poder, se eu não colocar o Axé da fertilidade nada efetivamente consegue ser na realidade gerado e efetivamente transformado, eu posso ficar fora, mas vocês também não terão abundância, e aí é uma questão de trazer e ouvir e dá a voz porque isso nos leva a compreensão de que eu sou porque nós somos. Se fosse eu sozinho aqui para receber as orientações de Ògún e não tivesse a comunidade para trabalhar e o Asé para somar não adiantaria de nada, ia ser um acúmulo de informações dos saberes e quem vai fazer, então o terreiro e o quilombo são espaços de troca de saberes e fazeres continuamente. Porque até o consulente que chega aqui para uma consulta, ele vai ser orientado, mas ele também me ensina, uma série de coisas. É uma troca contínua, constante, todo dia a gente aprende. A folha, a própria folha, das combinações de uma folha muda a situação de uma pessoa. Essa menina que veio aqui hoje para uma consulta oracular, e o oráculo disse não a deixe sair daqui sem fazer o ebó com as folhas apropriadas, porque ela estava tão perdida, ela poderia com as informações que recebeu sair daqui, mas confusa ainda, e após o ebó ela disse que se sentia diferente, eu vi que ela estava diferente, mas o importante é que a pessoa perceba essa diferença. Ela saiu mais confiante, mais segura, mais com vontade de viver, esse é o papel do terreiro.

Quando a gente vê hoje essa população quilombola se empoderando, com orgulho de dizer que é quilombola e tendo essas oportunidades de formação, como as meninas que aprenderam a costurar e apresentaram suas produções, que entenderam o projeto transformando lixo em arte, as sobras de tecidos se transformou em bolsas, brincos, pulseiras, isso é um processo de empreendedorismo que vai dá a elas a

possibilidade de sair desse lugar de somente receber sem nada ter para dar, desperta também a capacidade que rompe com essa blindagem cognitiva, de dizer para ela que ela não pode, que ela não sabe, que ela não consegue. Então ela vai ter oportunidade e vai despertar talentos, criatividade, a ousadia. Esse é o papel do terreiro e vai sempre ser. Não caberia nós estarmos aqui nesse espaço todo, dentro do território quilombola e desconhecer a própria comunidade que faz parte da história do próprio terreiro, uma unidade religiosa que fala do empoderamento preto dentro do composto das divindades vai se negar a dá voz e poder aos que são descendentes diretos, porque no terreiro mistura, tem preto, tem branco, agora no território é efetivamente remanescente, você vê pelas próprias famílias. E esse é o nosso papel e sem a egoísta expectativa de convertê-los. E isso para nós é o mais importante. Eles entendem, nos respeitam, mas não obrigatoriamente tem que estar aqui, porque estão nos devendo alguma coisa. O objetivo é a troca de saberes e fazeres, se se converterem e quiserem estar, ótimo, mas não podem ser obrigados a isso, porque senão você saiu do processo da liberdade do empoderamento e entra na manipulação, e o papel do terreiro é orientar e não manipular.

b) Narradora: Sônia Tavares (Iwin Sade - Iya Efun)

Data: 15/12/2022

Duração: 1 hora e 10 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ile Asé Ògún Àlákòró

Eu, enquanto uma das fundadoras Ilé Asé Ògún Àlákòró (Instituição Espiritualista Oni Lewa N'jo), passei por todas as etapas de evolução religiosa que uma casa de candomblé mantém, chegando hoje a Egbon dessa casa. Nesses 27 anos de convivência com o terreiro e sua comunidade me permitiram conhecer e conviver com suas necessidades enquanto cidadãos negros com muito pouco acesso as políticas públicas. Essa falta de amparo público foi um dos maiores incentivos para eu me tornar coordenadora de projetos sociais direcionados a essa comunidade. Com esses projetos propomos ações sociais de fortalecimento comunitário e a inclusão dessa comunidade, a maioria descendentes quilombolas no contexto social do município, dando visibilidade

aos produtos, artesanato, culinária, rodas de capoeira entre outros, existentes dentro da comunidade do entorno, despertando a sociedade para a cultura afro brasileira.

Quando da inauguração do Asé Ògún Àlákòró, o Orixá Ògún patrono do terreiro nos ensinou que se quiséssemos praticar ações em apoio a comunidade do entorno, que lhe déssemos o anzol e lhes ensinassem a pescar. Assim, baseados nos ensinamentos de Ògún e na dinâmica de Exu, formamos um grupo de eventos e juntos passamos a buscar os valores culturais existentes dentro da comunidade do entorno de nossa casa de Axé. Hoje são esses talentos que tornam nossos eventos ricos em cultura como a dança, culinária, artesanatos, ferramentas sagradas e outros. Riquezas humanas que encontramos graças a nossa obediência aos ensinamentos de Ògún, o Orixá conhecedor de segredos, ele sabe muito bem como fabricar as ferramentas necessárias para a batalha e para o trabalho com a terra. Ògún representa as grandes batalhas vitoriosas, aquele que nos inspira a tomar atitude em busca de nossos objetivos.

A dinâmica de Exu, o Orixá do movimento, o fiscalizador do Asé, das coisas que são feitas e do comportamento humano. São Eles, Exu e Ògún que nos direcionam no melhor caminho para resgate de nossa ancestralidade.

c) Narradora: Ariane Teles (Iwin Funpe – Osi Iya Efun)

Data: 12/10/2022

Duração: 50 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ile Asé Ògún Àlákòró

Quando entrei para a religião de matriz africana, por muitos anos fiquei tentando entender, qual era nosso papel no terreiro. Dentro de mim havia uma angústia. Não conseguia me ver simplesmente entrando no terreiro para só viver o dentro. Outro, questionamento dentro de mim era: por quê, a comunidade não entrava dentro do terreiro? Foram muitos anos vivendo essa história: Nós aqui, e eles lá. Foi a partir desta experiência negativa, que eu comecei a andar pela comunidade. Conheci, aos poucos, as mulheres. Conheci uma senhora (hoje falecida), que tinha um trabalho comunitário com material reciclável (D. Sonia). Essa senhora foi quem me apresentou para a comunidade.

Ficamos um bom tempo trabalhando juntas. Sempre que eu queria entrar na comunidade D. Sonia me inseria. Quando, Sonia faleceu, eu já conhecia parte da comunidade.

Comecei a frequentar a casa deles, tratá-los pelo nome. Foi criada uma relação de amizade que se fortaleceu, após a minha graduação no Serviço Social. A partir da graduação, passei a desenvolver alguns projetos pontuais para a comunidade.

Foi um momento de grande efervescência, o Asé literalmente consegue abrir as portas.

Penso, que a relação que foi construída, ultrapassou a questão da benevolência. Aquelas senhoras que ao mesmo tempo compartilhavam comigo suas angústias, me convidavam para: casamento, festa de aniversário, entre outros momentos. Passei a ser para elas uma referência na escuta.

Com qual Orixá a senhora relacionaria as ações que o terreiro desenvolve junto à comunidade?

Penso, que todas as ações desenvolvidas dentro do terreiro estão atreladas. No entanto, vou me respaldar no meu momento vivido. Quando, iniciei minha aproximação com a comunidade, meu olhar estava totalmente voltado em dar para aquelas pessoas um pouco de dignidade, um pouco de se reconhecerem como pessoa. Não conseguia, me sentir inteira, comungando uma religião e vendo ao meu lado, pessoas comendo lixo. Esse olhar, embora o trabalho inicial tenha sido com as mulheres, eu poderia dizer Yemojá. Mas, essa construção foi alicerçada por Xangô. Fiquei muitos anos participando do Ôsé (troca mensal das águas que ficam armazenadas dentro de talhas de barro) de Xangô. Ele, trazia todas as orientações de como trabalhar com a comunidade. A questão da justiça (não necessariamente a justiça com cunho jurídico), mas, sim voltada para os direitos de igualdade. Esse sempre foi o meu olhar. O primeiro projeto real, desenvolvido pelo grupo que acreditava nas minhas propostas, foi uma biblioteca comunitária. A leitura é libertadora, atrelado a essa proposta tínhamos o viés do acesso à cultura. Foram desenvolvidos eventos maravilhosos por meio do trabalho dentro da biblioteca.

d) Narrador: Jorge (Oba Síwàjú)

Data: 12/10/2022

Duração: 50 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ilé Aṣé Ògún Àlákòró

A minha relação com eles é de acolhimento e muito favorável. Não só o acolhimento, mas transmitir conhecimento que possam dá a eles possibilidade de busca do que é melhor para eles e isso tem que partir deles. Nós procuramos mostrar o caminho e eles recebem com afeto, com dignidade com respeito. Eles eram pessoas que viviam completamente do lixo, hoje tem uma sobrevivência um pouco melhor, ainda não é o ideal, e nós temos nos colocado numa posição de apoio dando a eles responsabilidade com algumas tarefas aqui dentro do terreiro, que vai gerar renda para eles e despertar a responsabilidade com a terra, com essa terra que eles vivem. Minha relação com a comunidade é cem por cento de troca, de ouvi-los, sempre colocando-os num lugar que eles possam agir na vida deles.

Todos os Orixás impulsionam essas situações que acontecem aqui, mas eu em particular, mesmo sendo filho de Xangô, eu me relaciono muito com Ossain porque eu procuro mostrar que na natureza, antes de retirar uma planta nós já temos que estar pensando em colocar outra no lugar. Não adianta tirar uma árvore e deixar descampado, aqui nós usamos muitas folhas, folhas de bananeira mesmo, por exemplo, o Ipesan, que é árvore de descarrego. Junto de Ògún e Xangô que são os patronos do terreiro, eu digo Ossain também impulsiona essas atividades porque todos nós precisamos de sustentabilidade e esse território é muito rico de vegetação, então nós precisamos aprender a cuidar desse espaço, que pode trazer até o nosso sustento. Se você cortar todas as árvores o que você vai manter? Então eu me apego muito a Ossaim, sendo eu de Xangô. Tanto eu como meus irmãos temos o compromisso de nos doar em prol da comunidade, seja com as palestras, com orientação pedagógica em termos de cursos para que eles resgatem a cidadania deles. Agora cabe a eles manter o respeito e aproveitar tudo que a gente tem para somar com eles.

8.2. Narrativas de moradores do entorno do terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró

a) Narradora: Renata Pereira Alves (34 anos)

Data: 06/10/2022

Duração: 40 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ilé Asé Ògún Àlákòró

“Boa tarde a todos, eu sou Renata Alves, faço parte do quilombo Kilombar, do pai Paulo. E a minha experiência com o Asé, com o quilombo, eu vou falar um pouco sobre a Renata, 34 anos, divorciada, com uma filha de quatro anos. Quando foi março ou fevereiro, não lembro bem, eu fui jogar com o pai Paulo, e aí dona Sônia, me falou sobre o curso de costura que começaria no dia 30 de abril de 2022, particularmente, gosto de costura, mas não tinha aquela afinidade e aí esperando, dona Sônia confirmar o início da aula. E o início foi surpreendente né? A Renata foi no dia 30 de abril de 2022, para uma aula inicial de costura no Quilombo Kilombá com a vida totalmente sobrecarregada de problemas e exatamente ao iniciar a aula foi uma apresentação, falou sobre costura, falou sobre ancestralidade, falou sobre o poder das ervas medicinais, falou sobre a evolução, sobre o empreendedorismo, sobre várias coisas que a gente pode chegar onde quisermos né? E esse dia 30 foi o divisor de águas na minha vida. Eu sou formada em técnica de segurança do trabalho, técnica de enfermagem e mais outras agregações. Fiz curso de auxiliar administrativo, de assistente contábil, marketing, departamento pessoal, QSMS, gestão de projeto, gestão de qualidade, é..., são tantos cursos. Eu havia parado a minha vida, para investir na vida da minha filha, no futuro dela. E nesse dia 30, foi resgatada a Renata que só pensava na filha e esqueceu que a vida ainda continuava, que ainda existia vida em mim. Ou seja, tranquei uma faculdade de engenharia civil no 8º período, faltando um ano para me tornar engenheira civil. Eu joguei tudo para o alto saí do emprego que eu ganhava muito bem, tinha vários benefícios. Eu não tive estrutura emocional. Enfim, esse divisor de águas do dia 30/04/2022, abriu minha mente, ela se abriu eu me encontrei comigo mesma, eu vi que os sonhos da minha filha são dela e os meus são meus, então eu tenho que lutar pelos meus sonhos sim, porque eu ainda estou viva, ainda existe vida em mim. Eu tenho sim que fazer o melhor por ela, mas não tenho que projetar os meus sonhos, as minhas

expectativas nela. Os dela, são dela, o que eu puder ajudar a fazer e apoiá-la, vou fazer, mas os meus são meus, quem tem que viver e sonhar os meus sonhos sou eu. E tudo isso foi restaurado dentro de mim. Aquela vontade de estudar, de crescer, de desenvolver, de empreender voltou, aquela pessoa culta voltou, aquela pessoa que buscava coisas que acrescentavam. A minha vida voltou. Por isso que eu falo que aquele dia 30/04 foi um encontro comigo mesma. Então eu sou muito grata ao pai Paulo por ter aberto esse leque, essa porta, a dona Sônia, por ter me convidado, sou grata a professora, a todos do Kilombá, que fazem parte da minha família, porque eu vejo todos do Kilombar como parte do meu eu, foi onde eu me encontrei.

Fora que todas as vezes que eu chego aqui, eu chego com alegria, antes de entrar para a sala do curso de costura, eu tenho o prazer de cumprimentar a natureza, dando bom dia para o Sol. Para muita gente, isso é loucura, mas Deus, eu e o universo sabemos da nossa conexão, então falo sim. Falo com Deus criador do universo, eu falo com as plantas, com o tempo, com o Sol, com os Orixás, com nossos guias né...

Eu tenho fé, eu acredito, eu respeito muito. Então está aí esse divisor de águas na minha vida, eu passei a enxergar o que realmente tem valor nessa vida, não falo de coisas materiais, coisas materiais são apenas detalhes, mas eu falo das agregações, do espiritual porque quando a gente cuida da nossa vida espiritual as demais áreas da nossa vida são cuidadas também.

Gratidão por tudo, gratidão ao universo, gratidão ao Quilombo Kilombar, ao pai Paulo.”

A qual Orixá você associa as suas experiências a partir das ações do terreiro?

“Eu me identifico muito com mamãe Oxum. Eu não conheço direito nenhum Orixá, mas acho que mamãe Oxum é quem me ajuda muito. Na minha gestação foi ela que me ajudou porque eu já havia perdido uma gravidez e tive que retirar uma trompa, então fiquei com só com uma, e mesmo assim consegui engravidar de novo e ter a minha filha. Sou muito grata a mamãe Oxum. “

b) Narradora: Simone Aparecida Silva de Lucena – 49 anos (21/09/1973)

Data: 17/11/2022

Duração: 35 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ile Asé Ògún Àlákòró

“Bom, minha relação com terreiro é maravilhosa, vivo experiências que não imaginava, convivo com pessoas acolhedoras, que me respeitam como cheguei, já que hoje após estes meses não sou a mesma! Aprendi muito, estou aprendendo, principalmente sobre coletivo! Hoje não penso só em mim e nos meus, foi meu maior despertar!

O terreiro além de desmistificar muitas crendices falsas! O que vejo são pessoas que se respeitam, se ajudam, e ao próximo em sua evolução, dando ferramentas, empoderamento, mostrando que não somos iguais, mas podemos sim, viver em harmonia, crescer no coletivo muita gratidão.”

“Costumo dizer são ações sociais de milhões, nos aproxima um dos outros, (observação: nas comunidades é cada um por si) faz nascer sonhos, motiva, ensinando a ser empreendedora, plantando na mulher (e sua família) que ela pode sim ter renda e ir longe com dignidade respeito!!!

Quando cruzei os portões do quilombo ou axé (como chamamos) me deparei com um mundo que não imaginava! Eu e as meninas somos de religiões diferentes! A cada sábado nos surpreendíamos com tudo que nos ofereciam voluntariamente! impactada com tanto conhecimento e humanidade.

Hoje tenho imenso respeito, admiração, carinho por Srº. Paulo, Dona Sônia, professora Cláudia, todos envolvidos direto ou indiretamente, gratidão.”

Através do curso de costura, incentivo de todos estou fazendo biju e bolsinhas dos retalhos das roupas do OBGBO ASO (palavra em Yorubá que significa roupa para todos. Essa também é a marca da confecção criada no terreiro).

Os eventos são maravilhosos em todos os aspectos, ter conhecimento de política pública, não sei bem se é esse o nome né..., política pública, que lá costuma ter o polítiuim que faz ter bastante conhecimento.

Os passeios foram de milhões com pessoas compartilhando conhecimento, amizade, carinho.

Então, não poderia deixar de falar da Sr.^a, ser iluminado de sorriso farto, abraço acolhedor!

Voltei a estudar, depois de conviver com vocês percebi que buscar conhecimento, é pra todos. Entre conversas com vocês do terreiro fui incentivada, estou muito feliz. Não é fácil, mas chego lá. Então, começa pela idade, você aprender uma coisa com 5 anos de idade é uma coisa, com 50 anos é outra, mas isso aí não quer dizer nada. Eu parei no sétimo ano do fundamental, aí eu tenho que terminar o fundamental, fazer o segundo grau, pra daí entrar na faculdade, estou projetando entrar na faculdade até o meado de 2024. Vai ser fácil? Não vai. Mas eu vou conseguir, com a ajuda das pessoas aqui do terreiro me incentivando, eu vou conseguir.”

A qual Orixá você associa as suas experiências a partir das ações do terreiro?

Tenho pouco conhecimento, mas estou deslumbrada com Iansã! Acredito ter muita semelhança.

c) Narradora: Elisangela da Cunha Pereira – 34 anos

Data: 25/11/2022

Duração: 25 minutos

Local da entrevista: Terreiro Ile Asé Ògún Àlákòró

Eu conheço o Sr^o. Paulo e o pessoal do terreiro desde da época que eles vieram pra cá. No início ele atendia na casinha lá na frente. Depois vieram pra cá. Sr^o. Paulo sempre ajudou a gente. Houve um tempo que tinha apadrinhamento, meus filhos eram apadrinhados, ganhavam sapatos, roupas, brinquedos. Aqui no terreiro também distribuía sopa toda semana. Eles aqui do terreiro sempre pensaram na gente.

Eu estou sendo muito criticada pela minha família, porque eu sou evangélica e venho aqui participar das palestras, do curso de costura, de tudo que tem aqui para a comunidade, recebo cesta básica, vim tomar a vacina e trouxe meus filhos, mesmo eles me criticando. Mas eu acho hipocrisia da parte da minha família, eles falam que respeitam, mas vivem cada um no seu espaço, pra mim, tem que conviver. A falta de conhecimento também atrapalha, porque a pessoa não conhece, não sabe como são as coisas aqui dentro e ficam criticando. Vocês sempre estão pensando na gente.

A minha relação com o terreiro é de muito amor, respeito e gratidão. Essas ações tem ajudado demais a comunidade e a nos abrir novos horizontes, não tenho palavras para dizer e agradecer por tudo que vocês fazem por nós.

A qual Orixá você associa as suas experiências a partir das ações do terreiro?

Resposta: Isso eu não sei responder porque eu sou evangélica e não entendo desse assunto.

8.3. Narrativas em diálogo com os Itán: Costuras possíveis

a) Itán de Ogum:

Por que Ogum se torna do último o primeiro? Porque quando já existia o mundo, não existiam possibilidades de trafegar no mundo, eis que Olodumare, o grande arquiteto do universo, o qual chamamos de Deus, enviou Ogum, que desce do céu para a Terra fazendo de suas próprias vísceras as correntes. E quando chega proporciona a Ossaim, detentor das matas, das folhas sagradas, trilhas, o poder de criar caminhos para que as pessoas ali pudessem trafegar e utilizar dos benefícios e das benfeitorias que essas folhas sagradas contêm, tanto como alimento, quanto como remédio, daí a expressão: “Ewe gbogbo Kiki Ogum / Awon nise Ogum” - “Toda folha é remédio, toda folha se transforma em remédio. Os caminhos criados por Ogum nos levam, na realidade, à possibilidade de cumprir com os nossos destinos”.

(Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Quando eu me iniciei minha mãe de santo me disse que eu tinha a missão de me tornar babalorixá e abrir uma casa para realizar atendimentos e cuidar de quem aparecesse. Iniciei minha missão na casa de meus pais, mas com o passar do tempo foi

necessário buscar um local independente, até porque meu pai não era a favor do meu pertencimento religioso. Então, saímos em busca de um local onde pudéssemos nos instalar”. (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá. Em, 17/12/22).

Tudo que fazemos aqui é orientado pelo Orixá, quem administra o território é Ògún, eu sou apenas a testa de ferro. “Ògún quando veio pra cá, isso aqui era só grama, não tinha nada, quando fizemos a planta da construção, o pessoal achou que aqui não vinha ninguém, Ògún disse podem ir que eu já sei onde vou estar, por aqui tem muita coisa para fazer. Um dia vocês vão achar graça disso. Imagina Ògún é o Orixá que abre caminho, como ia morar num lugar que ninguém ia chegar. Ele foi o último do panteão a chegar e se tornou o primeiro justamente porque foi ele que deu caminho para todo mundo trafegar, porque Ele vai escolher um lugar onde não vai vir ninguém.”

(Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá. Em, 17/12/22).

Ògún e Exu Orixá que promovem o movimento em direção a comunidade do entorno.

“Quando da inauguração do Ilé Aşé Ògún Àlákòró, o Orixá Ògún patrono do terreiro nos ensinou que se quiséssemos praticar ações em apoio a comunidade do entorno, que lhe déssemos o anzol e lhes ensinasse a pescar. Assim, baseados nos ensinamentos de Ògún e na dinâmica de Exu, formamos um grupo de eventos e juntos passamos a buscar os valores culturais existentes dentro da comunidade do entorno de nossa casa de Axé. Hoje são esses talentos que tornam nossos eventos ricos em cultura como a dança, culinária, artesanatos, ferramentas sagradas e outros. Riquezas humanas que encontramos graças a nossa obediência aos ensinamentos de Ògún, o Orixá conhecedor de segredos, ele sabe muito bem como fabricar as ferramentas necessárias para a batalha e para o trabalho com a terra. Ògún representa as grandes batalhas vitoriosas, aquele que nos inspira a tomar atitude em busca de nossos objetivos”. Sônia Tavares (Iwin Sade - Iya Efun) Data: 15/12/2022

[...] Ogum é o patrono da sociedade igualitária, afirmando a necessidade de uma equidade social, porque Ele está abrindo caminho para todos e todas, dando as possibilidades para todas e todos, fazendo-nos compreender quem somos, o que fazemos aqui e para que estamos aqui. (Narrativa do Itán de Ogum por: Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“A minha relação com eles é de acolhimento e muito favorável. Não só o acolhimento, mas transmitir conhecimento que possam dar a eles possibilidade de busca do que é melhor para eles e isso tem que partir deles. Nós procuramos mostrar o caminho e eles recebem com afeto, com dignidade com respeito. Eles eram pessoas que viviam completamente do lixo, hoje tem uma sobrevivência um pouco melhor, ainda não é o ideal, e nós temos nos colocado numa posição de apoio dando a eles responsabilidade com algumas tarefas aqui dentro do terreiro, que vai gerar renda para eles e despertar a responsabilidade com a terra, com essa terra que eles vivem.

Minha relação com a comunidade é cem por cento de troca, de ouvi-los, sempre colocando-os num lugar que eles possam agir a vida deles”. (Jorge - Oba Siw Aju) Data: 12/10/2022).

Ìtán de Oxum

Há um Ìtán, em que Oxum se posiciona diante da sociedade dos caçadores exigindo participação das mulheres nas decisões da cidade. Negam essa participação, então Oxum, torna infértil todas as mulheres, e toda a terra, fazendo assim com os homens entendam a importância da participação das mulheres na vida da cidade.

“Oxum se coloca diante do seu direito feminino, afirmando que sem a mulher, não existiria vida, e como dar vida a alguma coisa sem a voz, sem a opinião, sem o olhar de uma mulher? Esse posicionamento faz com que os homens entendam oficialmente a importância de se ajoelhar diante de uma mulher”. (Ìtán de Oxum narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Desde sempre as mulheres foram subestimadas e colocadas na sociedade de forma pejorativa, mais servindo do que sendo servida. Mas o candomblé muda isso, né... quando Oxum se posiciona, dizendo que os direitos devem ser iguais porque eu tenho poder, se eu não colocar o Axé da fertilidade nada efetivamente consegue ser na realidade gerado e efetivamente transformado, eu posso ficar fora, mas vocês também não terão abundância, e aí é uma questão de trazer e ouvir e dá a voz porque isso nos leva a compreensão de que eu sou porque nós somos”. (Ìtán de Oxum narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Então com Oxum habita também a mais pura presença da divina bondade, que constitui oficialmente a base da confiança, da autoconfiança, da segurança e da

esperança do verbo esperar, na expectativa de uma nova era.” (Itán de Oxum, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Quando a gente vê hoje essa população quilombola se empoderando , com orgulho de dizer que é quilombola e tendo essas oportunidades de formação, como as meninas que aprenderam a costurar e apresentaram suas produções, que entenderam o projeto transformando lixo em arte, as sobras de tecidos se transformou em bolsas, brincos , pulseiras , isso é um processo de empreendedorismo que vai dá a elas a possibilidade de sair desse lugar de somente receber sem nada ter para dar, desperta também a capacidade que rompe com essa blindagem cognitiva, de dizer para ela que ela não pode, que ela não sabe , que ela não consegue. Então ela vai ter oportunidade e vai despertar talentos, criatividade, a ousadia. Esse é o papel do terreiro e vai sempre ser.” (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá, em, 17/12/22)

“Oxum tem esse lugar de excelência, por ser mãe gestora, por ser protetora do útero, órgão de grande excelência e importância para a humanidade, localizado no corpo feminino. Porque é dali, desse lugar natural, que saem novas vidas para o mundo trazendo esperança. Então com Oxum habita também a mais pura presença da divina bondade, que constitui oficialmente a base da confiança, da autoconfiança, da segurança e da esperança do verbo esperar, na expectativa de uma nova era.” (Itán de Oxum, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Eu me identifico muito com mamãe Oxum. Eu não conheço direito nenhum Orixá, mas acho que mamãe Oxum é quem me ajuda muito. Na minha gestação foi ela que me ajudou porque eu já havia perdido uma gravidez e tive que retirar uma trompa, então fiquei com só com uma, e mesmo assim consegui engravidar de novo e ter a minha filha. Sou muito grata a mamãe Oxum”. (Renata Pereira Alves-34 anos) Data: 06/10/2022.

“E tudo isso foi restaurado dentro de mim. Aquela vontade de estudar, de crescer, de desenvolver, de empreender voltou, aquela pessoa culta voltou, aquela pessoa que buscava coisas que acrescentavam. A minha vida voltou”. (Renata Pereira Alves-34 anos) Data: 06/10/2022.

“Costumo dizer são ações sociais de milhões, nos aproxima um dos outros, (observação: nas comunidades é cada um por si) faz nascer sonhos, motiva, ensinando ser empreendedora, plantando na mulher (e sua família) que ela pode sim ter renda ir

longe com dignidade respeito!!!” (Simone Aparecida Silva de Lucena – 49 anos, Data: 21/09/1973).

“Hoje as mulheres estão tendo consciência desse fato e se colocando efetivamente diante de seus direitos e deveres, com o posicionamento de ocupar os espaços que elas desejam estar. Porque o lugar da mulher é onde ela desejar estar, isso foi dito por Oxum, numa reunião de caçadores Olodês, que impediam a entrada de mulheres para opinar, sugerir em situações para a sociedade”. (Itán de Oxum, narrativa de Paulo José Reis-Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Voltei a estudar, depois de conviver com vocês percebi que buscar conhecimento, é pra todos. Entre conversas com vocês do terreiro fui incentivada estou muito feliz. Não é fácil, mas chego lá. Então, começa pela idade, você aprender uma coisa com 5 anos de idade é uma coisa, com 50 anos é outra, mas isso aí não quer dizer nada. Eu parei no sétimo ano do fundamental, aí eu tenho que terminar o fundamental, fazer o segundo grau, pra daí entrar na faculdade, estou projetando entrar na faculdade até o meado de 2024. Vai ser fácil? Não vai. Mas eu vou conseguir, com a ajuda das pessoas aqui do terreiro me incentivando, eu vou conseguir.”

(Simone Aparecida Silva de Lucena – 49 anos, Data: 21/09/1973)

Ìtán de Exu

“E hoje com o avanço tecnológico na sua caminhada junto de Ogum, a comunicação virtual. Exu está à frente, porque está sempre disposto a fazer a interlocução entre o mundo dos vivos e o mundo dos mortos, entre o mundo dos vivos e o sagrado entre a Terra e o céu”. (Narrativa do Ìtán de Exu por: Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Ògún porque é Ele o administrador desse terreiro, tudo é feito sob a orientação dele. Exu, porque vem primeiro, por isso é o NACO, Núcleo de atendimento a comunicação, todos que aqui chegam levam suas questões para Exu. Qual é o seu problema, desemprego? Então vai pra NADETEC, falar com Ògún. É problema jurídico, vai para o NAJUR, falar com Xangô. É problema familiar, controle da natalidade, violência doméstica vai conversar com Yemojá”. (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá, em, 17/12/22)

“É por isso que no Ilé Aṣé Ògún Àlákòró, o Núcleo de Comunicação, está na liderança de Exu, porque Ele é o único oficialmente que pode favorecer a comunicação entre as pessoas, mantendo essa tríade de um equilíbrio físico, mental e espiritual”. (Ìtán de Exu, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Quando foi março ou fevereiro, não lembro bem, eu fui jogar com o pai Paulo, e aí dona Sônia, me falou sobre o curso de costura que começaria no dia 30 de abril de 2022, particularmente, gosto de costura, mas não tinha aquela afinidade e aí esperando, dona Sônia confirmar o início da aula. E o início foi surpreendente né? A Renata foi no dia 30 de abril de 2022, para uma aula inicial de costura no Quilombo Kilombá com a vida totalmente sobrecarregada de problemas e exatamente ao iniciar a aula foi uma apresentação, falou sobre costura, falou sobre ancestralidade, falou sobre o poder das ervas medicinais, falou sobre a evolução, sobre o empreendedorismo, sobre várias coisas que a gente pode chegar onde quisermos né? E esse dia 30 foi o divisor de águas na minha vida”. (Renata Pereira Alves-34 anos) Data: 06/10/2022.

“Exu é efetivamente aquele que Deus confia a torna-se mais um a fazer a diferença, capaz de fazer qualquer indivíduo se tornar uma pessoa melhor. Porque com as impressões digitais nós enxergamos a singularidade de dentro da pluralidade, por isso Exu é múltiplo, Exu é plural, Exu é o espiral que mesmo sem sair do seu lugar, está em todos os lugares”. (Ìtán de Exu, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá)

“Conheci, aos poucos, as mulheres. Conheci uma senhora (hoje falecida), que tinha um trabalho comunitário com material reciclável (D. Sônia). Essa senhora foi quem me apresentou para a comunidade. Ficamos um bom tempo trabalhando juntas. Sempre que eu queria entrar na comunidade D. Sônia me inseria. Quando, Sônia faleceu, eu já conhecia parte da comunidade”. Ariane Teles (Iwin Funpe – Osi Iya Efun Data: 12/10/2022

“Então hoje eles têm noção da existência e da coexistência, despertar neles talentos adormecidos, ou obstruídos pela blindagem cognitiva, traze-los para o empoderamento, tanto os homens quanto as mulheres”. (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá, em, 17/12/22)

Ìtán de Xangô

“A nossa atuação deve ser baseada na responsabilidade, esse é um dos desígnios de Xangô que nos leva a compreender que a retidão e a verdade se fazem necessárias para que possamos exigir o cumprimento das emanações da divina justiça. Foi assim que Olodumare organizou o reino de Oyó, ouvindo as pessoas, vivenciando os fatos para que pudesse fazer então, uma avaliação e dar oficialmente o resultado final para que pudéssemos ter a cidade reestabelecida em harmonia, alegria, em amor, em felicidade, em retidão, em verdade, em justiça”. (Ìtán de Xangô, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá).

“Esse olhar, embora o trabalho inicial tenha sido com as mulheres, eu poderia dizer Yemojá. Mas, essa construção foi alicerçada por Xangô. Fiquei muitos anos participando do Òsé (troca mensal das águas que ficam armazenadas dentro de talhas de barro) de Xangô. Ele, trazia todas as orientações de como trabalhar com a comunidade. A questão da justiça (não necessariamente a justiça com cunho jurídico), mas, sim voltada para os direitos de igualdade. Esse sempre foi o meu olhar”. Ariane Teles (Iwin Funpe – Osi Iya Efun) Data: 12/10/2022

Ìtán de Iemanjá:

“Quando Olodumare determina que Iemanjá, a mãe dos filhos peixes será a responsável pela modelagem das cabeças do ser humano, tem como compromisso absorver toda inteligência armazenada na cabeça dos peixes, que movimentam a preservação da coletividade. Iemanjá tem como compromisso nessa essência maternal dar a importância a veracidade, da coletividade, por isso vemos os peixes nadando em cardume. Todo esse processo do coletivo está na cabeça, porque a cabeça é a primeira parte do corpo que nasce e a última a morrer”. (Ìtán de Iemanjá, narrativa de Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá).

“É problema familiar, controle da natalidade, violência doméstica vai conversar com Yemojá. No início distribuíamos enxoval de bebês, e a maioria das mães eram adolescentes, então começamos a refletir com a orientação de Yemojá que estávamos incentivando essas gestações na adolescência, mas do que acolhendo, então resolvemos chamá-las e apresentar o peso da responsabilidade de largar a boneca para cuidar de um bebê. Porque o bebê, vai chorar, vai ter fome, vai ficar doente, vai ter movimentos que não vai ser simplesmente agora eu não quero brincar, vou deixar aqui, o bebê vai ser uma brincadeira de manhã, de tarde e de noite. E assim conseguimos dá um freio,

fazendo o controle dessa natalidade na adolescência. Porque na realidade, elas ainda não estavam preparadas, porque não tinham escolaridade, os órgãos ainda não estavam formados, então ainda tinham esse prejuízo ginecológico. E com a orientação de Yemojá e do corpo de membros do terreiro que são da área da saúde e da assistência social, nós conseguimos reverter a situação “. (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá, em, 17/12/22).

“Aprendi muito, estou aprendendo, principalmente sobre coletivo! Hoje não penso só em mim e nos meus, foi meu maior despertar! “

“O terreiro além de desmistificar muitas crendices falsas! O que vejo são pessoas que se respeitam, se ajudam e ao próximo em sua evolução, dando ferramentas, empoderamento, mostrando que não somos iguais, mas podemos sim, viver em harmonia, crescer no coletivo muita gratidão.” (Simone Aparecida Silva de Lucena – 49 anos, Data: 21/091973).

8.4. O que aprendemos e o que colhemos com as experiências que vivenciamos com a comunidade de terreiro e com a comunidade remanescente quilombola do entorno?

A partir das narrativas dos membros do terreiro e dos membros da comunidade do entorno, verificamos que de fato há um relacionamento estabelecido, amigável e fértil entre as duas comunidades. Percebemos a existência de uma relação de respeito, parceria e cuidados. A comunidade do entorno descobre com as ações que o terreiro desenvolve, possibilidades de mudança de vida e isso não se refere a conversão religiosa, mas sim, ao resgate da cidadania, como afirma uma moradora da comunidade:

Essas ações tem ajudado demais a comunidade e nos abri novos horizontes, não tenho palavras para dizer e agradecer por tudo que vocês fazem por nós. (Elisangela da Cunha Pereira – 34 anos - Data: 25/11/2022)

Quando cruzei os portões do quilombo ou axé (como chamamos) me deparei com um mundo que não imaginava! Eu e as meninas somos de religião diferentes! A cada sábado nos surpreendíamos com tudo que nos ofereciam voluntariamente! impactada com tanto de conhecimento e, humanidade. (Simone Aparecida Silva de Lucena – 49 anos, Data: 21/091973).

O terreiro por sua vez se ressignifica, na medida que abre seus portões, partilha seus conhecimentos ancestrais e promove a comunicação e o entrelaçamento entre as comunidades.

O primeiro projeto real, desenvolvido pelo grupo que acreditava nas minhas propostas, foi uma biblioteca comunitária. A leitura é libertadora, atrelado a essa

proposta tínhamos o viés do acesso à cultura. Foram desenvolvidos eventos maravilhosos por meio do trabalho dentro da biblioteca. Foi, um momento, de grande efervescência, o Asé literalmente consegue abrir as portas. Penso, que a relação que foi construída, ultrapassou a questão da benevolência. Aquelas senhoras que ao mesmo tempo compartilhavam comigo suas angustias, me convidavam para: casamento, festa de aniversário, entre outros momentos. Passei a ser para elas uma referência na escuta.

(Ariane Teles - Iwin Funpe – Osi Iya Efun -Data: 12/10/2022).

[...]Tanto eu como meus irmãos temos o compromisso de nos doar em prol da comunidade, seja com as palestras, com orientação pedagógica em termos de cursos para que eles resgatem a cidadania deles. Jorge (Oba Siw Aju -Data: (12/10/2022)

A existência do terreiro naquele território ganha sentido e realiza a profecia de Ogum, quando disse ao seu filho, o Babalorixá Paulo José Reis:

[...]Alguns membros do terreiro acharam que deveríamos repensar a ideia de ficar aqui, alegando que ninguém viria aqui devido à grande distância e a falta de mobilidade. Fui consultar Ògún, ele me disse: “Quem quiser ir embora vá, eu não vou, já estou em minha casa, e o senhor tem uma missão a cumprir nesse lugar”. Então reuni a comunidade do terreiro para juntos fazermos alguma coisa por aquelas pessoas. Iniciamos com o apadrinhamento das crianças, depois passamos a distribuir semanalmente sopas, cestas básicas mensalmente, enxoval de bebê. Sempre consultando Ògún, a cada atividade. Um certo dia, Ògún disse: “Dê o anzol não dê a pesca”. A partir desse dia passei a refletir sobre como poderia continuar colaborando com aquela comunidade, entendi então que precisava dar empoderamento a eles para que fossem buscar os seus direitos, para que pudessem romper com a blindagem cognitiva, trazendo a potencialidade para que se descubram, sabendo exatamente quem eles são, o que fazem aqui, pra que estão aqui, por conta dessa legitimidade de serem remanescente quilombola. Porque durante anos as pessoas nem tocavam nisso, para poder enterrar oficialmente a existência deles”. (Paulo José Reis- Oni Lewa N’jo- Babalorixá, em, 17/12/22).

O trabalho realizado pelo terreiro propõe ações pedagógicas, políticas e jurídicas no sentido de enfrentar as situações de discriminação e racismo, a partir da inspiração e força da espiritualidade. Acreditamos na importância da aproximação entre a comunidade local e o terreiro propriamente dito, pois a partir do diálogo e de ações que os aproximem é possível estabelecer um relacionamento baseado no respeito e na solidariedade.

Entendemos que a releitura de mitos africanos a partir de sua inserção no cotidiano das comunidades de matrizes africanas podem promover a aproximação, o entendimento e a desconstrução de conceitos pré-estabelecidos e secularizados em relação aos afrodescendentes e as comunidades de terreiro.

CAPÍTULO 9. A Consciência Ecológica Como Base para o Entrelaçamento entre Natureza-Ser humano-Orixá

A chegada ao território brasileiro, dos africanos sequestrados de suas terras, marca também o início das religiões de matrizes africanas no Brasil. Pois, nos porões daqueles navios haviam princesas, sacerdotisas guardiãs da memória e do sagrado. Já em solo brasileiro todos os cultos que vieram guardados na memória coletiva desses grupos e em seus corpos físicos, se fundiram com os conhecimentos daqueles que aqui já estavam, e se transformaram no que hoje conhecemos como Candomblé brasileiro.

Com a colaboração de Exu, que é inerente ao tempo e ao espaço geográfico, que está onde o corpo físico vivo está, com sua ação rápida e espiral, Exu tornou possível a recriação do culto aos Orixá inspirando, astúcia, coragem e poder de realização, nas três princesas africanas Iya Kalá, Iya Detá e a Iya Nassô, fundadoras do candomblé no Brasil.

Nesse barco, encontramos os quatro elementos fundamentais para nossa existência: a terra (Naná), o fogo (Xangô), a água (Oxum) e o ar (Oxalá). O culto aos Orixá em sua sabedoria faz essa associação dos elementos da natureza aos Orixá dada a importância desses em nossa vida.

O território brasileiro torna-se um grande assentamento de resistência, ressignificações e reexistência. A vivência do sagrado de matriz africana é compreendida a partir das lógicas de inseparabilidade, humanidade-Terra-natureza, humanidade-divindade-transcendência, o igual -o outro -o diferente. Assim como afirma Machado (2019):

[...]Para o povo de Orixá, o mato, a pedra, a água, o fogo, tudo tem importância renovadora para a vida dos seres humanos. Daí é que jaqueiras, gameleiras e cajazeiras centenárias fazem parte da paisagem e da vida do terreiro. (MACHADO, 2019, p.46).

Vanda Machado, realça a importância do entrelaçamento entre pessoas, natureza, tradições e cultura. É tudo uma coisa só, esses elementos coexistem.

[...]Os elementos do Orun ou mundo sobrenatural intercomunicam-se com os elementos do Aiyê, mundo natural. Entende-se assim, que não há dicotomia entre o que é ciência, natureza, pessoas, vida e o que é tradição e cultura. (MACHADO, 2019, p.123).

O terreiro constitui-se em um espaço privilegiado para o entendimento e vivência desse entrelaçamento, uma vez que o culto aos Orisás não é possível sem o compromisso com a preservação da natureza. Existe um provérbio africano que diz: “*Kosi ewe, kosi Orisa*”, *sem folhas não se pode cultivar Òrìsá*”. Esse conceito de folha, diz respeito a todos os elementos da natureza sem os quais não é possível a realização do culto. Ainda sobre a importância das folhas para o sagrado no Candomblé, segue a transcrição da narrativa do Babalorixá Paulo José Reis, do Ilé Aşé Ògún Àlákòró:

“No Candomblé encontramos o grande ensinamento do cuidado com a natureza como um todo. A prática cotidiana leva os membros desta religião a viver em comunhão profunda com a natureza. A vida cotidiana é marcada por uma relação de troca permanente onde banhos, chás, alimentos, ofertas passam por este encontro profundo com tudo o que é criado. A preservação da água, das plantações das ervas, reciclagem de objetos usados em cerimônias são alguns exemplos destas ações responsáveis e carinhosa, que manifesta a busca por uma vida saudável, buscando autossustentabilidade e reutilizando o que a natureza nos oferece. Egba, egba, enigba lati bere Feran Aye, (Qualquer hora é hora de começar a amar a natureza)”. (Diário de campo, junho de 2022)

Num tempo onde antropocentrismo torna-se cada dia mais potente nas relações do humano com a natureza, a preservação de espaços como os terreiros onde a sabedoria ancestral é ensinada aos mais novos para que possam se tornar cidadãos comprometidos não só com a vivência do sagrado, mas com a preservação do ambiente é muito importante. Assim como afirma um membro do terreiro Ilé Aşé Ògún Àlákòró:

[...] mesmo sendo filho de Xangô, eu me relaciono muito com Ossaim porque eu procuro mostrar que na natureza, antes de retirar uma planta nós já temos que estar pensando em colocar outra no lugar. Não adianta tirar uma árvore e deixar descampado, aqui nós usamos muitas folhas, folhas de bananeira mesmo, por exemplo, o Ipesan, que é árvore de descarrego. [...] todos nós precisamos de sustentabilidade e esse território é muito rico de vegetação, então nós precisamos aprender a cuidar desse espaço, que pode trazer até o nosso sustento. Se você cortar todas as árvores o que você vai manter? Então eu me apeguei muito a Ossaim, sendo eu de Xangô. Jorge (Oba Siw Aju-Data: 12/10/2022)

O que faz dos terreiros lugares de quebra de paradigmas e ressignificações desconstruindo conceitos racistas enraizado há séculos em relação as suas práticas religiosas. Diante desses fatos temos a responsabilidade de credibilizar com urgência outros saberes que se apresentam através de outros corpos, de rezas, de cantigas, de silêncio, do murmúrio das águas, do soprar dos ventos. É necessário reconhecer a contribuição dada pelos povos de terreiro no que se refere a preservação da vida com qualidade, sem desperdícios e consumo exacerbado.

9.1.Mitos, ritos e natureza

E a um Òrísá é dado o poder sobre todas as folhas, plantas e flores, o poder de cantar e encantar para que tenhamos a cura de nossas enfermidades através das folhas e nos alegremos com a beleza das flores. Esse Orisá, chama -se Òsányìn, Ele vive nas matas acompanhado de seu ajudante Aroni. É o guardião das ervas e possui o grande poder de curar através de suas folhas encantadas.

O Ìtán de Òsányìn diz que “um dia ele reuniu em uma cabaça todas as folhas e a pendurou em uma árvore, não permitindo que os outros Orisás as tocassem, porém, Xangô, senhor da justiça incomodado com essa atitude, sentenciou que Òsányìn, dividisse as folhas entre todos os Orisás, mas Òsányìn, não obedeceu, então Xangô, ordenou Óya, que espelhasse as folhas com a força de seus ventos para que todos pudesse usufruir das mesmas. Mas, ao perceber o movimento das folhas, Òsányìn as chamou de volta, e elas obedeceram. Algumas ainda ficaram em poder de Xangô, mas perderam o poder de cura. Xangô, então reconhece a vitória de Òsányìn. Mas Ele decide dá uma folha para cada Orisá, com seus axés e seus ofós(segredos), porém os segredos mais profundos dos encantamentos só Òsányìn possui.” (SANTOS, 2021, P.9).

O Ìtán de Òsányìn, nos dá importantes lições de compromisso e comprometimento com a vida. É preciso romper com o binário natureza-cultura. As folhas encantadas de Òsányìn nos remetem as outras possibilidades de vida na floresta, na água. Nos convida a buscar uma vida saudável, com menos consumo e com respeito ao tempo de nascer, crescer, florescer, para aí então desfrutar dos frutos que a terra sagrada nos dá.

Partindo do entendimento de que os mitos, possuem a missão de educar, orientar as ações humanas. Uma das riquezas do candomblé está na observância desses preceitos,

mantendo viva a oralidade e a transmissão dos Itans dos Òrìsá, seja através dos gestos na dança, na contação de histórias, nas cantigas, nas oferendas e ornamentações.

9.2. Resignificando ritos no candomblé

Quem for consciente e corajoso entenderá que os ritos podem e devem ser adaptados às transformações do planeta e da sociedade. Os ritos se fundamentam nos mitos e nestes estão guardados ensinamentos valorosos. O rito pode ser modificado, a essência dos mitos jamais. (Mãe Stella de Oxóssi, Iyalorisá do Ilé Asé Opo Afonjá, 2015).

Esse trecho é parte do artigo intitulado, “Presença sim! Presente não! Publicado no jornal da Tarde em Salvador- BA, em 21 de dezembro de 2015. Com essa publicação Mãe Stella declara que a partir de 2016, seus filhos e filhas não irão mais poluir o mar com presentes que causam a morte dos peixes e a poluição das águas. Toda oferenda consistirá em cânticos e danças em homenagem e agradecimento, a grande mãe das águas salgadas, senhora de todas as cabeças, Yemojá.

Maria Stella de Azevedo dos Santos, como era conhecida na sociedade civil, mas no mundo espiritual atendia por Odé Kayodé, (O caçador de alegrias). Fazendo justiça ao Orixá de seu ori (cabeça), a Ialorixá esteve sempre a frente de seu tempo, caçando possibilidades de transformações nas ações cotidianas que de alguma forma não traziam benefícios para vida da comunidade. Oxóssi, é o senhor da consciência, sua sabedoria nos inspira a buscar de forma responsável e consciente a preservação do meio ambiente para garantir a vida e vida de qualidade para todos. A Ialorixá, faleceu em 27/12/2018, deixando esse importante legado para todas as comunidades de terreiro e para a sociedade. É sempre tempo para mudar, reavaliar, sem perder a essência. Oxóssi nos ensina o poder da caça prudente, necessária para manutenção da vida, que em nada se assemelha a caça movida pela ganância do lucro, praticada em desrespeito às leis da floresta. Ele é o Senhor da consciência, da estratégia, das ações silenciosas e refletidas. Profundo conhecedor do interior das florestas, evoca o sentido do nascimento, renascimento para a vida da coletividade. Oxóssi, garante que a vida não venha a se extinguir, que as futuras gerações possam nascer, crescer, reproduzir e constituir-se ancestral, para então renascer. Cumprindo o ciclo do eterno retorno. A Oxóssi devemos a capacidade de refletir e agir com sabedoria. A nossa vida e a vida das gerações vindouras dependerão da flecha que atiramos hoje, que ela seja única e certa.

Òsányìn, nos convoca ao re encantamento, a sassanha é necessária para que o encantamento de nossas ações resulte em transformações concretas em nossa sociedade.

EWE! EWE!

A figura abaixo traz informações sobre uma planta muito usada nos terreiros para devolver o silêncio e o equilíbrio para as cabeças (ori).



Fonte: https://www.instagram.com/p/CWVgGWyMtII/?utm_source=ig_web_copy_link/ Figura:19

A figura abaixo trata-se de uma roda de conversa realizada no terreiro para troca de saberes sobre ervas medicinais.



Fonte pessoal da autora. Figura:20

FECHANDO A GIRA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou em um Xirê (roda de candomblé onde só as mulheres iniciadas participam) de pensamentos e palavras, construir e registrar os feitos de uma comunidade de terreiro, que se importa, que cisma, que insiste, resiste e acredita que a vida daqueles que os cercam pode ser bem melhor, e será.

Buscando na sabedoria ancestral os caminhos, as orientações para melhor proceder no cumprimento de suas missões em território de características também ancestral. Esta pesquisa tinha como pergunta: O que nos ensinam os Itán? Constatamos que muito nos ensinam, pois na palavra de Ogum, o Senhor dos caminhos os membros do terreiro e da comunidade do entorno, encontraram as ferramentas e orientações, entre elas de que é preciso “ensinar a pescar e não dar o peixe”, a comunidade quilombola, entende que precisa a partir de suas próprias potencialidades encontrar os caminhos e fazer-se senhor/a de sua história. Xangô, o grande Senhor da justiça e da equidade, não se acalma em ver os seus desprovidos de seus direitos, de sua dignidade, em seu ímpeto por justiça impulsiona a comunidade de terreiro a lutar junto aos remanescentes quilombolas, para buscar e conquistar seus direitos. Iemanjá, a mãe que a todos acolhe em seu grande mar de amor e disciplina, convida a todos a fortalecer os laços familiares, a estabelecer relações de estrutura familiar sólidas e nos ensina que a família pode ser constituída de diferentes formas, assim como o mar que se apresenta de diferentes maneiras a cada dia, sem, contudo, deixar de ser mar. Se o espelho de Iemonjá reflete o equilíbrio que precisamos alcançar, o espelho de Oxum, reflete o autocuidado, o respeito que precisamos ter com nosso corpo de mulher, não por sermos frágeis, mas porque nosso corpo é templo onde vidas são geradas. Esse poder de gerar vidas conferido a Oxum, e a todas nós, nos dimensiona do nível de importância que temos na sociedade. Oxum nos alerta para o nosso posicionamento político e social, pois somos nós as gestoras desse mundo. E o último, mas que também é o primeiro, Exu, no seu rodopio espiral, de possibilidades nos garante a possibilidade da comunicação, aquele que faz o certo virar errado e o errado ficar certo. Aquele que confunde os inimigos, mas que também agrega os membros de duas comunidades que se encontram para fazer valer a vida de nossos ancestrais.

Sim, os Ìtán nos ensinam que é possível vencer essa batalha do colonialismo/racismo que quer nos aniquilar. Os terreiros constituem-se em territórios que se organizam a partir desses ensinamentos ancestrais, numa perspectiva, comunitária e participativa. Os terreiros reproduzem na diáspora os espaços sagrados dos Orixá, tomando os elementos da natureza como moradia dos Deuses. Nesse território há também uma outra dinâmica de vida, de relações interpessoais e de tempo. Assim como afirma Rufino (2020):

Assim, nos terreiros, o “sou” dá lugar ao “somos” - a pertença, a memória e o conhecimento são compartilhados em comunidade. O que chamam de ancestralidade é o fiar cotidiano da partilha, do passar adiante, da amarração do elo entre aquele que já fez o caminho e o outro que ainda irá caminhar. Ancestralidade é o alargamento do presente, o não esquecimento e a vida pulsando.

Nesse sentido, o novo e o velho se fundem em uma outra forma de sentir. [...] Nas experiências de terreiros, existem novos que são velhos e velhos que são novos. Esse fundamento miudinho plantado nas pertenças, comunidades e práticas não pode ser assombrado pela obsessão dos olhos de grandeza. Para isso, nas voltas que o mundo dá, Ifá nos lembra que a continuidade e o vigor das existências se firmam entre o novo que vem do velho e o velho que vira novo. (RUFINO,2020, p.182-183).

Nesta perspectiva de “pertença” dita por Rufino, que esta pesquisa ousou usar em seus métodos a linguagem macumbeira como dizem os autores Simas e Rufino, uma ousadia necessária para a academia que queremos hoje. Esta pesquisa revela que é possível fazer um trabalho acadêmico a partir de outras epistemes, de outro chão, do chão dos quilombos, das favelas. Mas revela também que ainda há muita estrada para caminhar, muitos ebós para desfazer as amarrações hegemônicas que ainda nos impedem, de fazer esse “velho vira novo”.

Fica esta contribuição, na expectativa de que novas pesquisas serão construídas a partir da realidade de sua/eu pesquisadora/or.

Fica também o desejo de aprofundamento nas questões do racismo religioso e dos estudos dos Ìtán.

Referências

- ALMEIDA, Silvio Luiz de. Racismo Estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaira, 2020.
- BASTOS, Geraldo da Silva. Mulheres Que Rezam e Curam: Narrativas e Resistências em Nova Iguaçu, Baixada Fluminense (RJ). Dissertação de Mestrado – Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de comunidades e Ecologia Social, do Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2020.
- BISPO, Antônio dos Santos. Colonização, Quilombos: Modos e Significações. 2ªed. Ayó, Brasília, 2019.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Senado, 1988.
- Cidades.ibge.gov.br/brasil/rj/
- COSTA, C. G. & SOUZA, R. P. M. O Contexto Político da Produção de Ignacio Martín-Baró, Cadernos Prolam/USP-Brazilian Journal of Latin American Studies, v. 19, n. 36, p. 20-40, jan./jun. 2020.
- COSTA, José Fernando Andrade. " Fazer para transformar": a psicologia política das comunidades de Maritza Montero. Revista Psicologia Política, v. 15, n. 33, p. 269-283, 2015.
- FALS BORDA, O. Cómo investigar la realidad para transformarla. In: FALS BORDA, O.; MONCAYO, V. M. Una sociología sentipensante para América Latina, México: Siglo XXI Editores; Buenos Aires: CLACSO, p. 253-301, 2015. ISBN-13: 978-607-03-0679-2
- FALS BORDA, O. Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia. In: FARFÁN, N. A. H.; GUZMÁN, L. L. (comp.). Ciencia, compromiso y cambio social. 2 ed. Montevideo: Editorial El Colectivo, Colección: Pensamiento Latinoamericano, p. 265-282, 2014. ISBN: 978-9974-0-1125-0
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para liberdade, Rio de Janeiro: Paz eTerra, 1984.
- FREIRE, Paulo. Educação e Mudança. Ed. Paz e Terra. São Paulo, 1976.
- FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2008.
- FREIRE, Paulo Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

GOMES, Edilaine de campos & OLIVEIRA, Luís Claudio de. O Tradição dos Orixás: Valores civilizatórios afrocentrados. Mar de ideias – Navegação Cultural; IPAFRO – Instituto de Pesquisa e Estudos Afro-Brasileiros, 2019.

GOMES, Nilma Lino. Cotas étnicas. Seminário Ampliação do acesso à universidade pública: uma urgência democrática, 09 de maio de 2003. UFMG, p. 1-9. Disponível em: <https://silo.tips/download/cotas-etnicas-1-nilma-lino-gomes-2>. Acesso em: 10 out. 2019.

HADDOCK-LOBO, Rafael. Abre-caminho – Assentamentos de metodologia cruzada. Rio de Janeiro:Ape’Ku,2022.

KILOMBA, Grada. Memórias da Plantação- episódios de racismo cotidiano.1ª ed.- Rio de Janeiro: Cobogó,2019

MACHADO, Vanda. Irê Ayó: uma epistemologia afro-brasileira – Salvador:EDUFBA,2019.

MARTINS, Leda. Afrografias da memória: O Reinado do Rosário no Jatobá. 2º. ed., rev. e atual.- São Paulo: Perspectiva: Belo Horizonte (MG):Mazza Edições,2021.

MONTERO, M. La Participación y el compromiso en el trabajo communitario. In: Introducción a la psicología comunitária. Desarrollo, conceptos y procesos. Editorial Paidós.1º. ed. Buenos Aires, Argentina, 2004.

NASCIMENTO, Beatriz. Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos; Organização Alex Ratts. 1ª.ed. Rio de Janeiro: Zahar,2021.

NOGUEIRA, Sidnei, Intolerância Religiosa. São Paulo: Editora Jandaira, 2020.

REIS, Paulo JOSÉ. Narrativas de Itán. Rio de Janeiro: 2023.

RUFINO, Luiz. Pedagogia das Encruzilhadas. Rio de Janeiro: Maroula,2019.

SANTOS, Antônio Bispo dos. Colonização, Quilombos – Modos e significações. 2º.ed.- Brasília: Ayó,2019.

SANTOS, Maria Stella de Azevedo, DOMINI, Graziela. O que as folhas cantam (para quem canta a folha). 2º.ed. – Rio de Janeiro: Autorale,2020.

SOUZA, Neusa Santos. Torna-se negro. 1º.ed. – Rio de Janeiro: Zahar,2021.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz Flecha no tempo. 1.º ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2019.

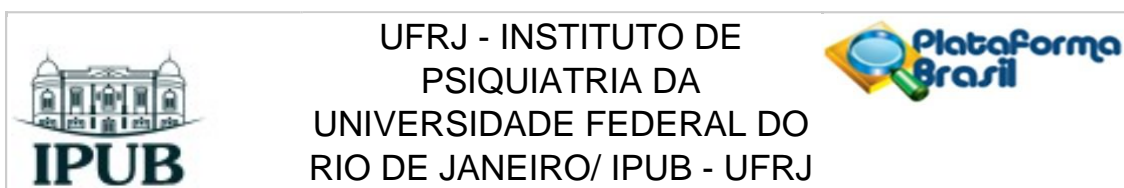
SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz. A ciência encantada da macumba. 1º.ed. -Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SIMAS, Luiz Antônio & RUFINO, Luiz, HADDOCK-LOBO, Rafael. Arruaças-Uma filosofia popular brasileira. 1º.ed. -Rio de Janeiro: Bazar do Tempo,2020.

STRECK, Danilo Romeu. Por uma pedagogia da participação. In: STRECK, Danilo Romeu. Dizer a sua palavra: educação cidadã, pesquisa participante, orçamento público. Pelotas, RS: Seiva, p. 85-114, 2005.

STRECK, Danilo Romeu et al. Educar pela participação, democratizar o poder: o legado freiriano na gestão pública. Educação em Revista. UFMG. 2017. Disponível em <https://doi.org/10.1590/0102-4698167880> Acesso em 14 de set. de 2021

ANEXO 1.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O que nos ensinam os Itán? A Mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento a intolerância religiosa

Pesquisador: JANETE BAPTISTA DO

NASCIMENTO Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 63875422.1.0000.5263

Instituição Proponente: Universidade Federal Do Rio de Janeiro

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.746.298

Apresentação do Projeto:

Projeto encaminhado pela CONEP para avaliação pelo CEP IPUB-UFRJ

Título Público da Pesquisa: O que nos ensinam os Itán? A Mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento a intolerância religiosa

O estudo pretende dialogar com as experiências vivenciadas pelos membros da Comunidade de Matriz Africana, Ile Asé Ògún Alakoro, situado no Município de Magé – RJ. Que estabelece uma relação com a comunidade remanescente do Quilombo de Bongaba, situada no seu entorno. Esta relação se dá através dos Núcleos de Atendimento, onde os Orisás Esu, Ògún, Sango, Yemojá e Osun são (re)apresentados à comunidade numa perspectiva de desconstrução de ideologias, comportamentos e atitudes racistas em relação ao culto dos Orisás. Tendo em vista os diversos ataques que as religiões de matrizes africanas vêm sofrendo ao longo dos tempos, suscita-nos a necessidade de buscar pistas que possam contribuir para a resistência frente a intolerância religiosa fruto do racismo, característica da colonialidade branca, cristã e heteronormativa. Sendo assim, pretendemos através desse diálogo buscar

entendimentos sobre como os Ìtán apresentados através desses Orisás, são acolhidos pela comunidade e como se dá essa aproximação dos remanescentes quilombolas com o terreiro e como os membros do terreiro veem a comunidade de seu entorno. A pesquisa apresenta caráter qualitativo e se desenvolverá através de narrativas biografias dentro de um contexto de oralidade a partir dos estudos dos autores, BENISTES(, BISPO(2015), FREIRE(1984;1976;2008), MACHADO(2019) para reflexão das questões relacionadas ao racismo e a intolerância religiosa nós apoiaremos nos estudos de ALMEIDA(2019), GONÇALVES(2007).

Objetivo da Pesquisa:

Parte da hipótese das diversas ocorrências de violações que vem ocorrendo com os membros das religiões de matrizes africanas, sobretudo na região metropolitana do Rio de Janeiro. Testemunhamos os vários ataques que os membros do terreiro vêm sofrendo por parte de membros das igrejas neopentecostais, incentivados pelas pregações de seus pastores que alimentam em seu discurso o ódio, a discriminação e a demonização dos Orisás. “A violência aumenta à medida que o presente se aproxima do passado” (KILOMBA, 2019, p.22).

Objetivo Primário:

Objetivo Geral: A pesquisa tem por objetivo central compreender como se dão as relações entre o terreiro e a comunidade de seu entorno, buscando discutir as possíveis contribuições dos Ìtán para a promoção de participação na vida comunitária.

Objetivo Secundário:

- Compreender como os membros do terreiro veem a comunidade do entorno; - Verificar como a comunidade acolhe as ações sociais desenvolvidas pelo terreiro;
- Identificar possíveis experiências de racismo e seus respectivos enfrentamentos;
- Discutir como as releituras dos Ìtán da cultura yorubá colaboram com o enfrentamento da intolerância religiosa.

-

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

De acordo com o pesquisador:

Riscos:

O cuidado com o entrevistado estará presente em todas as fases do estudo. Sempre com um acompanhamento respeitoso de seu testemunho.

Haverá clareza e transparência na explicação dos objetivos da pesquisa e do conteúdo do Registro de Consentimento Livre e Esclarecido. Os riscos estão relacionados à possibilidade de o entrevistado abordar algum assunto que mobilize emoção e causem desconforto. O entrevistado tem a liberdade em escolher participar da pesquisa e, a qualquer momento, haverá a possibilidade de interromper sua participação, momentaneamente ou definitivamente. Caso isto ocorra, haverá um suporte pessoal e focal para o participante. Entretanto, a pesquisa só será realizada com o consentimento dos entrevistados e não há no projeto nada previsto que possa forçar nem expor os participantes.

Benefícios:

A partir de diálogos estabelecidos com os sujeitos envolvidos, serão desenvolvidas ações educativas, e possíveis debates com temas de interesse da comunidade de terreiro e de seu entorno. Nesta perspectiva elaborar um trabalho onde será possível dar visibilidade a ações promovidas pelo povo de santo no intuito de encontrar caminhos para a cidadania e a desconstrução de posturas racistas, pode se tornar um instrumento pedagógico e filosófico no combate a intolerância religiosa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa tem caráter qualitativo e será desenvolvida através do método da narrativa biográfica. Interessa ao pesquisador, verificar como as comunidades do terreiro e do entorno se inter-relacionam mediante as ações sociais do terreiro. Irão dialogar com membros internos do terreiro e membros da comunidade do entorno. No terreiro serão convidados os membros mais antigos e o Babalorisá da Casa; na comunidade do entorno dialogaremos com as lideranças da comunidade, que estão diretamente envolvidas nas ações sociais que o terreiro desenvolve. Farão o diálogo através de rodas de conversa, que serão gravadas com autorização prévia dos participantes e posteriormente transcritas para análise.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

- folha de rosto-adequada
- orçamento por financiamento próprio
- cronograma exequível
- projeto completo e informações básicas adequadamente apresentados
- TCLÉ corrigido

Recomendações:

Não há

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Idem

Considerações Finais a critério do CEP:

De acordo com as normativas do sistema CONEP-CEPS, cabe ao pesquisador: comunicar, via plataforma Brasil, todo o evento adverso ocorrido, bem como seu manejo; toda e qualquer necessidade de alteração (justificada) acerca do desenho original do projeto. Enviar, ao término de pesquisa, o relatório final, sob modalidade "notificação", via plataforma Brasil.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2008044.pdf	03/11/2022 16:01:06		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle_termos_de_assentimento_justificativa_de_ausencia.docx	03/11/2022 16:00:06	JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	Projeto_Detalhado_Brochura_Investigador.pdf	03/11/2022 11:04:22	JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_Janete_Batista_do_Nascimento.pdf	25/10/2022 16:19:41	JANETE BAPTISTA DO NASCIMENTO	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 08 de novembro de 2022

Assinado por:
Rosa Gomes dos Santos Ferreira
(Coordenador(a))

ANEXO 2.



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Instituto de Psicologia
Programa de Pós Graduação em Psicossociologia de
Comunidades e Ecologia Social - EICOS

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE

Você está convidado(a) a participar como voluntário(a) do projeto de pesquisa intitulado, O que nos ensinam os Itãs? A mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento a intolerância religiosa sob a responsabilidade da pesquisadora Janete Baptista do Nascimento, mestranda do curso de Psicossociologia de Comunidades e Ecologia Social – EICOS, sob a orientação da professora Dr^a. Samira Lima Costa.

O projeto pretende dialogar com as experiências vivenciadas pelos membros da Comunidade de Matriz Africana, Ile Asé Ògún Alakoro, situado no Município de Magé – RJ. Que estabelece uma relação com a comunidade remanescente do Quilombo de Bongaba, situada no seu entorno. Esta relação se dá através dos Núcleos de atendimento, onde os Orisás Esu, Ògún, Sango, Yemojá e Osun são (re)apresentados à comunidade numa perspectiva de desconstrução de ideologias, comportamentos e atitudes racistas em relação ao culto dos Orisás. Sendo assim, pretendemos através desse diálogo buscar entendimentos sobre como os Itans apresentados através dos núcleos, são acolhidos pela comunidade e como se dá essa aproximação dos remanescentes quilombolas com o terreiro.

Esta dissertação é um estudo qualitativo e se desenvolverá através de narrativas biográficas dentro de um contexto de oralidade a partir dos estudos de memória e narrativa oral. Serão ouvidos os membros mais antigos do terreiro e o babalorixá, ouviremos também membros da comunidade quilombola do entorno, preferencialmente os moradores mais antigos e aqueles que exercem alguma liderança na comunidade. Esta discussão pretende bordar as temáticas do racismo, da intolerância religiosa e da resistência.

A presente pesquisa tem por objetivo central compreender como se dão as relações entre o terreiro e a comunidade de seu entorno, buscando discutir as possíveis contribuições dos Itán para a promoção de participação na vida comunitária.

Os entrevistados receberão todos os esclarecimentos necessários antes e no decorrer da pesquisa. A identificação dos participantes será resguardada durante todas as fases da pesquisa inclusive após finalizada e publicada.

A participação se dará por meio de entrevista que ocorrerá no Terreiro Ile Asé Ògún Alakoro em data a ser combinada previamente com o senhor e os demais, com um tempo estimado de uma hora para sua realização.

Os riscos decorrentes de participação na pesquisa estão relacionados à possibilidade de os entrevistados abordarem algum assunto que mobilize emoção e causem desconforto. Os entrevistados têm a liberdade em escolher participar da pesquisa e, a qualquer momento, haverá a possibilidade de interromper sua participação, momentaneamente ou definitivamente. Caso isto ocorra, haverá um suporte pessoal e focal para os

participante. Entretanto, a pesquisa só será realizada com o consentimento dos entrevistados e não há no projeto nada previsto que possa forçar nem expor os participantes.

Se você aceitar participar, estará contribuindo para o estabelecimento de diálogos com os sujeitos envolvidos, e serão desenvolvidas ações educativas, e possíveis debates com temas de interesse da comunidade de terreiro e de seu entorno. Nesta perspectiva elaborar um trabalho onde será possível dar visibilidade a ações promovidas pelo povo de santo no intuito de encontrar caminhos para a cidadania e a desconstrução de posturas racistas, pode se tornar um grande instrumento pedagógico e filosófico no combate a intolerância religiosa

Todos os entrevistados podem se recusar a responder (ou participar de qualquer procedimento) qualquer questão que lhe traga constrangimento, podendo desistir de participar da pesquisa em qualquer momento sem nenhum prejuízo.

Não há despesas pessoais para os participantes em qualquer fase do estudo. As despesas adicionais relacionadas diretamente à pesquisa, como: passagem para o local da pesquisa, alimentação no local da pesquisa, xerox, as mesmas serão absorvidas pelo orçamento da pesquisa. Também não há compensação financeira relacionada a sua participação, que será voluntária.

Caso haja algum dano direto ou indireto decorrente de sua participação nessa pesquisa, vocês receberão assistência integral e gratuita, pelo tempo que for necessário, obedecendo os dispositivos legais vigentes no Brasil. Caso senhor sinta algum desconforto relacionado aos procedimentos adotados durante a pesquisa, o senhor pode procurar o pesquisador responsável para que possamos ajudá-lo.

Os resultados da pesquisa serão divulgados na Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, Instituto de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicossociologia de Comunidade

e Ecologia Social -EICOS, podendo ser publicados posteriormente. Os dados e materiais serão utilizados somente para esta pesquisa e ficarão sob a guarda do pesquisador por um período de cinco anos, após isso serão destruídos.

Se houver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor telefone para: Janete Baptista do Nascimento na UFRJ no telefone, (21) 970827337, (21) 2791-0943 disponível inclusive para ligação a cobrar, e no e-mail, netinhabaptista@gmail.com.

Ao persistirem as dúvidas sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você também poderá fazer contato com o Comitê de Ética em Pesquisa – colegiado responsável por revisar todos os protocolos de pesquisa envolvendo seres humanos, inclusive os multicêntricos, cabendo-lhe a responsabilidade primária pelas decisões sobre a ética da pesquisa a ser desenvolvida na instituição, de modo a garantir e resguardar a integridade e os direitos dos voluntários participantes nas referidas pesquisas – da Universidade Federal do Rio de Janeiro - CEP Instituto de Psiquiatria UFRJ (tel. 39380500 ramal 237 email:comite.etica@ipub.ufrj.br Av. Venceslau Brás, 71 fds, Botafogo)

Eu, (-----), inscrito sob o RG(-----), CPF (-----)abaixo assinado, concordo em participar do estudo intitulado “O que nos ensinam os òtán? A mitologia Yorubá como proposta de enfrentamento a intolerância religiosa”. Informo ter mais de 18 anos de idade e destaco que minha participação nesta pesquisa é de caráter voluntário. Fui devidamente informado e esclarecido pela pesquisadora responsável Janete Baptista do Nascimento, inscrita sob o RG 07526754-2, CPF 936.870.107-59, sobre a pesquisa, os procedimentos e métodos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação no estudo. Foi-me garantido que posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto leve a qualquer penalidade. Declaro, portanto, que concordo com a minha participação no projeto de pesquisa acima descrito.

Janete Baptista do Nascimento

Rio de Janeiro, 03 de novembro de 2022.

GLOSSÁRIO:(APÊNDICE 1)

ABIÃ – Posição inferior da escala hierárquica dos candomblés ocupada pelo candidato antes do seu noviciado; em yorubá significa "aquele que vai nascer".

ÀBÚRÒ – irmão (ã) mais novo de idade

ADETÁ - nome sacerdotal

AFONJÁ - uma qualidade de Xangô

AIYÉ – Palavra de origem yorubá que designa o mundo, a terra, o tempo de vida e, mais amplamente, a dimensão cosmológica da existência individualizada por oposição a Òrun), dimensão da existência genérica e mundo habitado pelos Òrisà, povoado, ainda, pelos espíritos dos fiéis e seus ancestrais ilustres.

ÀSE – Termo de múltiplas acepções no universo dos cultos: designa principalmente o poder e a força vital.

ASO – roupa, pano

AYABÁ - orixá feminino, senhora idosa

AYÊ – céu

BÀBÁ – pai

BÀBÁLORÌSÀ – Pai-de-Santo. Sacerdote chefe de uma casa-de-santo. Grau hierárquico mais elevado do corpo sacerdotal, a quem cabe a distribuição de todas as funções especializadas do culto. É o

mediador por excelência entre os homens e os Òrisà. O equivalente feminino é denominado Yalorixá. Na linguagem popular, são consagrados os termos pai e mãe-de-santo.

EBO - Termo que designa, genericamente, oferendas e sacrifícios. Usa-se também trabalho, despacho, feitiço para a limpeza do corpo espiritual e abertura de caminhos.

EBÔMIN – Pessoa veterana no culto; título adquirido após a obrigação de sete anos.

EGBÉ – sociedade, comunidade de pessoas com o mesmo propósito.

ÈLÉDÀ ou ELÉEDA – criador, orixá, guia, criador da pessoa

EWE ASE - folha de árvore

ILÉ – casa, lar, terra, casa-de-santo, chão, solo, terra

IRIN – aço, ferro, vida, ferro de Ògún

ÌTÀN – história, mito.

ÌYÀ – mãe

IYALODÉ - um alto título, líder entre as mulheres, primeira dama

ÌYÁLORÌSÀ - Zeladora do culto, mãe do orixá. Mãe de santo

IYAO - Termo que designa o noviço após a fase ritual da reclusão iniciatória. Em Yorubá significa "esposa mais jovem".

KÉTU – cidade à oeste de Dahome no sul de Porto Novo e à leste de Egba. Também dá nome a uma nação do candomblé no Brasil

LÀ A RÒ YE! – Saudação à Exu (Nos dê entendimento sobre a vida) MÉRÌNDÍLÓGÚN – dezesseis (numeral) também usado para referir-se a um sistema de adivinhação usado pelos iniciados de Orixás que está baseado nos primeiros 16 versos da divindade Ifá (Odú)

OBÌ – noz de cola. Fruto de uma palmeira africana aclimatada no Brasil. Indispensável no candomblé, onde serve de oferenda para os Òrìsà e é usado nas práticas divinatórias simples, cortado em pedaço

ÒRISÀ – Divindade yorubá

Ori – Cabeça

XIRÊ - festa,

OKÙNRIN, ÓKONRIN – homem

